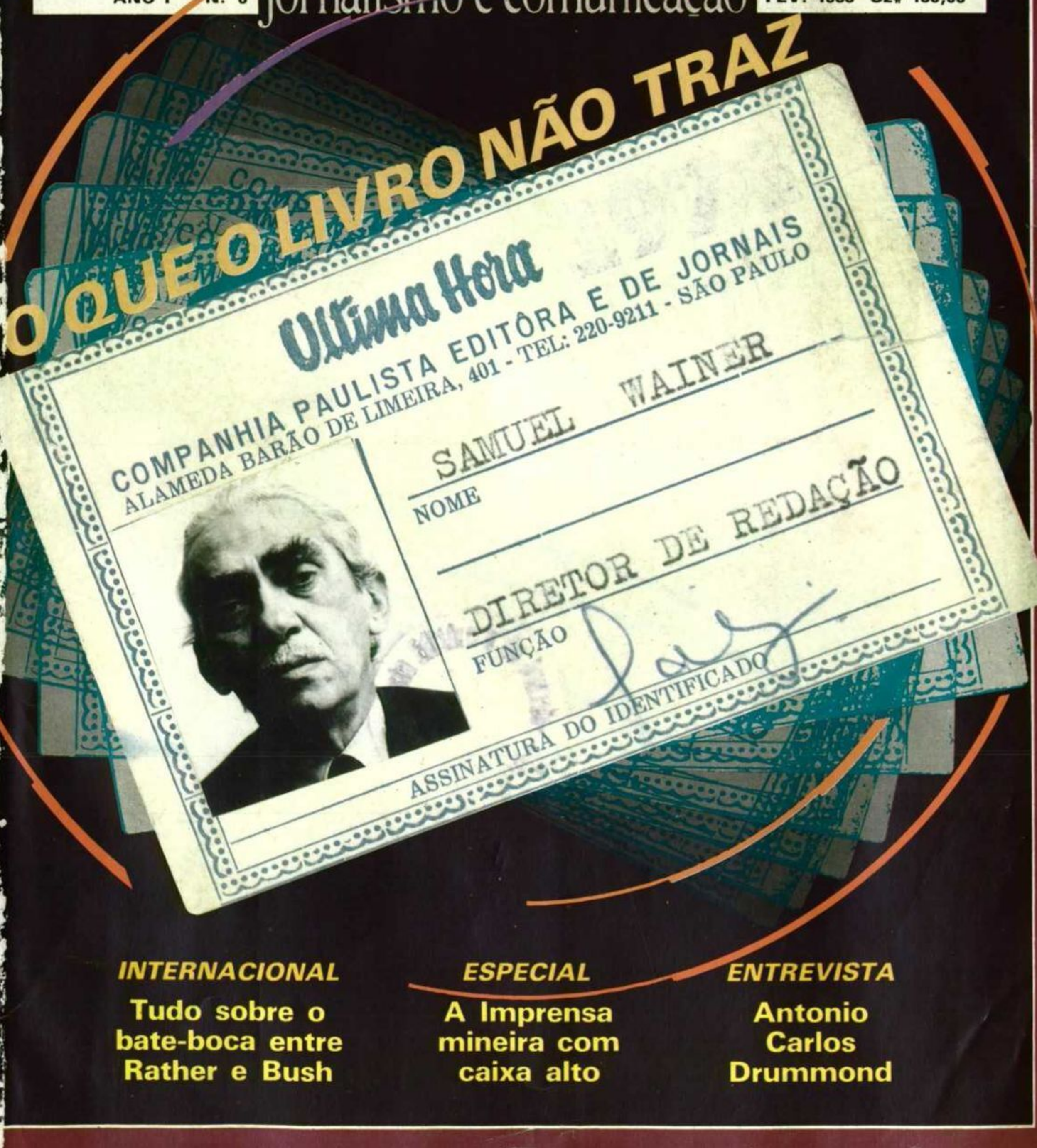
IMPRENSA

ANO I N.º 6 jornalismo e comunicação FEV. 1988 Cz$ 150,00

O QUE O LIVRO NÃO TRAZ



INTERNACIONAL

Tudo sobre o bate-boca entre Rather e Bush

ESPECIAL

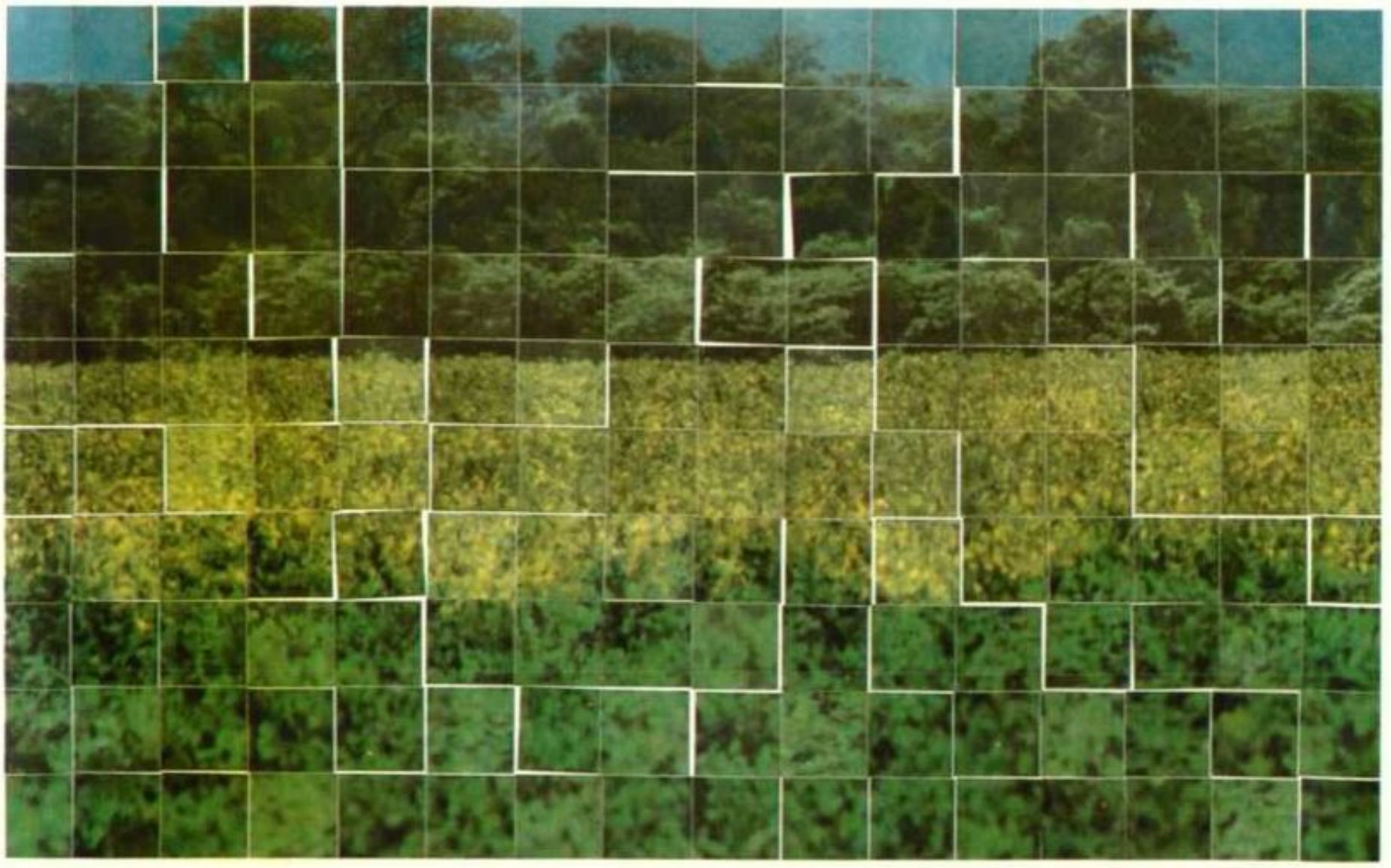
A Imprensa mineira com caixa alto

ENTREVISTA

Antonio Carlos Drummond

QUEM PLANTA SOJA, PLANTA ÓLEOS VEGETAIS, FRANGOS, OVOS, SUÍNOS, LEITE E DÓLARES.

Os plantadores de soja são responsáveis por 95% dos óleos vegetais consumidos no Brasil. O farelo de soja, rico em proteínas, vira ração para os frangos, ovos, vacas leiteiras. É a soja garantindo o abastecimento no mercado interno, e também os dólares para a balança comercial, com aproximadamente US$ 2,5 bilhões a cada ano. A Sanbra, que foi uma das pioneiras no fomento da soja no Brasil, opera em Ponta Grossa um dos maiores complexos industriais do mundo, com capacidade de processar mais de 3 mil toneladas de soja por dia.



SANBRA
SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

PIONEIRA NA TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

PAUTA



Destaque

O interior de São Paulo, rico e moderno, tem seu próprio telejornalismo

SUÍTE 4
MERCADO 6
INFORMÁTICA 8
ECONOMÊS 10
DEADLINE 12
ESPECIAL 14
COLEGUINHAS 30
BRASIL 32
MEMÓRIA 40
RÁDIO 43
TELEVISÃO 44
ENTREVISTA 48
CALANDRA 53
CORRESPONDENTES 56
CESTA SEÇÃO 70
PONTO DE VISTA 73



Capa

OZ Desenho & Associados
Diretores de criação:
André Poppovic, Giovanni Vannucchi e Ronald Kapaz

Minha *Razão de Viver*, a autobiografia de Samuel Wainer, é uma exposição completa sobre as relações entre a Imprensa e o poder no Brasil dos últimos 50 anos. O livro deveria ser adotado em todas as faculdades de jornalismo - não só pela revolução que a *Última Hora* provocou no jornalismo brasileiro mas também porque Wainer expõe, com a crueza das confissões não-revisadas, a máquina de fazer dinheiro que alguns empresários de comunicação operam apenas em seu próprio benefício. Samuel Wainer foi um jornalista engajado e capaz de tudo para manter seu jornal circulando. Pode discutir-se seu engajamento, os métodos que utilizou para conseguir dinheiro para a *Última Hora*, mas há um ponto que ninguém discute: foi depois dele que os jornalistas passaram a ter salários dignos desse nome. E só isso já o coloca numa posição destacada entre os empresários de comunicação do país.

• • •

O novo homem de comunicação do governo Sarney é um jornalista conhecido entre os colegas e que tem uma larga experiência, tanto nos veículos de comunicação quanto no próprio governo, onde já foi o responsável pela Radiobrás. As declarações de Antonio Carlos Drummond,concedidas à IMPRENSA poucas horas depois de sua posse,indicam que há uma possibilidade concreta de que o governo finalmente estabeleça uma política de comunicação - e deixe de agir ao sabor das conveniências momentâneas. Se isso realmente acontecer, será um grande avanço.

• • •

Publicamos neste número a íntegra da entrevista entre o *anchor-man* da *CBS*, Dan Rather, e o vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush. O entrevero foi largamente noticiado pela Imprensa do mundo todo, mas no Brasil, ao que parece, não tinha sido divulgada ainda a versão completa da conversa. Os americanos fizeram diversas pesquisas sobre o episódio, a maior parte delas, no entanto, procurando saber quem ganhou a parada. Acreditamos que é preciso partir de um fato inquestionável: Dan Rather não é candidato a nada. Estava apenas cumprindo com sua função profissional.

• • •

Esta edição não tem a seção *Perdão, Leitores*, de Moacir Japiassu. Japi sofreu um acidente de automóvel e ainda está se recuperando - por enquanto, longe das barbaridades cometidas por nossa imprensa, leitura tão divertida que pode comprometer a melhor das convalescênças. Nossa equipe aguarda a volta de Japiassu com a mesma impaciência de seu fiel escudeiro Janistraquis, que continua anotando as derrapadas de nossos jornais e revistas.

Os Editores

IMPRENSA
jornalismo e comunicação

EDITORES: Dante Mattiussi, Manoel Canabarro, Paulo Markun
Editor Executivo: Gabriel Priolli
Produtora Executiva: Maria Elvira do Amaral
Repórteres: Astrid Fontenelle, Gerson Sintoni
Colaboram nesta edição: Airton Kanitz, Conceição Freitas, Ernesto Rodrigues, Luiz Henrique Romagnoli, Marta Góes, Mair Pena, Roberto Drummond, Paulo Lira, Paulo Henrique Amorim, Pedro Costa, Olívio Lamas, Wilson Moherdaui
Correspondentes: colaboram José Meirelles Passos (Washington), Lucia Guimarães (Nova Iorque), Oscar Pilagallo Filho (Londres), Milton Blay (Paris), Mônica Yanakiew (Buenos Aires)
Editor de Arte: Bonifácio Placeres Júnior (Peninha)
Diagramação: Demetrios Thomas Sarantakos
Fotografia: colaboram Beatriz Albuquerque, Edson Baffi, Juan Pratginestos, Luiz Carlos David, Paula Simas, Paulo Bataiola, Roberto Rosa, Salomon Cytrynowicz, Sergio Amaral, Sergio Falci
Secretária: Ruth M. Schutze Soares
Gerente de Assinaturas: Renato Ribas
Distribuição: José Bizzarro Júnior
DIRETOR COMERCIAL: Sinval de Itacarambi Leão
DIRETOR RESPONSÁVEL: Paulo Markun

DIRETORES: Dante Mattiussi, Manoel Canabarro, Paulo Markun, Sinval de Itacarambi Leão
IMPRENSA: é uma publicação da **Feeling** Promoção e Comunicação Ltda. CGC 52.631.363/0001-29. Redação, administração e publicidade: Rua Padre Chico, 85, conjunto 61 – Perdizes, SP – CEP 05008, telefone 263-4677. COMPOSIÇÃO, DCI Indústria Gráfica S.A. FOTOLITOS: Editora e Artes Gráficas MPA Ltda. IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Grupo de Comunicação Três Ltda. Registrada, nos termos dos artigos 8º e 9º da Lei Federal nº 5.250/67, combinados com os artigos 122 e 126 da Lei Federal nº 6.015/73, na Lei de Imprensa sob o nº 7.027 do Livro A do 5º Cartório de Registro de Títulos e Documentos de São Paulo.
IMPRENSA não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. Nem publica matérias redacionais pagas.

Suíte

Ficamos bastante surpresos quando recebemos o exemplar n.º 4 da revista **IMPRENSA**. Surpresos e decepcionados. Na matéria "A ordem é crescer" e, especificamente, na tabela "O preço de cada um", o jornal *O Dia* sequer foi citado. É difícil entender como alguém se propõe fazer uma matéria sobre veículos de comunicação e desconhecer *O Dia*. Não se pode desprezar uma média de 255.528 exemplares, de segunda-feira a sábado, e de 391.730 exemplares aos domingos.

José Grossi
Diretor Comercial de O Dia
Rio de Janeiro - RJ

Jornalista há 20 anos, digo diariamente aos meus editores que *não* podemos ser cínicos como os norte-americanos, para quem "más notícias são boas notícias" (?!). Ainda bem que o pessoal do *Jornal do Brasil* **(N.R.: IMPRENSA n.º 5)** pensa igual a mim. Vamos mudar?

Quanto à **IMPRENSA**, é uma revista tão séria e competente que me faz sentir como se vivesse no Primeiro Mundo. Voltei a ter orgulho de ser jornalista vendo a dignidade com que ela aborda nossa mal-amada e mal paga profissão.

Olney Krüse
São Paulo - SP

Autodidata, aprendi a ler nos jornais, com os quais mantenho uma relação amor-e-ódio das mais fuderosas. Repetindo Jacques Prévert, poeta francês: "Ou a verdade é livre ou a liberdade não é verdadeira". A Imprensa - como instituição - faz-nos coadjuvantes de uma tragicomídia:- meio de comunicação social é igual a biquíni, que mostra tudo, porém esconde o essencial. E assim será, sempre, porque Poder e Mídia vivem amancebados, são teúdos e manteúdos. Quem tem um dispõe do outro e vice-versa. Aqui, nos EUA, na URSS, no mundo todo.

A Imprensa - como instituição, repito - não tem a minha confiança integral, ainda que eu respeite demais tantos jornalistas dignos, talentosos e honrados. Vai daí que considero muito importante a existência da revista **IMPRENSA**, já no seu quarto número, trabalho de gente do ramo. Apesar dos pesares, minha frustração maior é não ser jornalista, porque eu simplesmente amo a Imprensa, essa desgraçada.

Carlito Maia
São Paulo - SP



Parabéns pelo brilhante trabalho que vocês estão fazendo na revista **IMPRENSA**. Ela renova e fortalece nossa confiança nos meios de comunicação, porque revela o trabalho sério do jornalista, coloca-o no foco da notícia e faz dele personagem principal. Além de boas reportagens e entrevistas, o que encanta, e certamente servirá de embasamento às novas gerações, é o permanente e correto resgate da memória jornalística do país, que vocês realizam com perfeição.

Com os meus parabéns, a minha estima e consideração de leitor atento.

Afanásio Jazadji
Deputado Estadual
São Paulo - SP

Para quem está fora do burburinho da grande imprensa, como eu, é sempre um prazer ler **IMPRENSA**. Ela tem sido, até agora, uma radiografia precisa, séria e competente do nosso jornalismo. Boa sorte e longa vida para a **IMPRENSA**.

Moacyr de Oliveira Filho
Assessor da Liderança do
PC do B no Congresso Nacional
Brasília - DF

Dia que chega **IMPRENSA** aqui na redação é um inferno. Eu louca pra ler a matéria sobre o Casal 20 da *Globo*, e o chefe cobrando a matéria das emendas do Centrão. Eu devorando com avidez as lembranças maravilhosas e divertidas do Ulysses Alves de Souza, e minha sub perguntando cadê a entrevista do Aníbal Teixeira. Matando saudades de caras e histórias na *Coleguinhas*, tendo de parar porque a linha-morta está aí mesmo na porta. Parei na matéria "Jornalismo Ilusão". Será a primeira a ser lida daqui a pouco. Daqui a pouco *soi disant* - à meia-noite, quando acabar o meu plantão aqui na Política.

Nem no tempo do ginásio eu levava tanto pito por ficar lendo revistinha escondida durante a aula.

Cecília Thompson
O Estado de S. Paulo
São Paulo - SP

A existência de **IMPRENSA** me faz respirar um pouco melhor. Porque através dela me reencontro e me atualizo com o jornalismo, do qual me julgava cada vez mais distante. A tal ponto que cheguei a imaginar que havia um abismo definitivo e irrevogável entre mim e ele. Sou um daqueles "velhos" homens de jornal. É que comecei em Araraquara, aos 16 anos. Lá aprendi a compor a mão, em linotipo, a paginar em chumbo e a fazer clichês em zinco. Quando abandonei, por opção, o jornalismo, em 1979, a situação era mais desenvolvida. No entanto, nos últimos nove anos houve uma corrida espacial dentro das redações, composições e impressões. E eu me julgo "passado para trás". Então, surge **IMPRENSA** e aconteceu uma coisa boa: comecei a me atualizar. A perceber como funcionam as redações modernas.

Nesta evolução rápida, a Imprensa acabou precisando de **IMPRENSA.** Não somente no sentido técnico mas também como uma espécie de consciência, de avaliação constante, de questionamento. **IMPRENSA** vai servir ao historiador do futuro. **IMPRENSA** é crítica e autocrítica. Espero que profissionais, patrões e empregados compreendam isso. Imagino que, dentro de algum tempo, essa revista será necessária em redações e escolas de jornalismo. Ao menos eu gostaria que fosse. Torço por isso! Ela pode auxiliar jornalistas a se verem e se corrigirem. Não apenas os jornalistas mas, quem sabe, os próprios jornais. **IMPRENSA** pode ser bússola, depende de vocês!

Ignácio de Loyola Brandão
São Paulo - SP

X

As cartas para a redação devem ser enviadas para: Revista Imprensa, Rua Padre Chico, 85, conjunto 13, Perdizes, CEP 05008, São Paulo, SP. Por questões de espaço, as cartas poderão ser resumidas pela redação.

Previsão do tempo: hoje na Volkswagen tempestades com hora marcada.



O céu pode estar sem nuvens e com um sol maravilhoso. Não importa. Chega uma hora na Volkswagen que a água cai pra valer.

E cai sobre os carros com uma força incrível, muitas vezes pior do que a pior tempestade que você já enfrentou dirigindo por aí.

Em resumo, essa é a maneira que a Volkswagen inventou para tornar seu carro à prova de goteiras e para checar a perfeita vedação de todos os vidros, borrachas etc. Claro que a vedação, sendo absoluta, também deixa você livre de poeira e ruídos externos, que também têm a ver com o isolamento perfeito. E a Volkswagen faz isso não só em cumprimento ao rigoroso sistema "Audit-Auditoria de Qualidade", criado pela Volkswagen mundial, que julga o veículo do ponto de vista do cliente.

A Volkswagen brasileira também faz isso porque, na sua opinião, cada automóvel tem que ser a síntese perfeita de toda sua avançada tecnologia. Uma verdadeira máquina de produzir emoções, prazer, alegria.

E para garantir isso, cada Volkswagen tem que sair da fábrica com vedação absoluta contra tudo. Principalmente contra gotas de insatisfação.

Volkswagen do Brasil S.A.



Caríssimos ouvintes

Ganhar uma rádio é bom? É ótimo!

por Sinval de Itacarambi Leão

A Nova República tinha a idéia de premiar Milton Nascimento com a concessão de uma rádio, talvez em Lagoa Santa, a 40 quilômetros de Belo Horizonte. Fisiologismo à parte, seria uma forma de ressarcir o artista pelos direitos autorais usurpados de *Travessia, Coração de Estudante* e *Menestrel das Alagoas*, tocadas à saciedade na campanha das diretas e durante a saga do Doutor Tancredo Neves. Melhor ainda: seria dar condições objetivas ao compositor mineiro de viabilizar o projeto *Catavento*, hoje denominado *Trem Azul*, a maior produção independente do rádio brasileiro, em defesa da música nacional - o qual, tendo uma emissora como cabeça de rede, poderia disseminar-se pelas 2 mil rádios existentes no Brasil.

Na hora da verdade, porém, a Nova República pegou uma bifurcação, Milton não recebeu sua rádio e o projeto *Trem Azul* continuou por outros trilhos. Mas cerca de 500 concessões foram dadas pela Nova República a políticos e grupos empresariais que a sustentam ou dela se servem. Por que esta corrida às concessões?

Primeiro, porque é a forma cabocla de implantar-se no Brasil o voto distrital! Quem tem uma emissora, elege-se com os votos de sua cobertura radiofônica, geralmente de âmbito plurimunicipal e, em número crescente, com alcance regional. O jornal da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) listou recentemente 74 constituintes que são proprietários de rádios e/ou TVs. É pouco?

Tradição cartorial - Segundo, porque não é um mau negócio. Uma rádio AM, por exemplo, num município de até 50 mil habitantes (leia-se 20 mil eleitores), pode ser implantada com pouco mais de 50 mil dólares e gerenciada de uma forma enxuta, para uma programação de 18 horas, com um custo operacional mensal de quatro mil dólares. É preciso ser muito incompetente ou por demais caridoso (leia-se clientelista) para não obter uma receita publicitária mensal de pelo menos sete mil dólares, o que daria um lucro bruto de aproximadamente 40%, margem considerada excelente até na contravenção.

Negócios desse tipo a elite política brasileira não costuma desdenhar, pois a tradição cartorial desde o tempo da colônia tornou natural o usufruto do *res publica* pelos governantes e suas forças de sustentação. Mas o rádio brasileiro é um negócio sério. Mesmo considerando sua natureza de atividade comercial concessionada pelo poder público, ele pode ser tratado pelas leis de economia de mercado. Desde a década de 50, o rádio passou à condição de irmão menor da televisão, apelido que seria mais exato, a partir dos anos 60, se fosse o de primo pobre. Dos 2 bilhões de dólares que passaram pelo mercado publicitário brasileiro em 1987, contabilizados pelo Grupo de Mídia, o rádio ficou com 7,8%, o que daria pouco mais de 150 milhões de dólares. Mas estas verbas são as dos chamados clientes nacionais e direcionam-se basicamente para as AMs (75%) e para as 400 emissoras de São Paulo (cerca de 80%).

Boa saúde — A verdade, contudo, é que os empresários do rádio acreditam que cresceram, em 87, em termos reais. E não por causa das verbas citadas anteriormente. Para se ter uma idéia desta verdade: as quatro maiores AMs de São Paulo (*Record, Globo, Bandeirantes* e *América*), todas com programação popular, tiveram participação de apenas 4% de seu faturamento com verbas advindas das dez maiores agências de propaganda do País. O grosso do faturamento veio das agências médias e pequenas e de negócios diretos com os clientes e suas *houses*. Um quadro onde as verbas têm uma conotação local muito acentuada.

O *turn-over* que as grandes estrelas do rádio realizaram nos últimos cinco anos é um indicador da saúde empresarial do rádio brasileiro. O esporte — veja-se o caso recente da contratação milionária de Osmar Santos pela *Rádio Record* —, os comunicadores das FMs e até os jornalistas são os chamarizes principais na luta pela audiência.

Na luta contra a televisão, sobretudo a partir de 1980, o rádio brasileiro sacou sua arma secreta: a criatividade. Das emissoras universitárias, das experiências piratas e das produtoras independentes, surgiu uma leva de criadores e produtores de rádio que atendem, com sua verve e humor, o público jovem e de classe média dos grandes centros urbanos. Os segmentos mais pobres e as faixas etárias acima dos 30 anos têm na música sertaneja e nos programas religiosos o seu laboratório (sem trocadilho com os patrocinadores) de criação, onde a comunicação passa por um processo de novas linguagens só conhecido nos áureos tempos das rádios *Nacional* e *Mayrink Veiga*, embora de caráter mais populista e modernoso. É a lei do retorno cíclico dos veículos de comunicação, que só se renovam melhorando hoje o que criaram ontem.

O que evidencia que até nisso Milton Nascimento fazia-se merecedor de uma concessão, pois, em sua música *Rádio Experiência*, em parceria com Tunai, entendeu a sina do veículo: "Caríssimos ouvintes, obrigado/ Pela atenção a mim dispensada/ Nossa programação se encerra agora/ Mas de teimosa volta amanhã." X



Três décadas de evolução no Brasil. A Scania conta sua história em mais de 60.000 pára-choques.

A história do Brasil, nas últimas três décadas, também está nos mais de 60.000 Scania que rodam por estradas de asfalto e terra, debaixo de sol e chuva, levando e trazendo a produção nacional, do Norte ao Sul do País.

E tem mais história brasileira nos ônibus Scania, que transportam pessoas nas cidades e nas rodovias, com rapidez e segurança.

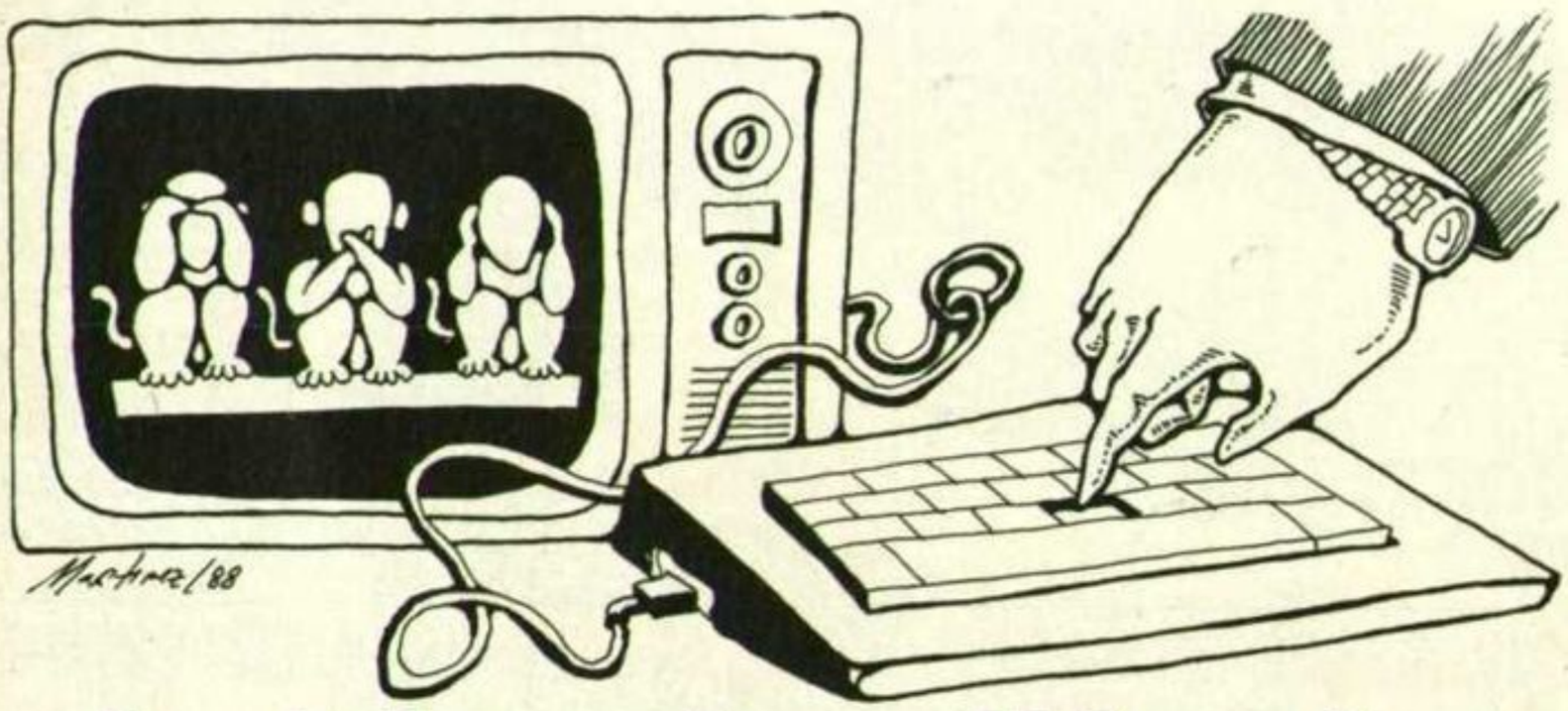
Mas a história não pára por aí, ela continua nos Scania que trabalham incansavelmente, mesmo sem sair do lugar.

São os motores Scania, utilizados na geração de energia, construção pesada, agricultura, prospecção de petróleo, construção naval e em todos os trabalhos, onde seja necessário um motor eficiente.

Não importa para que lado você olhe; sempre haverá um Scania trabalhando para a integração e o desenvolvimento do Brasil.

SCANIA

Líder em tecnologia de transportes.



Lobby do silêncio

Faltam dados na história da reserva de mercado

*por Wilson Moherdauí**

A informática, enfim, voltou às manchetes, com força total. A razão, todo mundo sabe, foi o anúncio do governo norte-americano, em novembro, de que iria mesmo impor retaliações ao Brasil por sua política de informática. Era a concretização de uma ameaça feita por Reagan, ironicamente no dia 7 de setembro de 1985. Prato cheio para a grande imprensa, quase toda contrária à reserva de mercado para o setor. E o noticiário ganhou aquele tom de campanha cívica com que a grande imprensa costuma pintar suas bandeiras.

Sem dúvida, isso teve um peso importante na mobilização do *lobby* interno - principalmente dos setores exportadores - para que o governo, que já andava vacilando, cedesse às pressões. A torcida era tão ostensiva que, no dia 21 de janeiro, ao anunciarem o recuo brasileiro, alguns jornais se esparramaram em textos comemorativos.

Nenhuma surpresa. Afinal, tem sido sempre assim a cobertura dos acontecimentos ligados à informática pela grande imprensa - com episódicas exceções da *Gazeta Mercantil* e da *Folha de S. Paulo*. Um exemplo: alguém aí se lembra de ter lido na grande imprensa, durante os dois anos e pouco de ameaças de retaliações ao Brasil, que o governo dos EUA adotou, ele mesmo, a reserva de mercado para suas máquinas operatrizes? Pois foi. E máquina operatriz também é informática. É torno, fresadeira, controlados por computador. E sabem qual foi a razão alegada pelo governo Reagan para proibir a entrada de produtos estrangeiros por cinco anos em seu país? Foi a de que se trata de "um segmento pequeno, porém vital para os EUA". Ninguém, no Brasil, além de um único jornal especializado, falou a respeito.

Enorme repercussão - Mas não é só. O mundo inteiro sabe que a grande briga dos Estados Unidos não haverá de ser com o Brasil, mas com o Japão, claro. É só ver que o déficit comercial americano em relação ao Japão beirou 80 bilhões de dólares, no ano passado. Apesar disso, um episódio envolvendo os dois países, que teve enorme repercussão no mundo inteiro, passou quase despercebido pelas páginas e pelos vídeos da grande imprensa brasileira. Foi assim: a filial americana da Toshiba, do Japão, vendeu à União Soviética equipamentos digitais que permitem produzir uma hélice de submarino ultrasilenciosa, indetectável pelos radares mais eficientes. Ao descobrir a história, o governo americano não teve dúvida: simplesmente proibiu a Toshiba de operar no país. Só para se ter uma idéia do tranco, a Toshiba fatura nos Estados Unidos coisa de dois bilhões de dólares por ano. O presidente Reagan, que esperava ser carregado em triunfo pelo golpe nos *amarelos*, acabou amargando um enorme fracasso de bilheteria. O Congresso rachou e até mesmo republicanos lhe faltaram com o apoio. Boa parte da indústria de componentes eletrônicos dos EUA (os milhares de fornecedores da Toshiba) caiu matando. A parada ainda não está decidida, mas é praticamente certo que Reagan vai voltar atrás. Será que os leitores da grande imprensa vão saber dessa história?

Empresas indignadas - No caso da briga brasileira com os EUA, acontece coisa muito parecida. É para falar mal da reserva de mercado? Tome espaço na grande imprensa. Fora disso, nem as multinacionais têm vez. Sem exagero. Foi só em meados de janeiro que um ou outro grande jornal se lembrou de publicar o que as multinacionais do setor de informática estavam achando das ameaças dos EUA. Muito tempo antes, o leitor da imprensa especializada ficara sabendo que empresas como a IBM estavam indignadas com o governo americano. Achando - o que faz muito sentido - que esse ataque estabanado poderia prejudicar seus negócios no Brasil (para quem não sabe, metade do mercado brasileiro de informática está nas mãos das multinacionais, e só a IBM detém 20%).

Outro exemplo? A revista *Veja*, que costuma tratar a indústria da informática como reduto de primatas e corruptos, chegou ao exagero de abrir duas páginas para uma história mirabolante, cuja veracidade sequer conseguiu comprovar. Segundo *Veja*, o representante da Apple no Brasil, Richard Herson, teria sido seqüestrado em plena Avenida Paulista, em São Paulo. E foi mais longe, insinuando que o mandante do seqüestro teria sido um diretor da Unitron, indústria brasileira que produz um clone do microcomputador Mac Intosh, da Apple. E não adiantou a suposta vítima, o próprio Herson, desmentir tudo. Foram duas páginas de exageros que, a pretexto de atingir a reserva de mercado, acabaram desabando sobre um cidadão comum.

Que há erros na condução da política de informática, não há dúvida. E o mais grave talvez tenha sido a falta de vigilância e a cobrança do cumprimento dos compromissos da indústria com o desenvolvimento tecnológico, como contrapartida pela reserva de mercado que recebeu. Mas nem de longe esses erros seriam suficientes para justificar o triste espetáculo que a grande imprensa tem oferecido a seus leitores. X

* Wilson Moherdaui é editor-chefe do jornal Informática Hoje e presidente da Associação dos Jornalistas de Informática de São Paulo

146-Receita Federal.
O imposto de renda diretamente da fonte.

Para esclarecer as dúvidas no preenchimento de seu formulário do imposto de renda, disque 146.
A partir de 1.º de março, a Receita Federal atende de 2.ª a 6.ª-feira, das 9:00 às 17:00 horas, com um pessoal que é fera no assunto para explicar tudo para você.

Centrais de atendimento: São Paulo, Araçatuba, Bauru, Campinas, Guarulhos*, Limeira, Osasco, Presidente Prudente, Ribeirão Preto*, Santos, Santo André, São José do Rio Preto, Sorocaba e Taubaté.

* Essas centrais já estão em funcionamento.

TELESP

Denison



"O desafio dos jornalistas é mostrar que a inflação é o maior inimigo dos assalariados"

Palmas para o Cid

Até uma platéia treinada comete erros

por Paulo Henrique Amorim

Eu desconfio que o Brasil é o único país do mundo onde se bate palmas para a inflação. Logo que fui trabalhar na *Globo* - três anos e dois meses atrás -, um dos episódios que mais me chocaram ocorreu enquanto eu assistia ao *Jornal Nacional*, na redação do *Jornal Nacional*. É uma sala pequena, com muita gente e cercada de uns armários em que, nas estantes mais altas, ficam uns monitores. Enquanto o *JN* não está no ar, os editores acompanham por esses monitores as matérias que estão sendo geradas para a redação. Mas, quando o *JN* entra no ar, os monitores mostram o *JN*.

Resultado: encerrado o trabalho de preparação, todos os envolvidos na operação se dirigem àquela sala. Sentam-se como podem, põem os pés em cima das mesas e espicham o pescoço para cima, em direção a um daqueles monitores. Nenhuma platéia critica mais o *JN* do que aquela (o que me parece muito saudável). O que me chocou foi quando o Cid anunciou a inflação do mês. A taxa tinha sido superior ao que se imaginava - e na voz grave do Cid certamente parecia maior ainda. Quando o Cid deu, em seguida, o resultado da poupança - portanto maior do que os poupadores esperavam -, senti uma reação inesperada na platéia: havia júbilo. Logo naquela platéia treinada para não se emocionar nem com um infarto de Papai Noel. A tal ponto que cheguei a ouvir umas palmas. Fiquei tão surpreso que não consegui reter os rostos de todos os que aplaudiam. Mas me lembro vivamente do rosto de um editor de VT e do assistente de estúdio do *RJ-2*, que tinha acabado de sair do ar. Palmas mesmo.

Motivos óbvios - Assim que você entra na *Globo* tem que meditar sobre muitas coisas - e aquela era mais uma. E com a ligeireza com que os jornalistas constroem teses a partir de episódios banais, construí esta: no Brasil se bate palmas para a inflação. Os ricos, por motivos óbvios. O capital é remunerado diariamente, no "over". O dramático é que os assalariados - como os daquela platéia - também são induzidos ao equívoco, pela ilusão da correção monetária. É, talvez, pela recomposição integral - ou em boa parte - da inflação passada no momento do dissídio. Quem não tem saudades do gatilho?

O fato é que não se percebe um sentimento de indignação nacional com a inflação. Parece existir uma divisão ideológica na cultura econômica do país: os liberais são a favor do desenvolvimento e os conservadores são contra a inflação. Como muitos dos conservadores, no fundo, no fundo, adoram a inflação - e ganham muito com ela -, o grupo dos desenvolvimentistas se torna a grande maioria. Então, fica aquele impasse: "recessão nunca" contra "derrubar a inflação". É óbvio que os liberais acabam mais simpáticos. O resultado desse falso impasse tem sido uma desaceleração do crescimento da economia, acompanhada de uma queda do salário real em proporções jamais vistas neste país. O que, com certeza, se agravou por dois motivos: os grupos conservadores do governo não conseguiram formular uma política para crescer; e os liberais (mais precisamente, os do PMDB) não entendem de inflação. Deu no que deu.

Tese singela - O desafio dos jornalistas econômicos no mês de março será o de mostrar que a inflação é o maior inimigo do assalariado. Ou, como dizia Juan Domingo Perón - e essa talvez seja a sua única frase citável -, "os preços sobem de elevador e os salários sobem pela escada". Já foram feitos vários necrológios do Cruzado e já se sabe por que não deu certo. E todos dizem que um plano que tinha sido desenhado para acabar com a inflação menosprezou exatamente as medidas antiinflacionárias complementares ao combate à inflação. Parece que a idéia era acabar com a inflação sem a chateação de combater a inflação. Mas o Plano Cruzado, por um curto período, serviu, ao menos, para mostrar o que realmente acontece com o nível de emprego e, em certos casos, com o salário real. Quando a inflação cai.

Não creio que os jornalistas devam ser militantes de nenhum partido nem de nenhuma causa. Prefiro os céticos aos sonhadores. Mas, humildemente, acho que eles podem colaborar para divulgar esta tese singela, que faz o maior sucesso nos eleitorados do Hemisfério Norte, onde há mais democracia e menos inflação: o Cid só merece ser aplaudido - e freneticamente - quando ele disser que a correção monetária da caderneta foi igual a zero.

Junte-se a esta força.

Lloyds Bank

A FORÇA AO SEU LADO

Esta equipe só não trabalha em São Paulo porque trabalha em Campinas.



Se te dessem o equipamento de VT mais completo do país, você também não trabalharia em Campinas?

Esta equipe trabalha na TV Campinas-Vídeo. Uma produtora que só não fica em São Paulo, para você poder produzir seus comerciais e videoteipes em Campinas.

Que vantagem você leva nisso? Simples: você consegue a qualidade de São Paulo, com orçamento de Campinas.

A TV Campinas-Vídeo tem o que existe de mais avançado em VT no Brasil. Câmeras Ikegami com base de movimentação hidráulica, que chegam a dispensar grua. Edição computadorizada, ADO com digimate, newsmate, VT de uma polegada, mesa com dois bancos de efeitos. Estúdio com 200 m² refrigerados, 6 metros de pé-direito, tratamento acústico, iluminação própria. Unidade móvel com equipamento completo em uma polegada. Enfim, toda a estrutura da TV Campinas, mas com operação autônoma para a produção de comerciais.

E tudo isso, operado por uma equipe que só não trabalha em São Paulo porque a gente dá todas as condições de trabalho aqui em Campinas.

A TV Campinas fica logo ali, na Avenida Anhangüera, 92. Para ver a nossa apresentação, ligue para (0192) 31.3022. É capaz que a gente chegue mais rápido do que muita produtora de São Paulo.

TV CAMPINAS VIDEO

A qualidade de São Paulo com orçamento de Campinas.

Deadline

Fenaj troca figurinhas com jornalistas chineses

O secretário permanente da Federação Nacional dos Jornalistas Chineses, Yi Yang, chega ao Brasil no dia 2 de março para uma visita de 12 dias ao Rio, São Paulo e Brasília. Yang vem acompanhado de duas jornalistas da área econômica de seu país, Ming Tang e Jianchao Wang, que, de acordo com a embaixada da China, estão interessadas em conhecer a indústria brasileira, seu comércio de exportação e importação e a economia nacional. Os chineses vêm a convite da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) e este é o primeiro passo para o intercâmbio da categoria dos dois países.

A embaixada chinesa tem demonstrado interesse em enviar jornalistas brasileiros para conhecer a China. Do programa preparado pela Fenaj, constam visitas às principais emissoras de TV, alguns dos principais jornais e às grandes indústrias brasileiras.

Reforma no *Estadão* põe sangue novo no poder

Uma nova geração de Mesquitas está assumindo o controle da empresa que edita o jornal mais tradicional do País. Com a completa reforma administrativa da empresa S.A. O Estado de S. Paulo, o novo comandante do *Estadão* passa a ser Júlio Cesar Mesquita, e, no *Jornal da Tarde*, Ruy Mesquita Filho. Agora eles são os *publishers* da "Unidade de Negócios O Estado de S. Paulo" e da "Unidade de Negócios Jornal da Tarde", dois dos dez novos núcleos criados nessa reforma. Outro ponto estratégico da empresa a receber sangue novo é a *Agência Estado*, agora chefiada por Rodrigo Lara Mesquita.

A figura-chave no novo organograma, no entanto, é Francisco de Mesquita Neto, 34 anos, o diretor-superintendente da empresa. Entre outras coisas, ele vai cuidar do relacionamento entre o Conselho Consultivo, formado por representantes dos acionistas, e as dez novas unidades. Francisco espera concluir todo o processo de mudanças até a metade do ano. "Meu primeiro dasafio será implantar a nova estrutura e fazê-la andar", diz.



Jogo duro com o Rambo do Sul

A Imprensa argentina, aprendendo com Aldo Rico

A quartelada comandada pelo tenente-coronel Aldo Rico na Argentina, em janeiro, mostrou que a Imprensa local amadureceu desde a tentativa anterior, da Semana Santa de 1987. Naquela vez, os meios de comunicação ficaram a reboque das informações oficiais, comprando inicialmente a versão de que tudo "estava sob controle", para depois embarcar no clima de histeria e acreditar que uma grande articulação golpista estava em marcha.

Agora, a Imprensa confiou nos boletins oficiais, não falou em golpe de estado e limitou-se a divulgar os fatos, sem emoções. Mesmo a TV, sempre alerta para uma boa atração, deixou de transmitir um comunicado de Rico, gravado em videocassete, por considerá-lo uma "apologia do crime".

Bienal ganha espaço com assessoria de peso

Para quem duvida dos resultados que uma boa assessoria de imprensa pode obter, é melhor olhar os números alcançados pela *Mr Comunicações e Consultoria*, na divulgação da 19.ª Bienal de São Paulo. Com a expedição de 220 boletins, 42 *releases* e 612 cromos e fotos P&B, foram publicadas na Imprensa 2.032 matérias sobre a Bienal. Os recortes, empilhados, formam um calhamaço de mais de três quilos. Resultado: em divulgação, a Bienal só perdeu para cobertura da Constituinte.

Operação capitalista tira *Pravda* do vermelho

A versão inglesa e mensal do jornal soviético *Pravda* começou a dar certo, comercialmente, depois de um lançamento marcado por muitas dificuldades. A empresa que edita o *Pravda* em inglês, a *Typeflex Ltd.*, recorreu a uma firma especializada em socorrer empresas em dificuldades financeiras, a *City and Eastern Holdings Plc.* E o resultado foi que, a partir de meados do ano passado, as vendas subiram de 6 mil para 26 mil exemplares.

Em dezembro, o *Pravda* em inglês passou a ser editado também nos Estados Unidos e no Canadá. A *City and Eastern* está agora mantendo contatos com uma empresa de publicidade, para montar um esquema para atrair novos anunciantes na Europa e nos Estados Unidos. Os anúncios, segundo os editores, deverão tornar-se a principal fonte de sustentação financeira do jornal. Tudo no mais puro estilo capitalista. Ou de glasnost.

O sigilo de fontes, ao custo de 32 mil libras

O jornalismo investigativo, cada vez menos comum, sofreu um duro revés na Inglaterra, em janeiro. O repórter de economia Jeremy Warner, 32 anos, do *The Independent*, foi multado em 32 mil libras esterlinas por se negar a divulgar suas fontes para uma comissão do governo que investiga casos do "Insider Dealing" (utilização de informações privilegiadas e confidenciais sobre o mercado de ações, para obter vantagens pessoais). A decisão foi tomada por um juiz do Supremo Tribunal Federal, depois de quase um ano de pressão da Justiça britânica.

Warner estava sujeito à pena de prisão por dois anos, mas o juiz disse que não iria criar um mártir. Para o editor do *The Independent*, Andreas Whittham Smith, agora será mais difícil para os jornalistas garantir às suas fontes que as informações que revelarem serão tratadas confidencialmente. O *Independent*, que com apenas um ano e meio de existência já é um dos melhores jornais da Grã-Bretanha e circula 380 mil exemplares diários, vai pagar a multa de Warner e os custos processuais de 100 mil libras. X

Cash Management: Conta Corrente, Cobrança, FGTS, Pagamentos na ponta do seu dedo, através do Electronic Banking.

Agora, ao simples toque de algumas teclas, você tem acesso imediato aos produtos e vantagens do Cash Management.

É a era da informática, onde Banco e Empresa se integram definitivamente, via computador, trazendo os serviços bancários, antes fora de seu controle, para dentro de seus escritórios.

Conectada ao Electronic Banking, sua empresa tem acesso imediato a informações detalhadas e atualizadas sobre sua conta corrente, controla na ponta do dedo os serviços de que necessita, altera informações de FGTS, emite extratos, transmite instruções de cobrança e faz pagamentos sem ficar na ponta do lápis.

Cash Management, Electronic Banking. Toda a avançada tecnologia Citibank na ponta do seu dedo. Para que você possa decidir mais rápido e gerenciar melhor sua empresa. De ponta a ponta.

CITIBANK



Especial

A última do aventureiro

O livro de memórias de Samuel Wainer é uma verdadeira bomba-relógio. Mas ainda há muito o que contar sobre ele.

por Paulo Markun



Quarenta mil exemplares, ou cinco edições, em pouco mais de um mês. Artigos dos principais colunistas - de Paulo Francis a Nertan Macedo, de Hélio Fernandes a Castelinho. Espanto entre os amigos, matérias na televisão, enfim, uma confusão dos diabos, como as que ele costumava provocar desde os tempos em que vendia falsos tapetes persas em leilões no Rio de Janeiro, na década de 30. A última jogada de Samuel Wainer demorou sete anos para se consumar, mas não por culpa dele. Samuel morreu no dia 2 de setembro de 1980. Deixou um grupo de empresários esperando para um jantar na casa de Jorge da Cunha Lima (para quem telefonou pedindo que o pessoal fosse comendo, porque ele ia se atrasar. Foi para o Hospital Albert Einstein, onde seu velho e mais perigoso inimigo, o pulmão, acabou ganhando a parada). Não deixou nem inventário - só tinha um telefone em seu nome. Ficou devendo seis meses de trabalho para Domingo Alzugaray, da *Editora Três*, com quem tinha negociado uma antecipação salarial de um ano, para comprar um apartamento para seu filho Bruno. O carro - um velho Dogde Polara branco, que ele dirigia mal -, foi transformado num telefone para seu filho Samuca, que já era jornalista. A mais próxima era Deborah Leão Wainer, a Pinky, com quem saía freqüentemente. São para seus filhos, aliás, as palavras mais carinhosas do livro. Ele confessa que foram os filhos que impediram que ele sentisse nostalgia do poder ou arrependimento por não ter enriquecido.

A maior herança de Samuel ficou para Pinky: cartas, bilhetes, anotações, recortes, dúzias de *bonecos*, ou *bonecas*, como dizem os cariocas, e projetos de jornais, revistas, semanários, diários, mensários, de-vez-em-quandários que ele sonhava em realizar um dia. Com Pinky ficaram também 53 fitas gravadas, que se transformaram em 1.300 laudas. Era o resultado do trabalho de dois jornalistas - Sérgio de Souza e Marta Góes -, que em momentos diferentes de 1980 conversaram com Samuel sobre sua vida. Podia ter ficado por aí a história, mas Pinky resolveu publicar as memórias do pai. E contratou para editá-las o jornalista Augusto Nunes, que só o encontrara uma vez, pouco antes de sua morte, num almoço, para discutir o projeto de um jornal para o ABC, que lhe pareceu uma reedição da *Última Hora*. Nos horários livres de seu trabalho como redator-chefe de *Veja*, foi costurando as lembranças de Samuel, quase um monólogo em que ele lembrava sua trajetória pessoal e profissional.

O que está no livro é o sumo do depoimento de Samuel. Mas é muito diferente do que ele próprio teria publicado. Primeiro, porque Augusto escreve bem e Samuel nunca foi um mestre das pretinhas. No fim da vida, estava feliz por ser capaz de redigir vinte linhas por hora para sua coluna na página dois da *Folha de S. Paulo*, onde as iniciais SW provocavam uma enorme repercussão. E, mais do que isso, porque uma parcela não-mensurável das afirmações bombásticas do





FOTOS: ARQUIVO PINKY WAINER

Lambendo a primeira cria, na UH do Rio, e trabalhando como empregado na UH paulista.

livro ficariam pelo caminho, se o autor pudesse revisá-las.

"Samuel estava numa *trip*", garante Augusto Nunes, "dando um depoimento para ouvir depois. Ao morrer, toda censura acabou."

Resultado: Samuel abre o jogo e admite que fez a *Última Hora* a pedido de Getúlio Vargas. Reconhece que Getúlio lhe arranjou empréstimos do Banco do Brasil e suporte financeiro de industriais que apoiavam o governo. Conta com absoluta tranqüilidade que comprou um apartamento com a comissão recebida de Assis Chateaubriand por uma matéria paga com Adhemar de Barros. Explica que foi intermediário de negócios escusos e ilegais entre empreiteiros e João Goulart. Enfim, é de uma sinceridade assustadora. Mas não se pense que *Minha Razão de Viver* é um destempero póstumo de um velho gagá. Samuel estava doente em 1980 e sabia que tinha pouco tempo pela frente. Gravou as 53 horas de entrevista em poucos dias - e o diário de Marta Goés, registrando detalhes das entrevistas que o livro não traz *(e que* **IMPRENSA** *publica com exclusividade)* revela que o homem continuava a mil por hora. Era membro do Conselho Editorial da *Folha* e ali tinha uma pequena sala no 9.º andar. Era ainda editor-assistente da *Editora Três*, onde deixou, 24 horas antes de morrer, o seu último texto - o *Jornal de Samuel Wainer* que seria publicado em *Status* de outubro. Três páginas com notas, uma minientrevista, pequenas frases. Uma dessas notas fala de uma jornalista dinamarquesa, Suzane Broegger, "tão bela quanto talentosa", que passara três dias em São Paulo e ficou perplexa com o dinamismo da cidade. Não diz que ela se surpreendeu com a transformação operada no velhinho de cabeça branca que encontrou num apartamento modesto e que a ciceroneou com o piqué de eterno galã, no que seria o último e agitado fim de semana de Samuel.

Duas datas - Ele sempre teve sorte com as mulheres. Era feio, mas charmoso, envolvente, elegante e vaidoso. Mas no livro as mulheres ocupam poucas páginas. Estavam longe de ser sua razão de viver - a *Última Hora* e *Diretrizes*, pela ordem de importância. É disso que o livro trata.

O que não está no livro? Atrás disso é que eu fui, com a lembrança nítida daquele homem alquebrado, mas ainda elegante, que conheci no fim da década de 70, na *Folha*, e que uma vez me confessou que tomava dinheiro do então governador Paulo Egydio Martins para manter o semanário *Aqui São Paulo*, cujo destino estava selado dois meses depois de ter sido lançado - em novembro de 1975 -, mas que ele manteve por dois anos, sabe-se lá com que expediente. "De onde vem o dinheiro não importa", me disse Samuel, em seu apartamento na rua Sabará. "O que importa é que o título está lá, na banca."

Não é fácil saber como ele era. Seu filho Samuca morreu em 1984, cobrindo uma tragédia com outros repórteres da *Globo*. Bruno e Pinky não falam. Os amigos lembram mil histórias, mas quem realmente foi amigo de Samuel Wainer?

Danuza Leão, que o conheceu em 1953, quando um amigo comum propôs à socialite de 19 anos que fossem visitar o famoso Samuel Wainer na prisão, também se recusa a dar entrevistas. Mas confessa a amigos que nunca o conheceu direito, que ele jamais falava de si próprio e que nem mesmo a sua data de nascimento Samuel confirmou - tinha duas: 19 de dezembro de 1912 e 16 de janeiro de 1912. "Quer dizer, era Sagitário e Capricórnio ao mesmo tempo. Dá pra conhecer alguém assim?", pergunta Danuza.





Seus filhos queridos: *Diretrizes* (1938) e *Última Hora* (1951). Embaixo, papai Samuel com Danuza, Pinky e Samuca. Bruno nasceu depois.



FOTOS: ARQUIVO PINKY WAINER

Isso não quer dizer que ele fosse alguém distante ou frio. No tempo em que ela o conheceu, havia uma frase célebre no Rio: "Se você não quer ser dominado pelo charme de Samuel Wainer, sente longe dele." Era o tempo em que ele era rei da boate Vogue - de onde telefonava dúzias de vezes para a oficina de *Última Hora*. Pelo menos uma pessoa se diz grande amigo de Samuel Wainer: Vincenzo Caruso, um italiano que chegou ao Brasil em 1957 e quatro anos depois foi ser mordomo de Samuel, já desquitado de Danuza. Caruso viveu os tempos de glória até 1964, no apartamento da rua Mascarenhas de Morais, conviveu com jornalistas, intelectuais, políticos. E se encantou tanto com o patrão que voltou a trabalhar para ele depois do exílio, quando ele foi morar, de aluguel, no apartamento de Danuza, na Vieira Souto, e de onde ela acabou tirando-o, porque Samuel não pagava.

Caruso era quem compartilhava as longas noites de trabalho em casa, com o patrão. Nunca o deixava sozinho. Jamais ouviu uma queixa de Samuel, que não tinha predi-→

leções gastronômicas - além de tomar muito café e comer bolo quente, saído do forno. Não ouviu do patrão um só palavrão. E está convicto de que no silêncio das madrugadas surgiu entre os dois uma cumplicidade que Samuel não teve com mais ninguém. Caruso, é claro, não está no livro, onde se diz que Samuel sempre recebeu mais dos amigos do que deu a eles. Moacir Werneck de Castro, um dos que sempre ficaram a seu lado, tem outra lembrança. Ele começou a trabalhar com Samuel em *Diretrizes,* em 1939, depois foi para a *Imprensa Popular,* do PC, e voltou em 1956 para a *Última Hora,* onde ficou até o jornal ser vendido, em 1971. "Afeto integral ele só deu mesmo para os filhos. Mas sempre foi muito igual com os amigos. Essa história de não ter dado nada para os amigos é autoflagelação."

Frutas embrulhadas - Uma história recordada por Moacir Werneck dá bem a medida de qual foi, sempre, a preocupação básica de Samuel. Um dia, ele não apareceu na redação de *Última Hora.* Ligou do aeroporto, dizendo que estava embarcando para São Paulo. "É que meu pai está morrendo... Agora, aquela matéria, da quinta página, é preciso dar uma boa chamada na primeira. Olhe direito a foto também..." e desfiou dúzias de recomendações para a edição do dia seguinte. Encontrou o pai no hospital, acompanhou o enterro e, vinte e quatro horas depois, estava de volta à redação.

Se tivesse sido apenas o criador de *Diretrizes,* Samuel já seria parte da história do jornalismo brasileiro. Sua passagem pelos *Diários Associados* deixou claro que era basicamente um repórter. Só um bom repórter usaria o estratagema de embrulhar as frutas encomendadas por um diplomata com as anotações e recortes que precisava levar para fora da Espanha franquista. Só a sorte que os bons repórteres precisam ter pode explicar como foi parar na fazenda do ex-ditador relegado ao ostracismo, para fazer a entrevista que mudaria a vida do país, de Getúlio Vargas e dele mesmo.

Depois de recusar o convite para assumir uma espécie de Ministério da Informação ou para ser embaixador em Israel, foi cobrir a primeira reunião do novo Ministério. Chamado a jantar com Getúlio, travou com ele o seguinte diálogo:

— Tu te lembras de uma frase que me disseste no dia em que começamos a campanha?

— Não.

— Era uma frase sobre jornalismo.

— Agora sim... Era 'a imprensa pode não ajudar a ganhar uma eleição, mas ajuda a perder'.

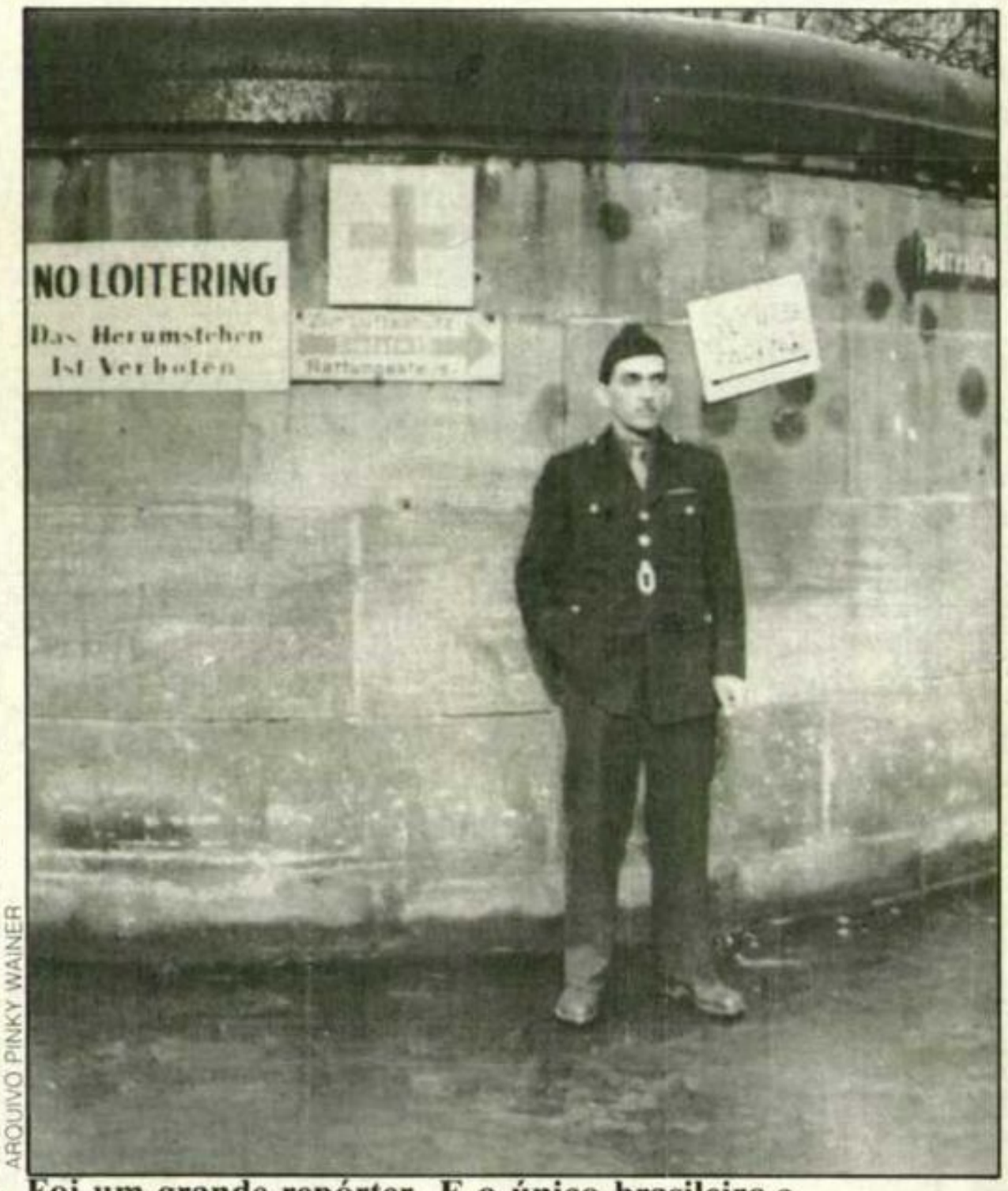
— Tu reparaste que hoje não veio ninguém cobrir a reunião?

— Sim. É a conspiração do silêncio, presidente. O senhor só vai aparecer nos jornais quando houver algo negativo a noticiar. Essa é uma tática normal da oposição e a mais devastadora.

Getúlio andava de um lado para outro e, de repente, parou:

— Por que tu não fazes um jornal?

Daí surgiu a *Última Hora.* Para quem não tem idéia do que ela significou na imprensa brasileira, algumas linhas da revista *Time* de 17 de agosto de 1953 são interessantes: "O Brasil jamais tinha visto algo parecido com *Última Hora.* Com o brilho de tintas coloridas na primeira página, muitas fotografias, um time de seis repórteres, anúncios a preços reduzidos, loterias e prêmios, Wainer promoveu *Última Hora* ao topo da circulação no Rio (85 mil exemplares) e em São Paulo (90 mil)". Samuel fez *UH* com o apoio do governo, é certo, mas recrutou os melhores profissionais da praça, pagando regiamente para os padrões da época. A ponto de Walter Fontoura ter escrito, no dia em que ele morreu:



ARQUIVO PINKY WAINER

Foi um grande repórter. E o único brasileiro a acompanhar o Tribunal de Nuremberg.

"Para os jornalistas, foi Samuel Wainer quem inventou o salário".

Armando Nogueira, diretor de jornalismo da *Rede Globo*, não trabalhou com Samuel, mas tem uma opinião semelhante: "Ele revolucionou os padrões salariais e com isso conseguiu um produto melhor. Ele ganhou certa vez uma placa de bronze de seus companheiros. Devia ser de ouro. Depois dele, a imprensa nunca mais andou para trás nesse aspecto da valorização profissional. O problema é que ele tinha uma ambição maior - o poder. E o que deve caracterizar o jornalista é o distanciamento do poder."

Recado do Concorrente - Samuel trouxe diagramadores da Argentina, hospedou-os no Copacabana Palace e, com isso, conseguiu uma cara nova para seu jornal. Criou um verdadeiro departamento fotográfico, escolhia pessoalmente as fotos que dava com destaque na primeira página. Transformou gente de sociedade em colunistas, abriu espaço para as reivindicações populares, instituiu a seção *O Dia do Presidente*, como tinha visto nos Estados Unidos. Rompeu o cerco político da imprensa ao governo de Getúlio e foi além: virou de pernas para o ar o jornalismo nacional.

Escrevia mal e sabia disso. Rubem Braga, que trabalhou com ele na primeira fase de *Diretrizes*, vivia implicando com sua pontuação: "Ele adorava um ponto de exclamação. Escrevia "Fazia sol" e, paft, tascava uma exclamação". Mas isso não impediu que o próprio Braga vivesse, na década de 50, um episódio singular: Roberto Marinho encontrou-se com ele numa festa e o confundiu com o próprio Samuel. Depois de desfeita a confusão, o dono do jornal *O Globo* mandou um recado: "Diga ao Samuel Wainer que, com ou sem dinheiro do Banco do Brasil, ele me fez acordar todo dia uma hora mais cedo, porque, senão, *O Globo* ia ficar-

Sempre que você pensar no futuro, é bom incluir um Ford nos seus planos.

Você tem bons motivos para isso. Um deles é que a Ford sempre inclui você nos planos dela.

Quando a Ford submete os seus carros a duros testes em pistas simuladoras, é para entregar a você um carro seguro, durável e também confortável.

Quando ela estimula os seus estilistas a estudarem novas linhas, é para dar a você carros modernos e bonitos, carros que lhe tragam grande satisfação.

Na verdade, você é o mais importante motivo que a Ford tem para fabricar os melhores e os mais requintados automóveis.

Planeje o seu futuro. Assim, você e um Ford estarão sempre juntos.

Ford

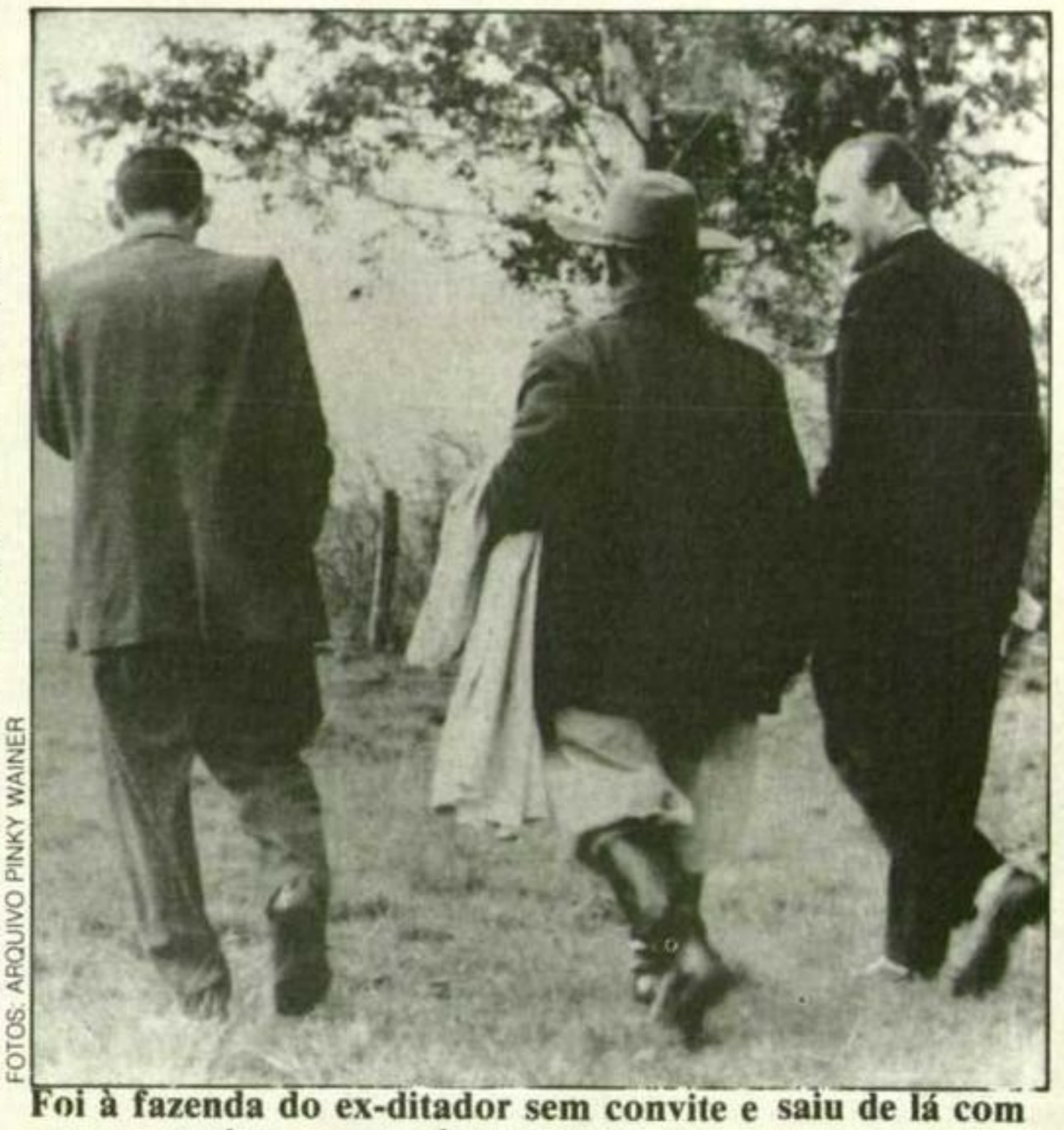
Você sente a qualidade.

para trás''. Roberto Marinho, que entrava às cinco da manhã no jornal, tinha passado a chegar às quatro, por causa do concorrente.

Mas a estrada de Samuel Wainer não era asfaltada. Escapou de uma tuberculose praticamente fatal na época (1949), tirou a sorte grande com Getúlio, enfrentou a mais violenta campanha de imprensa já montada no país, em que o mínimo que seu inimigo e ex-amigo Carlos Lacerda fazia era chamar o pai dele de Jaime *Viado* Wainer, aproveitando-se da tradução do nome Hersh. Quem acompanhou a luta entre os dois garante que Samuel nunca devolveu na mesma moeda os ataques de Lacerda.

A *Última Hora* e Samuel sobreviveram à campanha, que o levou à prisão por falsidade ideológica. No livro, ele passa como um gato sobre brasas sobre o pretexto dos ataques que enfrentou: não diz se era brasileiro ou nascido na Bessarábia - o que, pela lei brasileira, impediria que ele fosse dono de jornal. Sabe-se que Lacerda descobriu a verdadeira nacionalidade de Samuel quando morou algum tempo na casa dos Wainer, onde escutou a saga da família da mãe de Samuel, dona Dora.

Samuel tinha a disposição dos imigrantes. Enfrentava os azares da vida jogando sempre para a frente. Não encontrei ninguém que tenha ouvido uma só lamentação dele depois que o golpe militar o levou ao exílio e terminou destruindo seu império jornalístico, que chegou a ter dez edições diárias nos Estados da Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Rio, com 350 mil exemplares e 1.500 funcionários.



FOTOS: ARQUIVO PINKY WAINER

Foi à fazenda do ex-ditador sem convite e saiu de lá com uma entrevista que mudou a história.



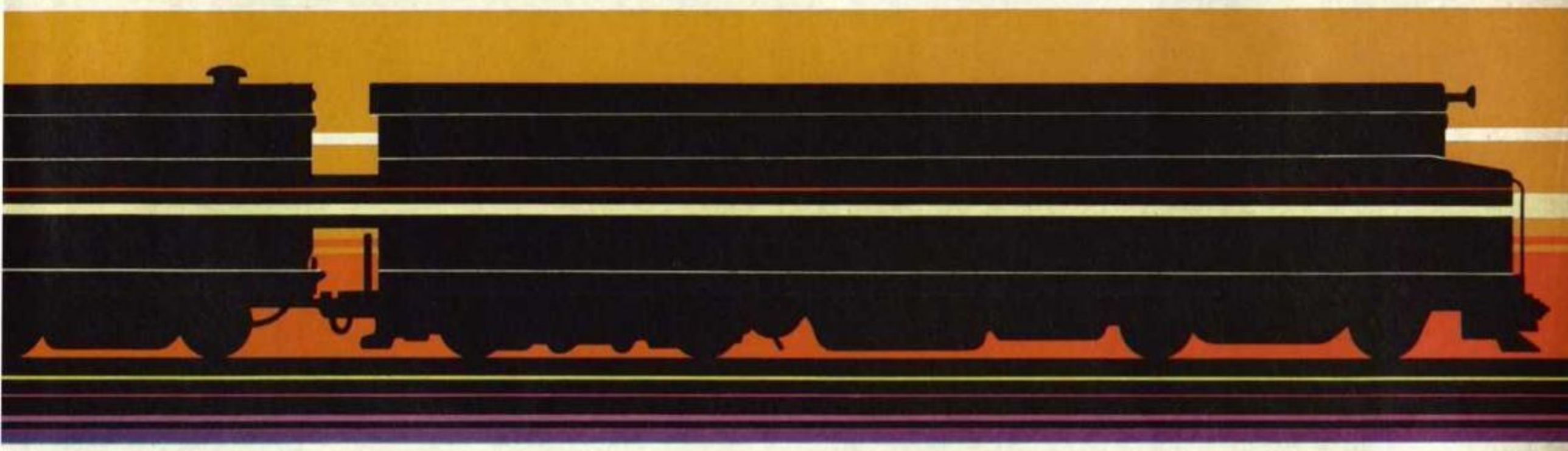
O presidente eleito pediu e Samuel fez um jornal para apoiar Vargas e mudou o jornalismo brasileiro.

Atrás da Notícia - O golpe militar o levou à Embaixada do Chile e dali para a França, onde passou três anos membro integrante da fauna parisiense, fazendo o gênero intelectual latino-americano de oposição. No Brasil, só a *UH* carioca resistia, e mal, enquanto ele perdia pelo menos 300 mil dólares ao produzir um filme chamado *Pastores da Desordem* - seu mais retumbante fracasso. Antes de voltar, precisou comprar o controle do jornal de dois ''amigos'' a quem tinha passado as ações da empresa, na hora de sair do país. Só que o jornal não resistiu. Depois de vendê-lo, Samuel foi trabalhar como empregado de Otávio Frias, dirigindo a redação da *UH* paulista. Mas não abandonou seus sonhos. **IMPRENSA** mostra aqui alguns projetos que ele imaginava concretizar no fim da vida e com os quais ainda galvanizava jornalistas e empresários *(veja quadro à página 23)*.

Talvez tenha sido essa sua maior competência - entusiasmar seus companheiros de trabalho, tirar o melhor de cada um, apostar sempre no próximo lance. Joel Silveira, por exemplo, reconhece que foi Samuel quem o convenceu de que deveria ser repórter, e não literato. ''Posso dizer que como repórter sou uma invenção de Samuel. Ele tinha uma impressionante sensibilidade para a notícia. Quando descobria uma, colocava os óculos na testa e dava a maior força ao repórter.'' Joel brigou várias vezes com Samuel. E se reconciliou outras tantas. Chegou a ser diretor do *Flan*, um semanário lançado por Samuel em 1953 e que morreu na onda da campanha contra a *UH*. Joel dirigia um jornal chamado *Comício*, que era impresso na gráfica da *Última Hora* e ia mal das pernas. Como a dívida com a gráfica estava em nome pessoal de Joel, Samuel trocou a dívida pelo passe do jornalista.

Samuel Wainer viveu atrás da notícia. Foi ele quem criou o aquário - uma sala envidraçada no meio da redação, onde passava o dia, e que depois virou moda. Não deixava ninguém terminar a matéria, ficava lendo por trás da máquina. Não podia ver nenhum repórter na redação, e dizem que cunhou a frase ''Lugar de repórter é na rua''. Edmar Morel, membro da equipe pioneira de *UH*, fez dúzias de reportagens no estilo sensacionalista que garantia recordes de vendagem para o jornal. Uma delas foi sobre um diplomata brasileiro que tinha comprado um título de nobreza. ''Era uma nota de três linhas perdida no meio do noticiário. O Samuel leu e mandou que eu fosse atrás. Denunciamos um escroque paulista que vendia títulos falsos de nobreza pelo crediário. Foi um escândalo.'' Quando o assunto era bom, Samuel promovia também o repórter. O próprio Morel virou manchete do jornal quando o filho do conde Matarazzo foi seqüestrado. Ao chegar a São Paulo, teve a sorte de cruzar com o menino, que estava chegando em casa, já libertado pelos seqüestradores. Mandou uma foto e poucas linhas. Manchete da *UH* no dia seguinte: ''Morel localiza o filho de -

REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A.



NOSSA ECONOMIA NOS TRILHOS

Com 43.000 vagões e 1.600 locomotivas, a Rede Ferroviária Federal é a maior empresa ferroviária da América Latina.

Uma empresa transparente, com números muitos claros, informações precisas sempre à disposição dos profissionais de imprensa de todo o País.

De Porto Alegre a São Luiz do Maranhão, seus 23 mil km de linhas levam todo tipo de carga: minério de ferro, derivados de petróleo, cimento, produtos agrícolas e siderúrgicos, carvão mineral, etc... Uma carga essencial para o progresso do País. Somente no ano passado, 82 milhões de toneladas foram transportadas.

O equilíbrio financeiro alcançado, o aumento do índice de produtividade (de 150 mil funcionários, nos últimos anos, a Rede passou para 62 mil em 1987), os investimentos de US$ 1,7 bilhão que estão sendo feitos na melhoria das linhas, o novo gerenciamento operacional. Esta é uma pequena mostra do que a Rede é hoje.

Se continuarmos nesse caminho, ferrovia como principal meio de transporte de carga, em breve nossa economia estará no mais certo dos lugares. Nos trilhos.

RFFSA
REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A.
Nossa Economia nos Trilhos.

Ministério dos Transportes - Governo José Sarney



Roda alegre na casa de Di Cavalcanti: Jango, Samuel, Paulo Francis, Jorge Amado...

Matarazzo''. Isso não quer dizer que Samuel subordinasse completamente a realidade ao objetivo de vender jornal. Em outra ocasião, o mesmo repórter denunciou uma quadrilha que adicionava água ao leite distribuído nas favelas. Mas um juiz conivente acabou concedendo o *habeas corpus* aos autores da tramóia. Morel acabou conseguindo uma foto do juiz numa pose mais do que constrangedora, num terreiro de macumba. Samuel viu a foto, mandou que fosse levada ao juiz, mas não a publicou.

Um dos jornalistas mais bem pagos de *Última Hora* foi Arapuã - Sérgio de Andrade -, que escrevia no *Diário da Noite*, da cadeia Associados, a coluna *Ora, bolas*, de humor e futebol. Quando viu recusado um único vale com que pretendia pagar a despesa do hospital da mulher, Arapuã transferiu-se para a *Última Hora*. Salário: mais de 110 mínimos, uma boa nota hoje e mais ainda nos tempos em que o mínimo, como prova o DIEESE, não era tão mínimo assim. Certo dia, o leite subiu e Arapuã fuzilou em sua coluna: "No Brasil, o copo de leite tem licídios, glipídeos, proteínas e dois ou três artigos do Código Penal''. Samuel chamou o colunista à sua sala na *UH* paulista - onde vinha uma vez por semana - e explicou: queria que Arapuã maneirasse, porque, afinal de contas, o dono do prédio onde estava instalada a redação e a gráfica do jornal era Willy Otto Jordan, dono de uma das maiores empresas produtoras de leite do país.

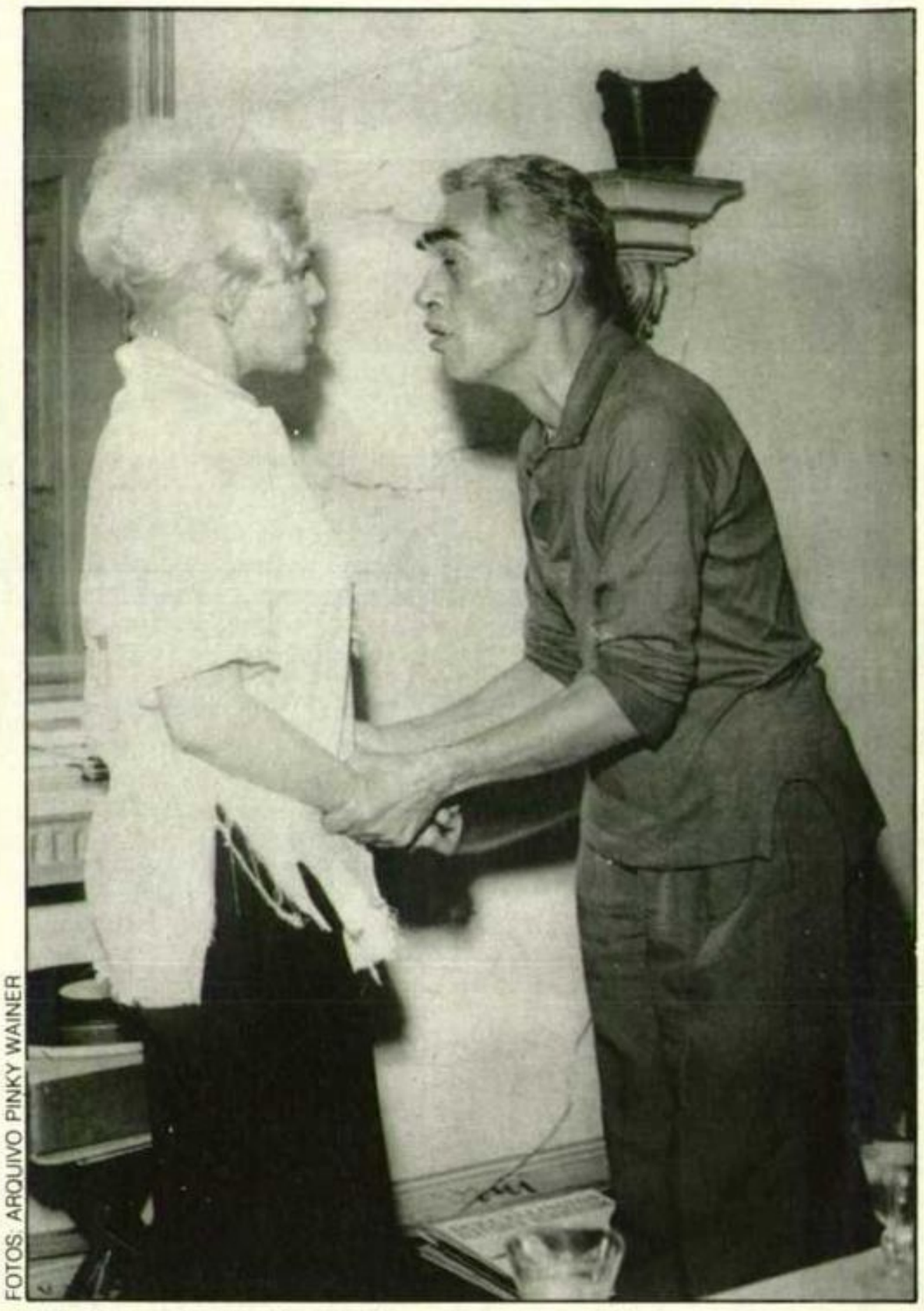
— Você me prejudicou, Arapuã — reclamou Samuel. E explicou a situação, desconhecida pelo colunista.

— Samuel, quando você me contratou ficou acertado que minha coluna iria direto da máquina de escrever para a oficina. Se o trato vai mudar, vou ter de mudar de jornal.

Samuel pensou alguns instantes e acabou o diálogo:

— Desculpe ter chamado você aqui. Você está certo. Se não for assim, este não vai continuar a ser o que é - o melhor jornal do país.

Gatilho Rápido - Paulo Francis, outro colunista importante do jornal, desancou durante semanas a fio as companhias de aviação depois que seu irmão morreu num acidente aéreo, ao que afirma, por incompetência da empresa. Samuel nunca lhe disse nada, embora tenha perdido bons contratos publicitários. Por essas e por outras é que Nelson Rodrigues disse certa vez: "Ele dava liberdade a quem merecia e nunca procurou influir no que escrevíamos''.



FOTOS: ARQUIVO PINKY WAINER

Só tirava fotos de perfil, por pura vaidade. Aqui faz charme para a atriz Kim Novak.

Rápido no gatilho ele era. Tanto para definir um título ou descobrir a notícia num telegrama mínimo quanto para sentir no ar a evolução do quadro político e tomar as medidas indispensáveis à sobrevivência do jornal e dele mesmo. Farejou o fim do governo Vargas bem antes e passou a ser acusado pela esquerda que vivia à sombra do poder de direitista. E no momento em que a *UH* paulista trombou de frente com a Igreja, em 1962, por causa de uma charge de Nossa Senhora Aparecida, transformou um rapaz de 26 anos em diretor do jornal num vôo entre São Paulo e o Rio.

Arapuã, entre outros colunistas, alvejava freqüentemente os padres que dirigiam a emissora de rádio de Aparecida do Norte. E o cartunista Otávio publicou uma charge onde a santa assumia as feições de Pelé, abençoando as equipés do Palmeiras e do Corinthians. A força da rádio mais a ação dos ademaristas criaram uma onda enorme contra o jornal, que quase foi empastelado. Era preciso procurar saídas para a crise. Um dos colunistas da *UH* paulista chamava-se Jorge da Cunha Lima. Ex-subchefe da Casa Civil do governador Carvalho Pinto, rico, 26 anos, bem relacionado, católico, algumas pinceladas de esquerda, Cunha Lima tinha um sonho: conhecer Samuel Wainer. O que acabou acontecendo num avião, indo para o Rio.

O jovem colunista aproximou-se entusiasmado, apresentou-se e se assustou com a reação de Samuel:

— Você quer ser diretor da *Última Hora* paulista?

Acabou aceitando, mas só muitos anos depois descobriu →

MERIDIONAL
É BANCO MÚLTIPLO
PORQUE TEM TUDO.



MERIDIONAL

O BANCO COM A FORÇA DA UNIÃO



Samuel apoiou Jango até o fim, mesmo duvidando de sua política. E lhe levou muito dinheiro sujo.

que aquilo não tinha sido um impulso de Samuel.

Fosse quem fosse o diretor de seus jornais, quem dava a linha geral era ele. Mas os que trabalharam diretamente com Samuel negam que ele fosse autoritário, ou dominador. Maria Lúcia Rangel, hoje editora de cultura da *TV Globo*, começou em jornal com ele, na *Última Hora*, em 1970. Alguns anos depois, Samuel lhe telefonou pedindo que fizesse um *box* de uma matéria sobre Chagas Freitas. Maria Lúcia fez e mandou para Samuel, que leu e lhe telefonou: "Seu *box* está muito melhor do que a minha matéria. Vou inverter a coisa. Você assina a matéria e eu o *box*".

Bandagens no peito - No fim da vida, estava realmente mal. O dinheiro era curto, mas seu maior problema era o pulmão comprometido por anos e anos de cigarro. Um dia, ao subir as escadas da *Editora Três*, Múcio Borges da Fonseca, então editor de *Status* e que tinha sido diretor da *UH* do Recife, tentou ampará-lo. Percebeu um olhar de fúria, embora Samuel não tenha dito nada. Pouco dias depois, encontrou o amigo em seu apartamento, com o peito coberto de bandagens, ofegante. Recomendação de Samuel: "Múcio, não conta para ninguém. Sobretudo não conta pro Domingo. Patrão não pode saber dessas coisas".

A última jogada de Samuel Wainer não deixa de ser genial. Ele já não poderia tramar um jornal popular com o governador Orestes Quércia, por exemplo, ou um semanário apoiado simultaneamente pelo ex-ministro João Sayad e por Newton Cardoso. Mas não deixou espaço para ninguém contar sua história. Fosse outro o autor e a história de sua separação de Danuza Leão estaria lá. Os que trabalharam na *Última Hora* sabem que ela se apaixonou por um dos colunistas do jornal, Antônio Maria, mas os detalhes ainda têm o sabor de fofoca. Outro romance de Samuel, o seu primeiro casamento com Bluma, que ele conheceu no Bom Retiro, terminou em circunstâncias ainda nebulosas. Tanto assim que, quando perguntei a Rubem Braga sobre Bluma, ele não quis dizer nada. Falou apenas: "Deixa isso pra lá, é confusão". Rubem teria tido um romance com Bluma, que morreu há mais de 30 anos.

As memórias de Samuel Wainer não precisam desses ingredientes para fazer sucesso. Elas são uma aula sobre as relações entre imprensa e poder, um raio-x completo sobre o



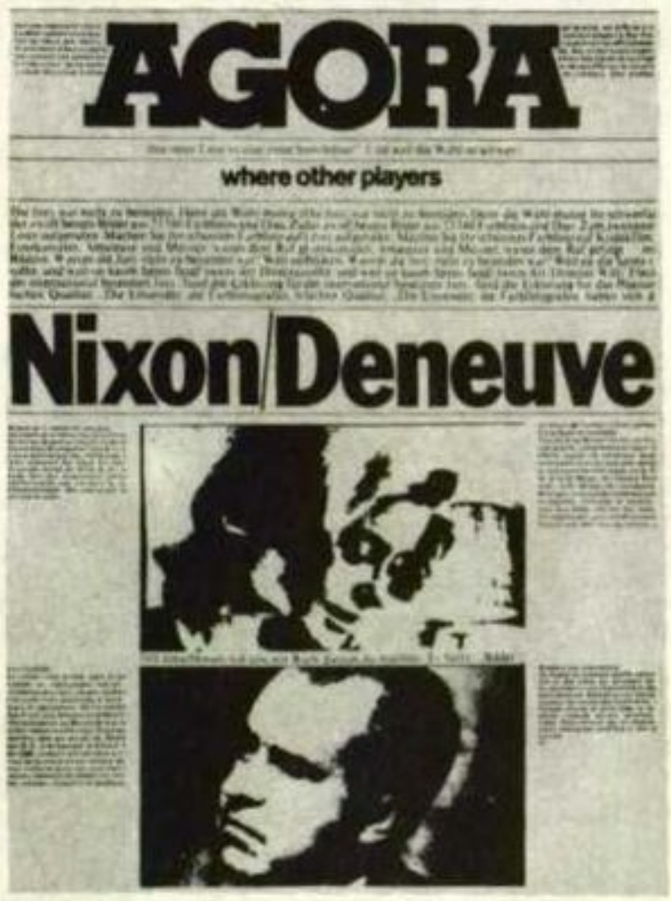
FOTOS: ARQUIVO PINKY WAINER

O golpe o levou a uma embaixada e dali para o exílio. Quando voltou, não tinha mais império.

jornalismo brasileiro nas décadas de 30, 40, 50 e 60. E, nelas, ele fala tão abertamente de episódios constrangedores que o livro termina apresentando Samuel Wainer como uma espécie de anti-herói moderno. Alguns de seus velhos companheiros torceram o nariz para esse jeito de contar a história. Francisco de Assis Barbosa definiu o livro como "um *strip-tease* terrível que envolve terceiros. Uma ação *kamikase*". Joel Silveira usou outras palavras para dizer a mesma coisa - "um livro massacrante, ninguém se destrói assim". Moacir Werneck de Castro tem certeza de que Samuel pretendia trabalhar o material bruto - tanto que pediu a Tereza Cesário Alvim para recolher vários depoimentos, que não foram utilizados no final. *Minha Razão de Viver* bagunçou o mercado editorial, colocando a própria Editora Record, uma das maiores e mais competentes do país, em maus lençóis. Alfredo Machado Filho, um dos donos da editora, admite que a Record não esperava um desempenho tão bom do livro. Encomendando a sexta edição, o editor garante que o livro vendeu muito mais do que eles esperavam, já que foi lançado no dia 18 de dezembro, quando os livreiros tinham comprado todo o estoque do Natal. Um boato que circula entre editores diz que, na verdade, a Record boicotou a última obra do maior inimigo de Carlos Lacerda, sob cuja inspiração a empresa foi criada. O filho do criador da Record dá risada. Ele sabe que foi Samuel Wainer que escolheu a Record como editora e acrescenta: "Ao contrário do que dizem, nossa família vive disso. Meu pai jamais iria boicotar um produto de sua empresa porque o livro fala mal de Carlos Lacerda".

Jornais que ele não fez

No fim da vida, entusiasmava os colegas com seus projetos


AGORA

where other players

Nixon/Deneuve


Eu sou o motorista de Odile Rubirosa. Só motorista.

Agora era mais do que um jornal. Três publicações sob um título pomposo — o Projeto Sabe: *Decisão de Agora, Mulher de Agora* e uma *newsletter* diária. O primeiro falaria de consumo e vida moderna, misturando ingredientes de *Fortune, Nouvel Observateur, Esquire, Economist* e *Rampart*. Teria 48 páginas, 75 mil exemplares, semitablóide.

Mulher de Agora pretendia ser mais que uma revista feminina — sonhava criar um público próprio, entre o sofisticado e a classe média. Pretendia sair com 50 mil exemplares, formato tablóide. Foi criada até uma editora, a Edifin — Edições Financeiras Sociedade Civil Ltda., mas a coisa não foi adiante por falta de dinheiro.


VAI E VEM DA SEMANA

IDÉIA NOVA

P. FEIJÃO FIRME, SÃO PAULO E BRASIL

Pânico na ARENA: 76 tem que mudar.

CHICO BUARQUE: A MARCHA É CERTA

BETHANIA: CANSEI DE SER BAIANA


os 7 pecados capitais

batalha do divorcio

O APELO

O mundo sem retoque

E SEUPE DO NUNDQ DEPENDE DOS PULMOES DE BREJNEV

Idéia Nova surgiu de reuniões com José Hamílton Ribeiro, Frei Betto e Sérgio de Souza, entre outros. Seu boneco traz os nomes de Moacir Werneck de Castro, Joel Silveira, Dias Gomes, Geandré, Tarso de Castro, Ruy Guerra e Chico Buarque. Múcio Borges da Fonseca, que guardou um dos bonecos, diz que era para ser uma revista. Mas ela tem cara de jornal. *Idéia Nova* também ficou no papel, como tantos outros projetos de Samuel, que, na Europa, chegou a tentar criar uma espécie de *Seleções*, para circular em vários países. Quando Regina Duarte foi viver uma jornalista no seriado *Joana*, *Idéia Nova* virou mesmo uma revista, onde Joana trabalhava. →



ARQUIVO PINKY WAINER

Com o filho mais novo, Bruno, no apartamento em São Paulo

Conversas com Samuel

Os últimos dias de um homem tranqüilo



Durante quase dois meses - de 6 de julho a 27 de agosto de 1980 - a jornalista Marta Góes viveu uma experiência de causar inveja a qualquer jornalista brasileiro: ouvir, contada na primeira pessoa, a história da vida de Samuel Wainer. Essa tarefa, iniciada em 25 de janeiro de 1980 pelo jornalista Sérgio de Souza, tinha como objetivo colher o depoimento de SW para o livro Minha Razão de Viver.

Samuel, nessa época, morava sozinho em um apartamento em São Paulo - melhor dizendo: morava com a fiel empregada Isabel, seu anjo-da-guarda, e um punhado de lembranças, recortes, anotações, cartas e fotografias que, com a competente ajuda de Marta, transformaram-se numa rica e surpreendente narrativa. Acima de tudo um repórter, Samuel Wainer provavelmente aproveitaria o resultado de uma segunda tarefa que Marta Góes, espontaneamente, iniciara juntamente com as entrevistas: escrever um diário com suas impressões pessoais sobre aquele personagem fascinante que lhe contava, quase sempre com humor, às vezes com melancolia, a história de sua agitada vida.

Iniciado em 5 de agosto, o diário de Marta Góes permaneceu inédito até agora. E por registrar, com rara simplicidade e indisfarçável ternura, os últimos dias de um dos maiores jornalistas que o Brasil já conheceu, adquire um valor inestimável para completar o perfil de Samuel Wainer. O diário foi interrompido a 27 de agosto, seis dias antes da morte de Samuel.

"Faz oito anos que não leio este texto, e tenho medo de que esteja um pouco piegas", confessou Marta, que não fez nenhuma revisão ou alteração em seu diário. **IMPRENSA** *não tem o mesmo receio da autora. Trata-se de um comovente, agudo e verdadeiro retrato do fim da vida do criador de* Última Hora. *A seguir, a íntegra do diário de Marta Góes.*

5/8 Isabel me faz entrar e vai avisar que eu cheguei. Volta instantes depois e fecha atrás de si a porta de comunicação com os quartos. Vai demorar. "Seu Samuel já vem. Mandou perguntar se a senhora quer um café, um conhaque ou uma vodca." Vodca, às 2 horas da tarde. Tomo café. Espero, espero, espero. Nenhum jornal à mão - mais tarde eu iria descobrir que é no escritório que ele lê todos os jornais. Há uma pilha enorme equilibrada sobre uma cadeira. Ele leva jornal a sério. Nenhuma revista recente, tampouco, sobre a ampla mesa baixa do centro da sala. Só livros. Livros elegantes, de arte, de fotos do Xingu. Mas, no meio deles, uma tentação: uma pilha de fotos. A de cima dá para ver do meu lugar: Samuel sentado na própria poltrona onde eu estou, ao lado de Bruno, sentado no braço da cadeira, o braço passado sobre o ombro do pai, rindo pra ele, encantado com ele. Nenhum barulho lá dentro, Isabel sumida da cozinha. Avanço sorrateira nas fotos. Mais Samuel e Bruno, Samuel sozinho, Bruno sozinho, agora uma colorida, pequena: Samuel e Nara Leão, na mesma sala. E agora, um par de fotos de outra safra. São antigas, branco e preto, já amareladas. Uma multidão de homens, o chamado povo, mas todo mundo de terno. Em primeiro plano, Samuel discursando inflamado, mangas arregaçadas, bigode preto. Na outra ele está em menos evidência. Dá para perceber que ele se apóia na porta do carro. Lá atrás, alguém empunhando uma faixa, com um retrato de Getúlio. Qualquer coisa relativa a "O petróleo é nosso".

Ele me instala ao seu lado, diante da mesa de trabalho. Um caos. Isabel quer arrumar, ele corre com ela. Ela resmunga. Me dá caneta e uma folha de papel. Vamos ver o que vai ser o livro.

"Nós vamos tentar vender Brigitte Bardot." Eu rio. Ele olha sério. Não era piada. Anota aí, ele fala, tentando ser organizado. Um: de onde é que eu vim. A história do gueto. Aqui no Brasil ninguém fala de gueto, ninguém fala de judeu. Dois:... Três:... À medida que ele fala dessa história fantástica, onde se misturam personagens da política, da História do Brasil, do Bom Retiro, da grã-finagem, da família, vai surgindo bem clara diante de mim a qualidade da relação que ele mantém com a tal imagem Samuel Wainer.

O gravador faz uns barulhos estranhos, mas não roda. Samuel o agride com uns safanões irritados e espia, com olhos curiosos, aquele pequeno mistério. Os dois remexemos o aparelho, de lá para cá, meio perdidos. Pronto. Está rodando. Agora o teste, com a voz dele - com a minha não serve. Ele gosta de se ouvir um pouquinho antes de começar: um, dois, três, Samuel Wainer gravando para Marta Góes. Perfeito! Vamos lá:

— Uma noite, depois do jantar, Getúlio me chamou à janela, no Catete, e me disse...

Eu ouço, na maior curiosidade, pra saber o que é que Getúlio lhe disse, numa noite quente de dezembro carioca. Mas ele não conta agora. Só vai contar alguns metros adiante. Até lá são desvios. "Porque, isso é muito importante, tentaram de todas as maneiras arrancar de mim que a *Última Hora* de São Paulo tinha sido feita com dinheiro dado pelo Getúlio." Desvios com certeza tão empolgantes quanto o veio central da história. Mas a verdade é que a narrativa é sinuosa, entrecortada, interrompida a cada momento por novas lembranças.

Um lado da fita, o outro, nova fita. O episódio de Nossa Senhora de Aparecida... A última noite em São Paulo, antes do exílio. As agressões na noite — "Vá dançar na Rússia"; "Vou dizer a seu pai que você está andando com comunistas"; "Aquilo me marcou profundamente". A mão enfiada sob o cós alto das calças, que lhe chegam quase até os bolsos da camisa. As camisas de bolsos na lapela e dragonas são uma marca dele. Assim como a cor azul-claro, as sobrance-

lhas e os óculos na cabeça... Isabel aparece no corredor. Fica lá parada, querendo dizer alguma coisa. Ele pára o gravador. Meio bravo, meio divertido. "O que é Isabel, o que é? Já sei, quer interromper pra ver se o gravador te grava e você entra no livro, não é? Mas não adianta. Não vai entrar no livro. Pronto." As interrupções também são boas. Pelo menos por enquanto, que ainda não deu tempo de olhar direitinho todas aquelas fotografias da parede. Rock Hudson, uma loira e Samuel, numa rua. Samuel e Golda Meir, olhando-se nos olhos com um ar meio matreiro, Samuel e Cacilda Becker. Cacilda Becker? São importantes, também, porque é só com o gravador desligado que ele exerce um outro lado da personagem. O lado que declara, entre suspiros: "Eu estou sempre aprendendo coisas fantásticas"... "Mexer com esse negócio." Ele dá um riso curto, mas sacudido, porque o negócio é o gravador cassete.

Por hoje é só. Telefone. Ele ensina a alguém o caminho para encontrar Gustavo Capanema — "Gustavo Capanema é o inventor de Niemeyer. É o inventor de Portinari". Ele consulta cadernetas, números, fornece tudo, alternativas inclusive para o caso de alguém não ser encontrado. Depois se despede: "Vamos ver se você aparece. Uma tarde de tempes-



ARQUIVO PINKY WAINER

Com Golda Meir: "ar matreiro"

tade, quando você não tenha ninguém para te salvar..." O charme é inesgotável. Mas logo em seguida vem a reação obrigatória, mal recoloca o fone no gancho. "Uma das mulheres mais bonitas de São Paulo. Linda. Mas cheia de complexos. Não quero nada com ela, eu já sei que ia me deixar maluco."

7/8 Isabel está entrando na portaria, sobrecarregada de pacotes de supermercado. "Ih, seu Samuel está esperando faz um tempão." Ela sobe pelos fundos, eu pela frente. O *hall* está escuro e Samuel demora a abrir a porta. Abre: a cara coberta de sabão de barba se desvia do beijo. "Marta Góes! Eu estava me preparando para a sua chegada." De passagem ele já me aponta a cadeira que eu devo levar para o escritório. Conto que São Paulo inteiro me inveja a sorte de estar trabalhando em suas memórias. Ele vem do banheiro com a cara encharcada, pingando no colarinho, contendo um sorriso. Conto os elogios que ouvi de Leilah Assunção sobre ele, ele esconde a satisfação num ar de naturalidade. "Vamos fazer um capítulo inteirinho sobre ela."

Estamos na quarta fita sobre a *UH* de São Paulo. Passamos pela sucessão, pela venda a Otávio Frias, em Paris. O poder que o jornal alcançou, os ódios que despertou. O episódio da agressão por Sérgio Cavalo. O trauma e o não-trauma por ter perdido tudo. O gérmen da luta, da resistência. O desapego ao dinheiro. "Isso eu ensinei aos meus filhos. Eles dão gargalhadas com as histórias do tempo de milionário. Eles dizem que a herança deles é cultural. Morrem de rir." O terror de ver os filhos se criarem franceses, com o horror francês à Gaspillage. O vago arrependimento de não ter garantido uma retaguarda financeira. Sobre o desprendimento: "Isso não é pra efeito de biografia, não. É só olhar a minha vida". O riso com que sublinha esse comentário denuncia que a notoriedade ainda não o deixou *blasé*. Parece que, no fundo, ele ainda se surpreende de ser um desses homens cuja vida merece ser contada. Se surpreende e se encanta.

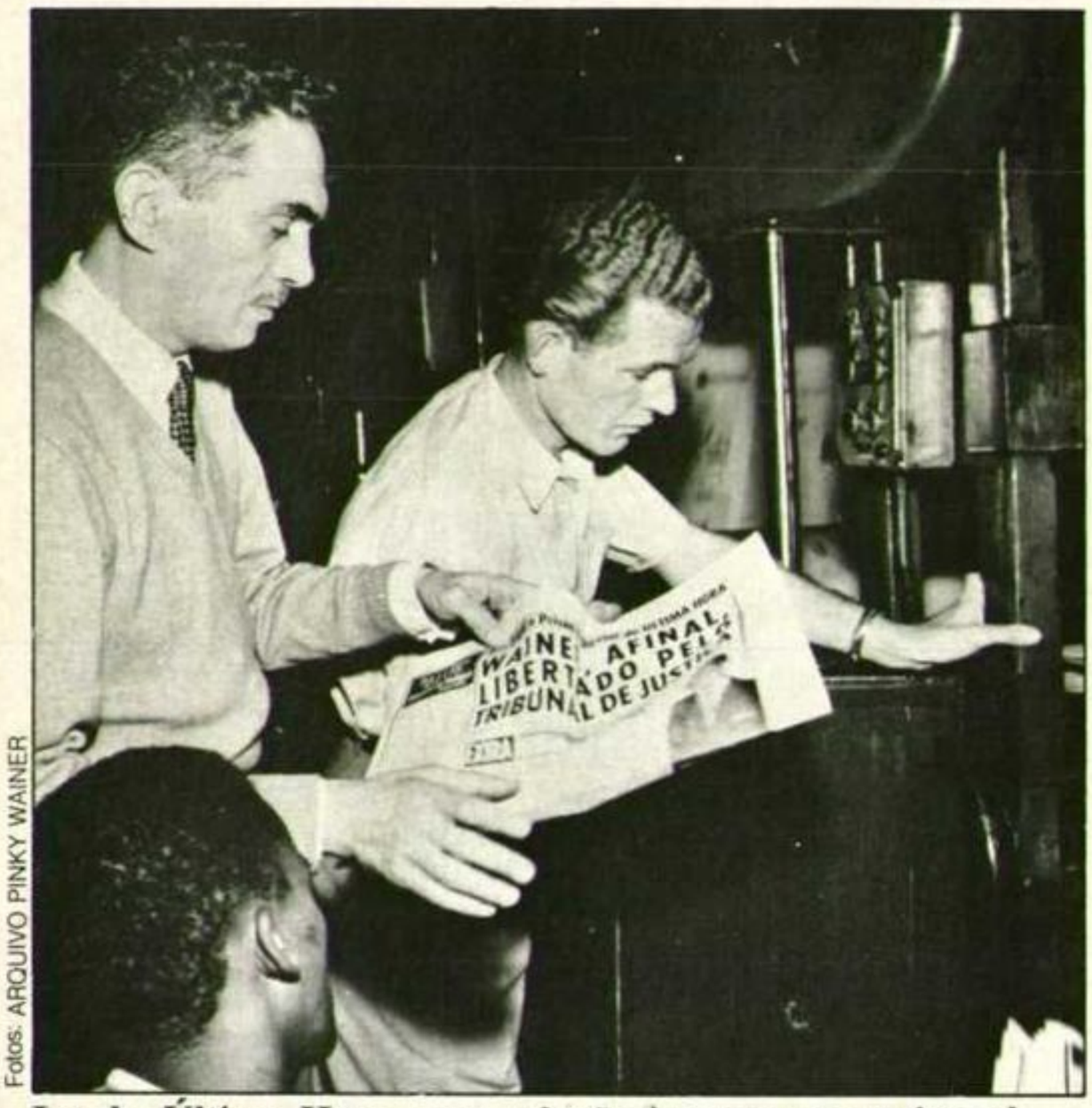
A relação com o jornal, de nunca se afastar inteiramente, de telefonar com freqüência. "A minha vida inteira, desde menino, eu estive esperando uma coisa. Alguma coisa que eu não sei o que é. Você vê: agora mesmo me chegou esse envelope, eu abri imediatamente. Não agüentei esperar. Era o extrato de contas. Daí o meu hábito de telefonar toda hora pro jornal, de onde estivesse. Chegou algum telegrama? Algum telefonema?"

Isabel traz mais fitas. Volta depois para combinar o que fazer para a noite. Vai ter gente para os drinks. "Não, Isabel, Macieira não serve, não. Macieira é bebida de pobre." A dureza da piada não resiste ao riso sem graça e à cara inquieta de Isabel, e ele atalha rapidamente: "E uísque também não, que uísque é bebida de rico." Ufa! Agora ela ri completamente. Cerveja? Só quatro latinhas. "O suficiente para embriagar um exército." Protestante, eu complemento. E nós dois rimos, sob o olhar outra vez confuso de Isabel. Agora ela vai ao banco, ele chama o táxi por telefone. Descemos juntos, e ele vem falando até a calçada. O pensamento mergulhado em outras épocas.

Tem um fio da sobrancelha esquerda de Samuel que sai daquele tufo grisalho que serve de marquise aos seus olhos azuis e se projeta à frente, perpendicular à testa. Se projetava. Porque, agora, cresceu em curva e está fazendo o caminho de volta. A cada dia se aproxima alguns milímetros do globo ocular.

Samuel hoje estava vacilante. Custou um pouquinho a tomar velocidade em sua narrativa. Continuamos nas campanhas para a destruição da *UH*. Uma epopéia. Das histórias de hoje a mais palpitante foi, sem dúvida, a do dia em que SW saldou sua dívida com o Banco do Brasil. O dia em que seus advogados compareceram ao cartório estipulado pela Justiça, data e hora marcadas pela Justiça, após oito anos de processo. E o Banco do Brasil não apareceu, porque, simplesmente, não acreditava que ele conseguisse. Depois, a entrada no imenso prédio vazio e dilapidado da Avenida Getúlio Vargas, por tanto tempo ocupado pelo banco, ou melhor, tomado pelo banco, como garantia. E uma fase da aparente recuperação, num jornal, segundo seu fundador, "já ferido de morte". E a fama de mau pagador, que o irrita e ofende. E radicaliza uma amargura cínica contra quem ousa reclamar. E a fama de opressor, responsável por seus atritos com Paulo Francis e Adalgisa Néry: independência, sim. Liberdade, nenhuma, ele garantia a seus colunistas. Entre eles, Chacrinha.

E outra vez, hoje, o medo de tocar no ponto nevrálgico, tão remoto e tão vivo: Danusa. Foi a propósito da sua perda de *élan*, a uma certa altura das sucessivas crises do jornal. Porque coincidente com a perda da família. Ou seja, a época do desquite. Por que nunca foi tão difícil separar de uma mulher? Por causa dos filhos, ele diz. "Os filhos são o vín- →



Fotos: ARQUIVO PINKY WAINER

Lendo *Última Hora*: uma relação intensa com o jornal

culo mais indissolúvel que pode existir entre dois seres humanos.'' Mais do que a paixão mais arrasadora, dessas que provocam suicídios, ele diz. E ele se separou dos três, e realizou a dureza dessa realidade ao entrar num avião e ir embora para Paris. Uma referência confusa ao afastamento que já existia entre eles. Ele entregue ao jornal, vinte e quatro horas por dia, ela voltando às suas origens, ou seja, à alta sociedade. Divagações balbuciadas sobre o lugar da mulher, ao lado do homem em sua aventura. Mas só. Nenhuma referência ao fato de que foi ela quem o largou. E para viver com outro, seu amigo e quase inventado por ele — pelo menos popularizado por ele: Antônio Maria. E eu ali, com uma pergunta na boca, mas constrangida. Com pena dele. Sei lá eu se ele ainda não sonha com ela de noite?

11/8 Hoje ele abre a porta com uma barba de dois dias, que só não lhe escurece o rosto porque é branca. Alva. Chinelos nos pés, fazendo clap-clap sobre o carpete duro. Está acabando de escrever o artigo da *Folha*. sinal de que não conseguiu acordar às 10 horas, como planeja todos os dias, diante de mim. Me senta diante dele, com uma revista na mão e batuca o comentário que vai sair no dia seguinte: SW escreve rápido e encerra o assunto em coisa de 10 minutos.

O depoimento de hoje flui sem interrupções para histórias paralelas. Começa onde paramos na sexta-feira: as nuvens da tempestade que foi a campanha de Lacerda contra ele se avolumando no horizonte. Em uma hora e meia as nuvens cobrem inteiramente o céu e desabam numa tempestade de raios sobre sua cabeça, agora branca. A CPI, os financiadores, os ataques, o isolamento. E, finalmente, a cadeia, sem mais apelação: um ano para ele, um ano para José. Aliás, quatro anos para José. Os companheiros de cela: tudo bandido. De alto nível, porém bandidos. Ladrões. E o que é pior, lacerdistas. E Danusa, com sua barriga de oito meses, a visitar juízes, advogados. E os jornalistas da sua redação a lhe negarem assinaturas para pressionar o juiz. De repente, o golpe redentor. O golpe pró Juscelino, de Lott,



Depondo na CPI que investigava UH: campanha ferrenha

seguido da defesa calorosa de Hungria, o relator impoluto, acompanhada pelo telefone, entre lágrimas. E o alvará de soltura para sair do Hospital Militar, passear com a mulher e a filha pelas ruas, vendo os tanques golpistas, antes de voltar para o apartamento da Rui Barbosa, onde o representante da *ABI*, Herbert Moses, o cumprimentou formal. O apartamento bonito mas sem móveis, porque a campanha, afinal, se não derrubou o jornal, conseguiu empobrecê-lo consideravelmente. Ele, que pagava os melhores salários, agora pagando com geladeiras e panelas de pressão. O jornal que ele via iluminado, pela noite adentro, da janela do Hospital Militar. E o episódio da mulher do tenente, sua fã, que, compadecida de sua condição de homem do mundo aprisionado, sugeriu ao marido que facilitasse a entrada de uma mulher para alegrar as noites do ídolo. Sugestão irrecusável ''para não ferir as boas intenções da mulher do carcereiro''. Os saltos altos da visitante ecoando no pátio do quartel, altas horas da noite.

Amanhã vai ter gravação. Um almoço com Severo Gomes.

14/8 Começamos hoje retomando a questão dos pagamentos. Ilustrada com dois episódios: um cochicho de Eneida, embriagada, durante uma reunião social — ''Samuel, eu não gosto de você, e você sabe por quê (o relacionamento dos dois esfriou quando SW separou-se da primeira mulher, de quem Eneida era grande amiga), mas eu tenho que reconhecer que eu devo meu salário a você. E isso ninguém pode negar''. Ela se referia, segundo SW, ao fato de ele ter inflacionado os salários da imprensa, com a fundação de *UH*. E o pedido de aumento que lhe fizeram uma tarde seus maiores colunistas: Nelson Rodrigues, Sérgio Porto e Antônio Maria. Tinham recebido uma proposta de Alberto Dines, então no *Diário da Noite*, que triplicava o que eles ganhavam na *UH*. Samuel não deu. ''Em primeiro lugar, porque não gosto de dar aumento sob pressão; em segundo, porque não posso. O jornal não pode, no momento.'' E, depois, porque o que eles ganhavam ali era apenas uma parcela do que eles ganhavam fora, graças ao prestígio que o jornal lhes dava. Quando soube, contudo, no que consistia a proposta do *Diário da Noite*, disse-lhes que fossem, imediatamente, porque não pretendia tirar leite da boca dos filhos deles... Eles foram. No dia seguinte, despenca Aída Curi ''de um andaime'' e o jornal vende furiosamente. Ninguém lembrava mais dos três, que voltaram correndo, uma semana depois. →

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891- 1927) *JULIO DE MESQUITA FILHO (1927 - 1969)* *FRANCISCO MESQUITA (1927 - 19*

$ 30,00 ANO 109 QUARTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 1988 Nº 34.619 Domingo Cz$ 35,00

A USP muda tudo. Com a verba do BID

A Universidade de São Paulo (USP) vai ser outra a partir de março de 88, quando entra em vigor seu novo estatuto. As principais alterações: mudanças no critério de eleição do reitor, criação de cinco pró-reitorias autônomas, estabilidade apenas para quem tiver título de douto- ção da e- funcionários no Conse lho Universitário. Com novo estatuto, a USP va poder aproveitar o em préstimo de US$ 162 mi lhões do Banco Int- mericano de Dese- mento (BID). C- servirá p- 3.200 t-

Presidente ameaça para ficar até 1990

"Quem preferir quatro anos de mandato é meu inimigo." A definição é do presidente da República, José Sarney, em um encontro de uma hora com parlamentares do "centrão" (bloco de dissidentes moderados do PMDB e- ra garantir a votação da Comissão de Sistematização, no próximo domingo, sobre o mandato de Sarney. Ele acha que "os que votarem a favor da duração de quatro anos para meu mand- tarão presidentes ficarão cinco anos no poder. Mas a carga do Palácio do Planalto não parou por aí. Ainda ontem, o porta- Frota Neto di- pr-

E Leônidas desmente candidatura

O ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, desmentiu ontem que seja candidato à sucessão de Sarney: "Não é um projeto pesso- cias" sobre sua candidatura a uma eventual "analogia com o passado". Mas, prudentemente, lembrou: "A história não se repete". nistro é um político e como político pode ser candidato", o general Édison Boscacci Guedes, coman-

Jânio pede licença. Pela quarta vez

A Câmara Municipal aprovou ontem outro pedido de licença por 40 dias do prefeito Jânio Quadros, a partir do dia 11. Seu lugar será ocupado pelo presidente da Câmara, Antônio Sampaio. É a quarta licença de Jânio desde que assumiu a Prefeitura. No t- 12 dias

F.JYBR

Sarney: "Sem mim, a ditadura"

CARLOS CHAGAS

"Se não estivesse na Presidência da República um homem tempera- dente José Sarney, que, em entrevista exclusiva, reconhece: "A Assembléia Nacional Constituinte não está sintonizada com o pre- nte da Repúbli- O PMDB deveria ser esse partido, mas, segundo ele, não faz o papel, porque se divi diu e, com isso, "criou esta instabilidade política que se estendeu

JORNALISMO DE FATO, DE OPINIÃO, DE PALAVRA, DE VERDADE.



ARQUIVO PINKY WAINER

Com Jango: difícil convivência



Com Juscelino: namorados da mesma mulher

Entramos no pré-64. As movimentações golpistas — o episódio da defesa que Paulo Francis fez dos grupos de onze, brizolistas — do fascismo ao comunismo. A posição de SW e a posição do jornal, diferentes, já que o jornal dava cobertura a Jango e seu dono via com reservas sua radicalização. Os preparativos para que *UH* sobrevivesse a qualquer tipo de golpe. Preparativos econômicos, que incluem corrupção nos meios empreiteiros, a serem narrados posteriormente. O isolamento de SW, visto como colaboracionista pela esquerda e como comunista pela direita, mas afastado do centro articulado por Santiago Dantas. A posse de Jango, ouvida no rádio do carro, em estradas marginais entre Rio e São Paulo. O choro emocionado. "Eu sentia por ele amizade, ternura." O primeiro encontro com o presidente na Granja do Torto. As vacilações de Jango. O alcance de sua influência e o orgulho de ser conselheiro de um presidente. O dia em que Maria Teresa invadiu, aos gritos, uma reunião do ministério — de biquíni — para mostrar um disco que Sinatra lhe enviara. Os ministros todos fazendo considerações sobre o LP. O comício de 13 de março. As confidências de um Arraes de pilequinho, prontamente transmitidas ao presidente. O pedido que ele e Tancredo fizeram para que Jango não fosse ao comício dos sargentos. O drama de mandar os filhos para a Europa com Danuza.

27/8 A proposta hoje era gravar até as seis da tarde, mas Samuel já roeu a corda de saída, embora se confessando, sempre, empenhado em encerrar o mais breve possível a etapa de gravações. Das duas e meia às três, o prologozinho habitual sobre seu estado de espírito, seu estado de saúde, o esquema ideal de trabalho a ser adotado no futuro. Essa pequena introdução, embora retarde o começo do trabalho, não me amola, em absoluto. Já entendi que ela é um prazo necessário para Samuel arrumar a cabeça, aquecer, antes de entrar de sola na gravação. Ele começa agora a realizar que contar a vida inteira — pouco importa a quem, já que o principal é que ele está contando a si mesmo — é um processo que transcende a narração pura e simples, a memória, o fôlego. É uma revisão às vezes dolorosa da própria vida, que o faz topar, de vez em quando, com acontecimentos que ele já queria ter esquecido e que, por causa do livro, ele se vê obrigado a reexaminar. No momento, pelo menos aparentemente, o que mais o está angustiando é o que ainda resta por contar. Ele está no afã de encerrar, acabar de contar, pra poder começar a escrever.

Estamos na altura do governo Juscelino. Fundação de Brasília, o telefonema inaugural para Gustavo Corção, a figura do presidente, a difícil convivência entre Jango e ele. Uma outra projeção para o exílio, seus contatos em Paris, seus erros políticos de então: a volta prematura e a conciliação com Lacerda. As afinidades entre SW e JK, a mulher que ambos namoraram.

Hoje ele atende a muitos telefonemas. Cumprimentos por suas aparições na televisão. Entrevistando Brizola na *Bandeirantes* e depondo sobre GV no *Globo Repórter*. O último, de um certo Marco Antonio, informou-o sobre as bombas que explodiram hoje. "Está desencadeado o processo", ele disse.

É como se um autor falasse de sua personagem predileta. Ele ama sua personagem: admira-a, comove-se com ela, ri dela. Isso talvez seja o que lhe dá tal desembaraço para falar de si próprio. Sem falsa modéstia, sem vergonha de se elogiar quando acha que deve. E cobra assentimento, concordância, aplauso. Pára de vez em quando, na hora em que meus olhos querem pular das órbitas de puro interesse, pra perguntar: "Então, Marta Góes, você acha que isso interessa? Você acha que as pessoas vão gostar de saber disso?" No fim da conversa, chá e sanduíches na mesa de jantar. E divagações, de boca cheia, sobre os estados de espírito dos últimos tempos, a dificuldade de acordar cedo, de se organizar para trabalhar. E a paralisação da vida sentimental. Eu ali, meio sem saber o que dizer. Meio honrada de ouvir, meio constrangida, meio desconfiada: onde é que ele quer chegar? Agora está falando dos filhos. Pinky, aquela maravilha. Paixão. Está em Angra dos Reis há uma semana, já ligou várias vezes para ele. Pede um doce, ele diz que vai mandar de helicóptero pra ela. Está esperando o terceiro filho. Samuca liga de manhã, pra perguntar: pai, viu minha matéria no *Fantástico?* (Ele faz uma voz engraçada, pra imitar o filho, como se Samuca tivesse acabado de engrossar a voz.) Samuca já é pai. E o Bruno, passou dois meses aqui comigo e eu ia dormir toda noite às duas da manhã. Falando de filosofia, de cinema, de política. "Falei: Bruno, vai embora, pelo amor de Deus, que assim eu não agüento. Não tô mais acostumado." A cara radiante, remoça dez anos, só de falar do filho. "A família, Marta Góes, tem que ser preservada, sabe? Eu tenho essa coisa de clã, essa coisa tribal, sabe? No fundo a gente é isso, sabe? Uma tribo." Depois faz charme outra vez. Não sabe se rica é a vida que ele levou ou a do português que abre um bar na esquina. Sabe, sim. X

CREDIBILIDADE

Resultado de 35 anos fazendo um jornalismo sério.

Manchete



Jornalismo que faz história e sucesso

empresas bloch

Coleguinhas



JUAN PRATGINESTOS / F4

Tenente Cláudia: uma foca de 76 mil mensais

Repórter de quepe e farda

Ao sair da faculdade, em 1986, Cláudia Rangel Gonçalves não teve de bater pernas atrás de um emprego convencional. Inscrevendo-se num concurso público, preferiu bater continência na Aeronáutica, transformando-se numa bela tenente que presta serviços na Assessoria de Imprensa do Centro de Comunicação Social de sua Arma.

Seu início de carreira foi a caráter. Em vez de procurar a calandra num jornal, enfrentou um alentado treinamento de cinco meses, que incluiu um acampamento de quatro dias, onde aprendeu a se orientar com bússola, armar barraca e andar de "falsa-baiana", a corda usada para a travessia de rios.

Mas isso não foi o pior. "O mais difícil foi tirar pele de animal", diz a Tenente Cláudia, 21 anos, que é solteira, mora com os pais e já ganha como um experiente editor: 76 mil cruzados, entre soldo e gratificações.

A contagiante bomba de césio

A repórter Valéria Sffeir, 34 anos, da *TV Globo-Brasília,* não se importou de viver a mesma discriminação que sofreram as vítimas do acidente radioativo de Goiânia. Ela esteve lá, visitou a área isolada e até conversou com a menina Gabriela, uma das vítimas fatais - o que lhe rendeu muitas gozações amedrontadas. Mas, para ela, a experiência foi "fascinante".



PAULA SIMAS / F4

Valéria: fascinada



BEATRIZ ALBUQUERQUE

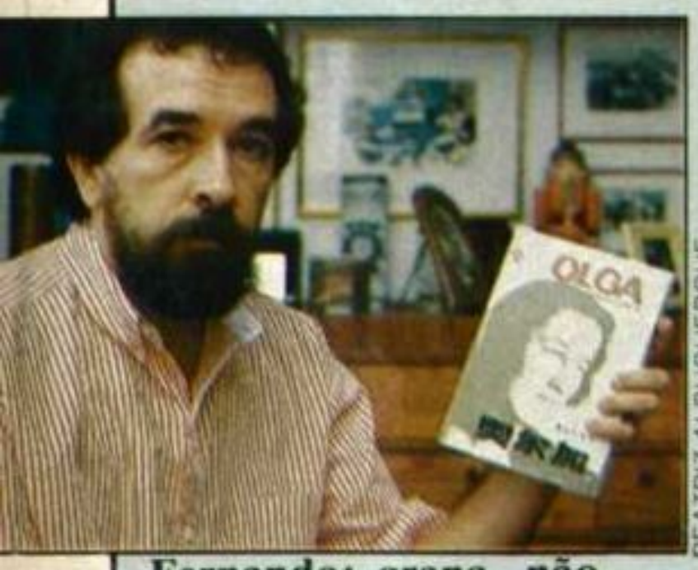
Osmar e Maciel: guerra, só pelo rádio

Amigos íntimos em lados opostos

Como se fossem pilotos de Fórmula-1 trocando de equipe no final da temporada, o locutor esportivo Oswaldo Maciel, 38 anos, e seu colega Osmar Santos, 38 anos, inverteram as posições que ocupavam no dial do rádio AM de São Paulo. Maciel deixou a *Rádio Record* pela *Rádio Globo/Excelsior,* e Osmar fez o percurso no sentido contrário.

Mas essa não é a primeira vez que os dois trocam figurinhas. Amigos íntimos há muitos anos, já moraram juntos em Marília, a cidade natal de ambos, vieram juntos para São Paulo e dividiram o mesmo quarto na pensão. Dividiram até o mesmo carro para namorar, cada um usando um dos bancos. No casamento, um foi padrinho do outro. Os dois estão sempre juntos e se consideram irmãos.

"No ar, é claro que existe uma disputa", diz o garotinho Osmar. "Mas fora das rádios, como somos pessoas de boa cabeça, jamais um fará alguma coisa de ruim com o outro", emenda Maciel, que, para embolar ainda mais esse meio de campo fraternal, levou o irmão de Osmar, Oscar Ulisses, para assumir a direção de seu programa.



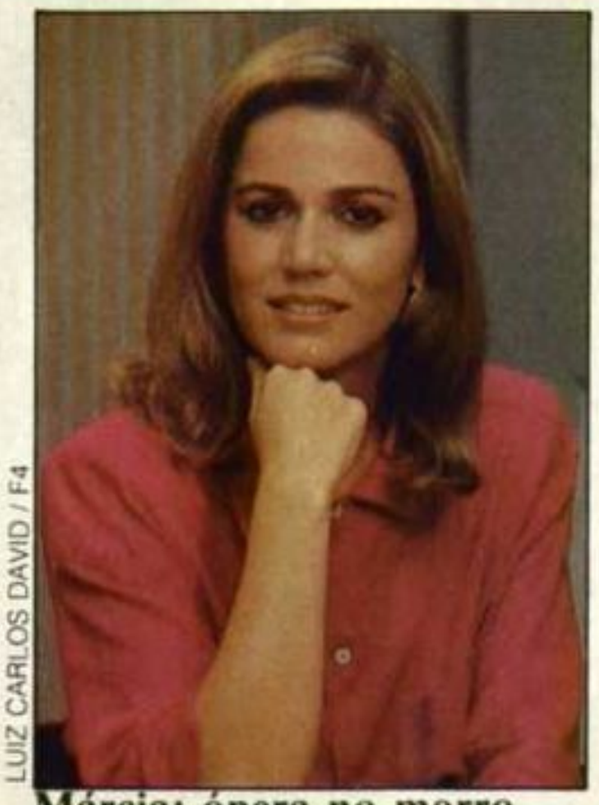
BEATRIZ ALBUQUERQUE

Fernando: grana, não

Calote made in China

O jornalista Fernando Morais, 41 anos, está em plena maratona para a realização de seu novo livro, *Tigre de Papel* - uma biografia do lendário fundador dos Diários e Emissoras Associados, Assis Chateaubriand, que deve sair no início de 1989. Até agora, Fernando já ouviu 70 pessoas, entre as quais um homem contratado para matar *Chatô* e que se contentou em dar uma surra em David Nasser.

No meio do trabalho, Fernando recebeu um presente de grego, enviado pela China: uma edição de seu *best-seller Olga* , a primeira em língua estrangeira. "É que a China não paga e nem recebe direitos autorais", diz Fernando, conformado e grato assim mesmo.



LUIZ CARLOS DAVID / F4

Márcia: ópera no morro

Cultura com charme e samba

Vencer obstáculos com charme é uma especialidade de Márcia Peltier, 30 anos, colunista de cultura da *Rede Globo*. Um de seus maiores trunfos foi entrevistar o escritor americano Gore Vidal, que em sua recente passagem pelo Brasil andou escorraçando jornalistas. Mas, diante de Márcia, Vidal se rendeu e fez uma ode a seus dotes naturais, inquestionáveis. "Foi meu primeiro trabalho na *Globo*, e também a primeira vez que saí para a rua. Mas ele foi um *gentleman* e me facilitou as coisas", diz ela, com modéstia.

Outra barreira que Márcia superou foi a do inflexível tempo da televisão. Quando Lígia Fagundes Telles entrou para a Academia Brasileira de Letras, fez uma entrevista de seis minutos e conseguiu que ela fosse ao ar na íntegra. "Estabeleci um recorde", brinca.

O novo objetivo dessa jornalista, que também é poeta com livro publicado - *Poetica(mente), Vida e Sobre Vida de um Poeta* -, é mostrar que cultura não é só para as elites. E não se trata de discurso. Quando a ópera *Carmen* foi encenada no Rio, Márcia fez uma encenação em pleno morro Santa Marta, adaptando os personagens à cor local. E, para exigir mais ênfase dos atores, saiu sambando pelo morro, usando as habilidades adquiridas em desfiles da Portela. "Mostramos como a ópera está na realidade e a realidade na ópera", diz, convicta.



BEATRIZ ALBUQUERQUE

Ciça: dividida entre o microfone e a câmera

Beleza oculta atrás das câmeras

Colmeia que se preze tem que ter sua abelha-rainha. No caso da *TV Gazeta* de São Paulo, que batizou de "abelhas" seus jovens repórteres que também fazem as imagens das matérias, a rainha é Ciça Callegari - uma sorridente morena de 28 anos que empunhou a câmera pela primeira vez há dois anos, para filmar os índios do Xingu.

No novo trabalho, Ciça desdobra-se para enquadrar bem seus entrevistados e prestar atenção no que eles dizem, o que não é nada fácil. "É um trabalho de vanguarda, e você corre o risco de não fazer bem nem uma coisa nem outra", diz ela, que vem saltando o obstáculo com competência, graças ao fôlego adquirido em aulas diárias de natação.

O que não se entende, em seu caso, é como a *TV Gazeta* pode ocultar aquele par de olhos verdes atrás de uma câmera. Salvo engano, em TV a beleza é para ser mostrada.



EDUARDO ACHUTTI

Waldoar, o "Rajá": um faquir na economia

As agulhadas do Professor Rajá

Quem encontra o chefe de redação da sucursal da *Gazeta Mercantil* em Porto Alegre, Waldoar Teixeira, 38 anos, não pode imaginar que sob aquele discreto jornalista se esconda um legítimo faquir, capaz de furar a pele com agulhas e comer lâmpadas.

Foi o que aconteceu há alguns anos com um certo cidadão, envolto numa túnica e devidamente acompanhado de uma cobra sucuri, que invadiu a redação da *Folha da Manhã* prometendo bater o recorde mundial de permanência sem comer. A redação parou para ver o exótico exibicionista e, como era hora do fechamento, Waldoar decidiu encurtar o *show*. Assumiu sua identidade secreta de "Professor Rajá", furou os braços com três agulhas de crochê e fulminou o atônito rival: "Pare com isso, rapaz. Isso é coisa de criança". Debaixo de gargalhadas, o humilhado faquir sumiu.

Para um bom espetáculo do gênero, Waldoar ensina que o segredo é não tirar sangue nem fazer caretas, para não espantar o público. E sugere: "Fica melhor com música de fundo".



Sergio Falci / Ag. Gerais

Camilo Teixeira da Costa, em frente ao jornal: depois de Minas, a conquista do Brasil

O jornal-estado

Pela primeira vez em 60 anos, o Estado de Minas *briga com o governo e descobre como ganhar dinheiro na oposição*

por Gabriel Priolli

O *Estado de Minas,* jornal, e o Estado de Minas Gerais, sua sede, têm em comum muito mais que o nome. Às vésperas de completar 60 anos, no próximo dia 7 de março, o jornal é hoje uma expressão tão legítima do pensamento e da vida social mineira quanto o Estado e seus governos pretendem ser. Mais que isso, o jornal envereda, se imbrica e até se confunde com o Estado, tanto por tradição quanto pelas próprias condições da Imprensa mineira. É, numa palavra, um jornal-estado. E agora, ao atingir o sexagenário, o *Estado de Minas* vive seu melhor momento com o máximo de ironia: brigado com o governador Newton Cardoso, descobre que a postura de oposição é a melhor forma de obter lucros e crescer.



Sergio Falci / Ag. Gerais

De fato, desde que o governador implantou uma nova política de comunicação, no início do mandato, voltada - como quase tudo em sua gestão - contra as "oligarquias" tradicionais de Minas, o jornal tornou-se um crítico implacável de Newton Cardoso. E uma boa fatia do público gostou. De 1986 para 1987, os lucros cresceram 232,8%, acompanhando um aumento de receita de 207,5%. A circulação subiu mais de 30%, atingindo 97 mil exemplares nos dias de semana e 173 mil aos domingos. Em 1987, o faturamento foi três vezes

Fulgêncio: "espírito mineiro"



Sergio Falci / Ag. Gerais

Tito, pivô da briga com Newton



Sergio Falci / Ag. Gerais

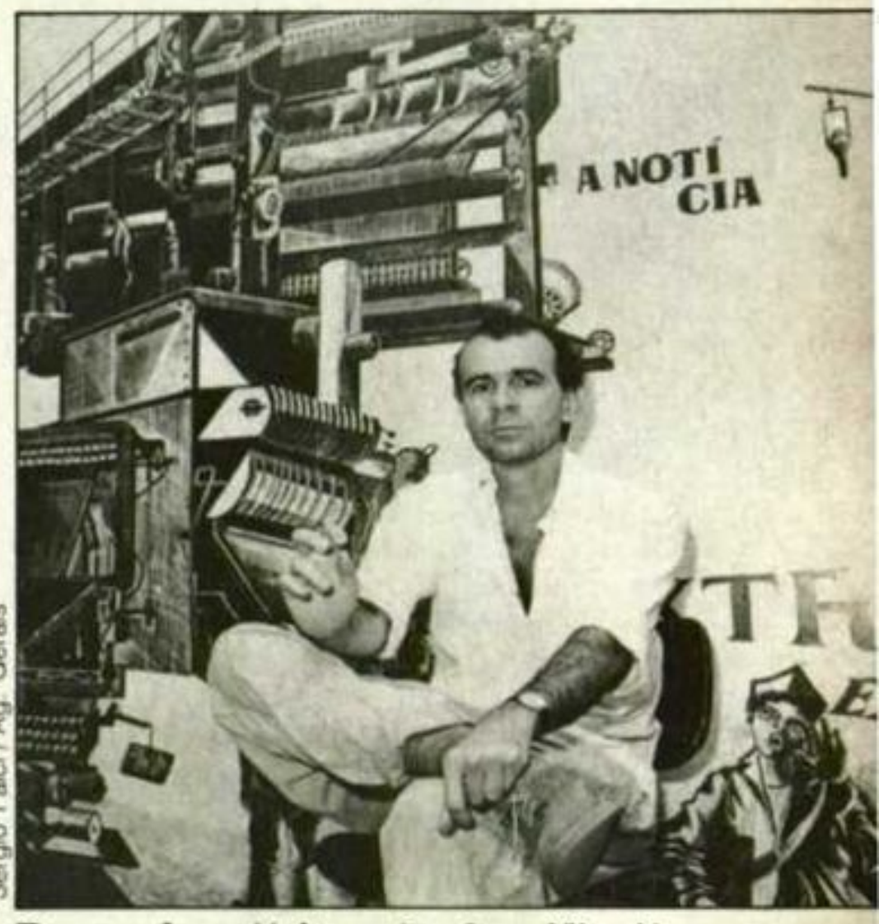
Theodulo: lembrança de Drummond

maior do que o capital, de 125 milhões de cruzados. E em decorrência dessa expansão, há dois anos o *Estado de Minas* paga um 14.° salário a seus 1.583 funcionários, como gratificação. "Organização e funcionalidade de operação deram muita velocidade e controle aos nossos processos", explica o diretor-executivo Camilo Teixeira da Costa, 63 anos, no comando administrativo do jornal desde 1963. Mas ele não nega que o sucesso vem também da "fiscalização" que o *Estado de Minas* exerce atualmente sobre aqueles a quem chama, sem sutilezas, de "Ali Babá e os 40 Ladrões".

Pagamento a vista - Essa briga começou quando Newton apoiou os planos de seu Superintendente de Comunicação, Tito Guimarães, que previam uma reformulação completa da política oficial na área, privilegiando novos veículos e os veículos do interior. Endurecendo o jogo com o *Estado de Minas*, o governo começou a exigir descontos na tabela do jornal - o que nunca havia feito antes -, não pagou uma fatura de 800 mil cruzados do governo anterior (ainda está pendente) e ainda cassou um *link* da *TV Alterosa,* ligada ao jornal, tirando seu sinal de todo o Sul de Minas (continua sem). "Houve uma discriminação determinada contra nós", queixa-se Camilo. A partir daí, as relações entre o jornal e o governo deterioraram-se inapelavelmente, a ponto do governo cortar toda a publicidade oficial e, nos casos de ter de publicar alguma coisa, pagar o anúncio no balcão do jornal, a vista, como qualquer cliente pequeno - cena impensável há apenas um ano.

Mais do que isso, entretanto, o governo tocou numa das feridas da Imprensa mineira, que é o empreguismo de jornalistas na máquina do Estado. Logo que assumiu, Tito Guimarães passou o facão nos 1.700 salários que o Estado pagava a jornalistas, muitos dos quais acumulavam até quatro empregos públicos, obrigando todos a optar por um único salário. Com isso, reduziu o quadro para 220 jornalistas e baixou a folha de pagamento de 17 milhões para 8,7 milhões de cruzados mensais. Ainda assim, com um novo plano salarial, elevou a média salarial dos jornalistas do Estado de 7.200 cruzados para um salário mínimo de 27 mil.

Dupla jornada - "As relações da Imprensa com o Estado eram muito complicadas, muito nebulosas", diz Guimarães, 41 anos, 21 de jornalismo, um ex-guerrilheiro de Caparaó que hoje é um dos diretores do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. "Nós partimos para descomplicar. Os jornalistas que ficaram no Estado, ficaram por sua qualidade profissional e não para que o Governo tenha acesso fácil à Imprensa." Com isso, ele atingiu a própria política salarial da Imprensa mineira, em particular do *Estado de Minas*, que sempre contou com um segundo emprego - estatal - de seus jornalistas. Um deles, aliás, que pediu o anonimato, ficou



Sergio Falci / Ag. Gerais

Bernardes: "situação benéfica"

muito surpreso quando leu no *Minas Gerais*, o diário oficial local, sua nomeação para um cargo na Secretaria de Cultura - cargo que não pleiteou a ninguém. Mas essa dupla jornada de trabalho se explica. No *Estado de Minas*, mesmo depois da reformulação salarial que os lucros vêm proporcionando, ainda há editores ganhando cerca de 50 mil cruzados e repórteres veteranos com pouco mais de 20 mil.

"Essa briga do Estado de Minas com Newton Cardoso está beneficiando os jornalistas", confirma o presidente do sindicato, Luiz Carlos Assis Bernardes, 40 anos, 13 de jornalismo. "Está havendo uma melhoria salarial e uma preocupação de aprimorar o jornal." Ele diz também que, com o apoio do governo às novas iniciativas da Imprensa, em particular ao *Diário de Minas (veja reportagem à página 36)*, todo o mercado se agitou. "De repente, está havendo concorrência na Imprensa de Minas."

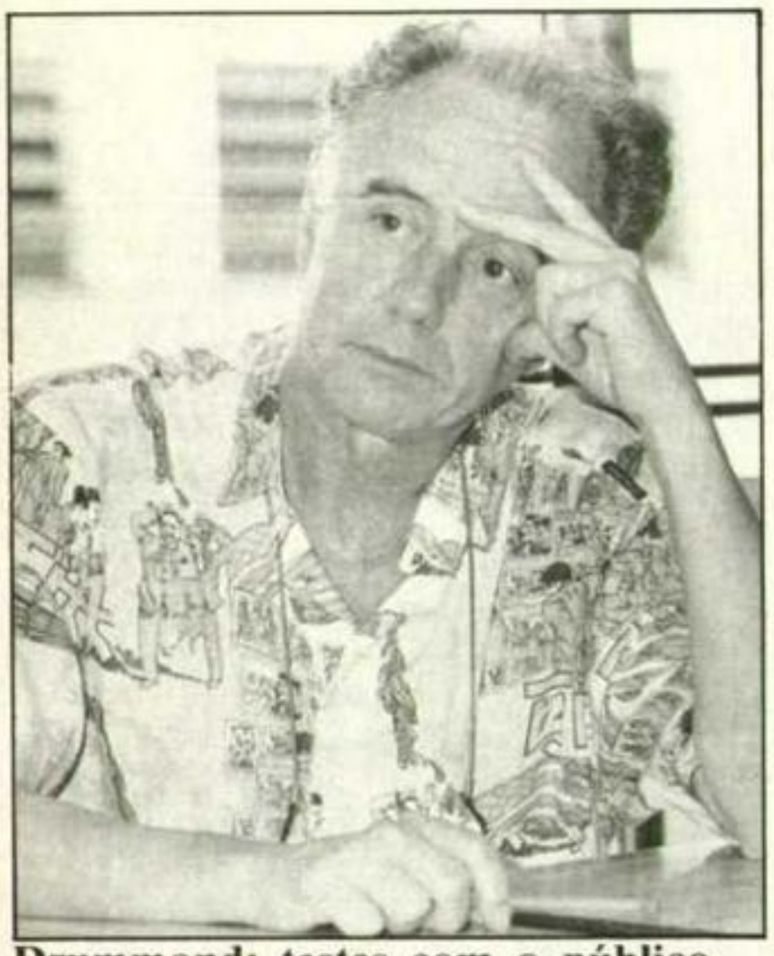
Tribos indígenas - Esta é, sem dúvida, uma grande novidade. Com tiragem quatro vezes maior do que a de seu mais próximo concorrente, o *Estado de Minas* está habituado a liderar tranqüilamente o mercado. E a essa hegemonia, obviamente, corresponde um enorme poder político, que o jornal não tem cansado de exercer desde a sua fundação. Aliás, o *Estado de Minas* é um filho legítimo da política mineira e já abrigou tantos caciques quanto as tribos indígenas que emprestam seus nomes às ruas do centro de Belo Horizonte.

O jornal foi criado em 1928 por →



Fotos: Sergio Falci / Ag. Gerais

Dídimo: profissionalização



Drummond: testes com o público

Pedro Aleixo, futuro vice-presidente da República, Álvaro Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa. O último era um banqueiro, e os dois primeiros, membros do Conselho Deliberativo da Capital, a Câmara Municipal da Belo Horizonte de então, ambos na oposição ao prefeito Christiano Monteiro Machado. Se tinham combatividade política, faltava-lhes fôlego financeiro, e, por essa razão, o jornal foi oferecido em 1929 ao advogado Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, dono da nascente cadeia dos Diários Associados. Chatô estava em Minas advogando para a companhia inglesa Bond & Share e entusiasmou-se em fincar um pé na opinião pública local. Assim, em 14 de maio daquele ano, o *Estado de Minas* circulou pela primeira vez como órgão associado, tendo como diretor Dario de Almeida



Marlyana: estréia com polêmica

Magalhães, o pai do ex-ministro Raphael. Quem o dirigiu também, nos anos 30, foi Afonso Arinos de Melo Franco, o decano dos constituintes de 1988.

Paixão telefônica - Outro campo onde o *Estado de Minas* ofereceu estrelas da primeira grandeza foi o da cultura e da arte. Rubem Braga, Fernando Sabino, Cyro dos Anjos, Carlos Castello Branco, Mauro Santayanna e outros do mesmo naipe metralharam as pretinhas na tradicional redação do jornal, na rua Goiás. O maior deles foi um franzino cronista itabirano, de nome Carlos Drummond de Andrade. "Todos os dias, ele chegava na hora do almoço, me entregava sua crônica e sentava num canto, para falar no telefone", recorda o diretor-secretário Theodulo Pereira, 74 anos, 61 na ativa. "Falava 20 minutos, meia hora, com uma voz inaudível, de tão baixa. Isso, todos os dias. Nunca conheci um sujeito tão apaixonado por um telefone", diz ele, que ainda edita diariamente a página de editoriais.

Num mercado onde os jornais se caracterizam pela vida efêmera, o *Estado de Minas* foi o primeiro diário a experimentar a longevidade, pela habilidade que teve em entender seu público. "Ele encarna o sentimento mineiro", garante o diretor-geral Pedro Aguinaldo Fulgêncio, 74 anos, no jornal desde dezembro de 1929. "Embora isso não se reflita claramente, o mineiro tem o seu feitio próprio e o *Estado de Minas* expressa esse feitio, de equilíbrio, de serenidade, de compostura, de apreço pela verdade." Pois era exatamente isso que buscava Pedro Aleixo quando prometeu no primeiro editorial, de 7 de março de 1928: "Seremos sóbrios, calmos, firmes, desambiciosos de glórias fáceis e despreocupados de ódios pequeninos. Numa palavra, esforçar-nos-emos por fazer um jornal de sentimento mineiro, e assim teremos de perto o apoio necessário do bom-senso veterano de nosso povo".

Jornalismo com tutu - Se conseguiu exercer tantas virtudes, é discutível, mas que acabou encarnando a "mineiridade", não há dúvidas. Coerente ao estar com Minas onde Minas está, o jornal apoiou a Aliança Liberal em 1930, foi soldado constitucionalista em 1932 e marchou com os revoltosos de 1964. Mas esteve sempre, acima de tudo, ao lado dos homens que comandaram o estado, de Benedito Valadares a Tancredo Neves, de Olegário Maciel a Hélio Garcia. Desde sua fundação forneceu aos governantes quase todos os secretários de imprensa e assessores para todas as pastas. Apesar disso, refuta o rótulo de governista. "O jornal sempre foi independente, mas sempre apoiou o governo", sustenta Camilo Teixeira da Costa. "Não por subserviência, mas porque os governadores que tivemos sempre foram bons homens públicos."

Não é essa, entretanto, a opinião que se colhe em qualquer roda de jornalistas da cidade. Embora - muito mineiramente - ninguém assuma de público, muita gente diz que o jornal vende regularmente sua página de noticiário político, especialmente em época de eleições, oferecendo uma perigosa receita de jornalismo com tutu. Há quem diga que houve vezes em que a página foi fechada no próprio Palácio do Governo. Exageros à parte, o fato é que o próprio ex-ministro Eliseu Resende confessou, durante entrevista coletiva em meados de 1982, quando disputava a candidatura do PDS ao governo do Estado, que comprava noticiário favorável no *Estado de Minas*.

Fenômeno umbilical - Seja como for, essa eventual nódoa não mancha outras virtudes do jornal, exaltadas por seus funcionários, dos mais antigos aos novíssimos. Para o cronista esportivo e escritor Roberto Drummond, 49 anos, 20 de redação, o *Estado de Minas* é um "fenômeno umbilical", do qual os mineiros não se apartam (basta dizer que o jornal vende 400 exemplares por dia em Nova York, para mineiros desgarrados). Fascinado pela resposta que obtém às suas constantes experiências de lin- →

PRA COMBATER A INFLAÇÃO

EM 86, A RC TEVE UM CRESCIMENTO REAL DE 176% ACIMA DA INFLAÇÃO.

EM 87, COM A INFLAÇÃO NA CASA DOS 370%, NÓS IGUALAMOS O ÍNDICE. OU SEJA, A INFLAÇÃO DO ANO PASSADO, PARA A RC, FOI IGUAL A ZERO.

88 É UMA INCÓGNITA. MAS QUE A INFLAÇÃO VAI CONTINUAR BRABA, ISSO VAI. OS CUSTOS DE PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO ESTÃO SUBINDO. O PODER AQUISITIVO DO CONSUMIDOR ESTÁ CAINDO. E, MAIS DO QUE NUNCA, VOCÊ VAI PRECISAR DA PUBLICIDADE PARA ESCAPAR DESTE CÍRCULO VICIOSO.

EM 88, PROCURE UMA AGÊNCIA QUE ESTÁ PROVANDO, NA PONTA DO LÁPIS, QUE SANTO DE CASA TAMBÉM FAZ MILAGRE.

AGORA, SE VOCÊ NÃO ACREDITA EM PUBLICIDADE, PROCURE UM PAI-DE-SANTO, COMPRE UM PÉ DE COELHO OU INVISTA TODO O SEU CAPITAL NA LOTO. E BOA SORTE. VOCÊ VAI PRECISAR.

RC PROPAGANDA

UMA INFLAÇÃO DE TALENTO.

guagem na coluna "Bola na Máquina", Drummond diz que não teria se tornado escritor se não fosse para o *Estado de Minas*. E saboreia o triunfo de ser, graças ao jornal, uma figura popularíssima. "Escrever no *Estado de Minas* é um negócio maravilhoso", garante. "Abre tudo quanto é porta. De restaurante a fila, você nunca tem problemas."

Em busca desse prestígio é que a repórter Marlyana Tavares, 27 anos, entrou no jornal, no último dia 5 de janeiro. Mais recente contratada da equipe, ela diz que trabalhar no *Estado de Minas* era uma de suas metas, pela repercussão que dá ao seu trabalho. Logo nos primeiros dias, denunciou uma compra irregular de carros novos pela Câmara Municipal de Belo Horizonte e causou grande rebuliço. "Se eu publicasse essa matéria em outro jornal, ela não teria a mesma repercussão", acredita.

Fim do empreguismo - Menos entusiasmado, o editor de internacional Dídimo Paiva, 58 anos, há 30 no jornal, também ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas, reclama que o *Estado de Minas* é uma empresa "autoritária e paternalista, que discute muito pouco com os funcionários". Mas reconhece que as coisas estão mudando e acredita na disposição de Camilo Teixeira da Costa de modernizar o jornal, desde que ele profissionalize a redação e permita o fim do empreguismo no governo. "Ou o Camilo faz essa revolução ou o jornal não fica mais dez anos em mãos de mineiros", prevê. "Vem alguém de fora e compra."

Mas é exatamente com o contrário disso que sonha o diretor-executivo, no comando de um grupo que detém, além do *Estado de Minas,* o *Diário da Tarde,* a *TV Alterosa,* as rádios *Guarani* AM e FM, a Cia. Vale do Médio São Francisco (de agricultura e pecuária), a EM Empreendimentos Imobiliários, a Distribuidora Guarani e a Estaminas Promoções e Turismo. Para Camilo Teixeira da Costa, que acaba de instalar mais três Off-Sets Goss-Metro em seu parque gráfico, ao custo de dois milhões de dólares, e que implanta em 1988 a informatização da redação, por outros dois milhões, o horizonte do *Estado de Minas* é converter-se num jornal de circulação nacional, o que espera fazer em dois ou três anos. "O objetivo de Chateaubriand era prestar serviços à Nação", diz ele. "Nós temos esse mesmo espírito. Prestamos serviços a Minas, agora queremos servir o Brasil."



Tião Martins, no *Diário de Minas:* novo jornal para as elites

Concorrência, ainda que tarde

A briga do Estado de Minas *com Newton Cardoso estimula os outros jornais a investir*

Se alguém estiver interessado em promover a reconciliação dos diretores do jornal *Estado de Minas* com o governador Newton Cardoso, é bom não sugerir a intermediação dos demais donos de jornal de Minas Gerais. Estimulados pela onda renovadora que varre a imprensa mineira, como efeito da ruptura do governo com seu mais tradicional aliado na mídia impressa, os empresários estão investindo pesado em novos projetos, para trazer ao mercado algo que ele não experimenta há muito tempo: uma real e forte concorrência.

Privado do apoio do *Estado de Minas,* Newton Cardoso começou a montar sua sustentação na imprensa dinamizando o diário oficial do Estado, o *Minas Gerais*. Ao contrário de seus congêneres de outros lugares, o centenário jornal tem algumas páginas editoriais e, para fazê-las ainda mais atraentes ao público, o governo ampliou a redação de três para 50 jornalistas. Eles recebem atualmente salários que flutuam de 30 mil a 54 mil cruzados, compatíveis com as melhores faixas do mercado.

Mas o grande lance do governador mineiro foi a aquisição do *Diário de Minas,* outro tradicional jornal de Belo Horizonte, junto com um grupo de empresários. Fundado há 39 anos, o *Diário de Minas* tem uma tiragem correspondente a 15% da do *Estado de Minas* — e jamais chegou a incomodar o concorrente. Agora, entretanto, é o jornal oficioso, que desfruta das verbas do governo e fatura em cima de seu prestígio. Por isso mesmo, é ele que reserva ao mercado as maiores novidades, a começar pela mudança de sua linha editorial, que teve início em 31 de janeiro, com o lançamento do novo logotipo, que tem apenas as iniciais *DM*.

Carro de bois - "Nós queremos transformar o *DM* num jornal de idéias, de polêmica", diz o diretor editorial Sebastião Martins, 47 anos, 25 de jornalismo, que divide com Wander Piroli a aventura de fazer mais um jornal (ambos são tarimbados pilotos de provas editoriais). "Ele vai ser um jornal voltado para a elite da elite da elite, a elite intelectual, política e econômica. Vamos fazer um jornal diário, com perfil de semanal." Considerando o tom acentuadamente popular do *Diário de Minas*,

essa meia-volta é algo comparável a oferecer *O Estado de S. Paulo* ao leitor de *Notícias Populares*. Mas, como ensina a prudência mineira, tudo vai ser feito em ritmo de carro de boi, de modo que a troca de leitores se faça normalmente.

O novo *Diário de Minas* promete ser algo equivalente ao *Diário do Sul* de Porto Alegre, um jornal complementar, com uma equipe pequena (15 a 18 pessoas na redação), com uma grande rede local, nacional e internacional de colaboradores. Martins e Piroli querem ampliar a cobertura de América Latina e abrir espaço para a produção universitária mineira, totalmente divorciada da Imprensa local.

Mas, ao contrário do que possa parecer, o *DM* não está entregando de bandeja para a concorrência o público tradicional do jornal. Para ele, sai do forno no final de fevereiro o diário *Hoje em Dia*, inspirado na estrela máxima do novo jornalismo mundial, o *USA Today*. Como o similar americano, ele terá as capas de seus três cadernos impressas a cores e pouco texto em suas 32 páginas.

Cardápio mineiro - De olho no estilo do *USA Today* está também o *Diário do Comércio*, o jornal de negócios local. Ele detém o título *Folha de Minas* e pretende dar vida a um novo jornal geral, "para uma mídia mais seletiva, com uma linguagem mais sintética, mais televisiva", conforme a definição do diretor-superintendente Marcílio Gonçalves, 51 anos e 20 de jornal. O grupo edita também um outro sucesso da Imprensa, de distribuição gratuita, e, por isso *sa*, de distribuição gratuita e, por isso mesmo, tem experiência em contornar o grande obstáculo à expansão de publicações: a inexistência de um forte mercado de anunciantes de produtos de consumo. "Se em vez de uma siderurgia nós tivéssemos três fábricas de geladeira, seria muito melhor", diz Gonçalves. De qualquer forma, o *Diário do Comércio* já está de sede nova e computadores para edição de texto, adquiridos por mais de 3 milhões de dólares, para se lançar na aventura do novo jornal, o que pode ocorrer ainda este ano.

Completando o quadro das inovações no cardápio mineiro de Imprensa, o *Sistema Solar de Comunicação* - que tem como estrela-guia a *Tribuna de Minas*, um diário de Juiz de Fora que transferiu a redação para Belo Horizonte em busca de novos leitores - está atraindo dezenas de jornais do interior para o seu campo gravitacional. Sua proposta é de "jornalismo coligado": associar-se com pequenos semanários, subsidiando seus custos gráficos, oferecendo noticiário nacional e internacional, e dividindo a comercialização. Assim, um pequeno jornal como a *Tribuna do Linguarudo*, de Pouso Alegre, circula com metade de suas páginas feitas pela própria redação e metade com a edição semanal resumida da *Tribuna de Minas*.

"Este é um projeto de integração do jornal do Interior", diz o médico Juracy Azevedo Neves, 55 anos, que há apenas 7 anos fundou a *Tribuna de Minas* e hoje já associou seu jornal a 40 semanários, tirando 80 mil exemplares e cobrindo uma área de 5 milhões de habitantes. Ele quer chegar a 100 jornais coligados até o final do ano, com uma tiragem total de 400 mil exemplares - uma marca que só os jornalões do Rio e São Paulo atingiram, em suas edições dominicais. Como se vê, se Minas age em silêncio, nem por isso pensa pequeno. X

JÁ À VENDA

TODA ALEGRIA E SENSUALIDADE DO MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA: O DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA NO RIO DE JANEIRO.

DISPONÍVEL EM FITAS **VHS** E **BETAMAX**, EM PORTUGUÊS E INGLÊS NOS SISTEMAS **NTSC** E **PAL**.

LEVE TAMBÉM O VIDEO CLIP DOS SAMBAS ENREDO DO CARNAVAL 88, DAS ESCOLAS DE SAMBA DO GRUPO 1A

GLOBO VIDEO

VENDAS

RIO DE JANEIRO:
Praia de Botafogo nº 440 - 15º Pav. Tel.: 286-6622

AGÊNCIAS DE "O GLOBO"
CENTRO: Av. Rio Branco nº 185 loja C - Tel.: 533-0132
COPACABANA: Av. Princesa Isabel nº 245 loja E - Tel.: 295-9394
IPANEMA: Rua Visconde de Pirajá nº 550 - Tel.: 511-1542
TIJUCA: Rua Conde de Bonfim nº 406 loja C - Tel.: 254-6784

SÃO PAULO:
Rua Estados Unidos nº 650 - Tel.: (011) 885-8366

CAMPINAS: Tel.: (0192) 86086 - RIBEIRÃO PRETO: Tel.: (016) 625-1316
OUTROS ESTADOS
PORTO ALEGRE - RS - Tel.: (0512) 34-4700/CURITIBA-PR - Tel.: (041) 223-0
BELO HORIZONTE-MG: Tel.: (031) 222-4948/RECIFE-PE - Tel.: (081) 224-9
BRASÍLIA-DF - Tel.: (061) 244-6151/SALVADOR-BA - Tel.: (071) 235-7107

QUERO RECEBER AS FITAS DE VIDEOCASSETE GLOBO VIDEO DISCRIMINADAS ABAIXO:

		NTSC	PAL	VHS/QTD.	BETA/QTD.
CARNAVAL 88	☐ INGLÊS				
	☐ PORTUGUÊS				
SAMBAS ENREDO 88	☐ INGLÊS				
	☐ PORTUGUÊS				
CARNAVAL 87	☐ INGLÊS				
	☐ PORTUGUÊS				

PREÇO DA FITA: NTSC Cz$ 6.800,00 PAL Cz$ 8.000,00,

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO: ☐ Cheque anexo (nominal à GLOBO VIDEO LTDA. cruzado).

Cheque n.º **Banco n.º** **Valor Cz$**

Autorizo o débito direto em meu cartão de crédito.
Credicard ☐ / Diner's ☐ / Elo ☐ / American Express ☐ / Ouro ☐ / Master Card ☐

Pessoa física _____

Pessoa jurídica _____

CGC/CIC _____ **Insc. Est.** _____

End. _____

Tel.: _____ **Cep** _____ **Cidade** _____ **Estado** _____

Data _____ **Assinatura** _____

Remeter para GLOBO VIDEO LTDA. Praia de Botafogo nº 440 - 15º Pav.

Guerrilheiros dos classificados

Um jovem comando invade as seções de classificados, armado de ironia, para alvejar os poderosos

Camuflados num *bunker* do bairro do Sumaré, em São Paulo, eles estão infiltrando os "pequenos anúncios" dos grandes jornais paulistanos com mensagens mórbidas, ferinas e provocativas. Neste "aparelho", um grupo de psicólogos, jornalistas, secretárias e *office-boys*, todos nascidos na década de 60, constroem uma pirâmide semanal, reúnem alguns cruzados e, sob o codinome de "Dr. Romeu" - "um personagem-símbolo que jamais se esquece das injustiças" -, compram um "tijolinho" oferecendo, por exemplo, "93 caixões vazios fabricados em Serra Pelada. Telefone: 872-6119".

Os "guerrilheiros dos classificados", como eles já são chamados, estão pegando as armas para revolucionar o tradicional, respeitoso, mas nem sempre satisfatório diálogo entre leitor e jornais. "A Imprensa se esquece, por exemplo, do massacre dos garimpeiros de Serra Pelada numa ponte do rio Tocantins", diz o guerrilheiro Eustáquio Moreira, 28 anos, 6 de jornalismo. "Mas os leitores, ao contrário do que muita gente pensa, não têm memória curta e agora estão pagando pra ver o prosseguimento das investigações, utilizando a arma do espaço cooperativo."

CORDEL Trovinhas s/ massacre em S. Pelada. Fone: 872-6119. c/ Dr. Romeu.

S.PELADA — Procura-se 93 desaparecidos. Ver outros anúncios. F; 872.6119 c/Dr. Romeu.

FOTOGRAFIA — Do Massacre de Serra Pelada. Pago Cz$ 93,00. Fone: 872-6119 c/ Dr. Romeu.

Alguns dos anúncios publicados

A ação dos guerrilheiros é curta e grossa, mas incomoda como um ferrinho de dentista. Desde o dia 19 de fevereiro, quando foi publicado o primeiro "tijolinho" na seção de "Negócios e Oportunidades" da *Folha de S. Paulo*, eles receberam mais de 30 telefonemas. "Muita gente ligou xingando, fazendo trote, mas a maioria achou a iniciativa legal e agora está participando da pirâmide", diz Pedro Cadina, 27 anos, 8 de jornalismo. "Em pouco tempo", prevê Moreira, "esta forma de protesto estará tão institucionalizada como a banquetinha do Hyde Park, em Londres".

Espaço democrático - Mas a birra desse pessoal está concentrada nas

ITAPEVA

CLIENTE DO
TEM SEMPR

Quem é cliente do Banco Real sabe que pode contar sempre – e onde quer que esteja – com as facilidades proporcionadas pelos cartões Real, Diners Club e Credicard-MasterCard.
Sabe que tem no Realmaster um cheque mais que especial, o único que dá 7 dias sem juros e no Extrato Descomplicado a maneira mais rápida e organizada de acompanhar seu movimento bancário.
Tem no Disque-Real um Banco completo por telefone e nos quiosques do Banco 24 Horas a extensão do Banco R para saques e depós a qualquer dia e ho
Tudo isso sem falar no atendimento cordial, rápido e preciso que evita perda de tempo, disponível em todas as agências do Real.





ABI

OITENTA ANOS EM DEFESA DA LIBERDADE DE IMPRENSA

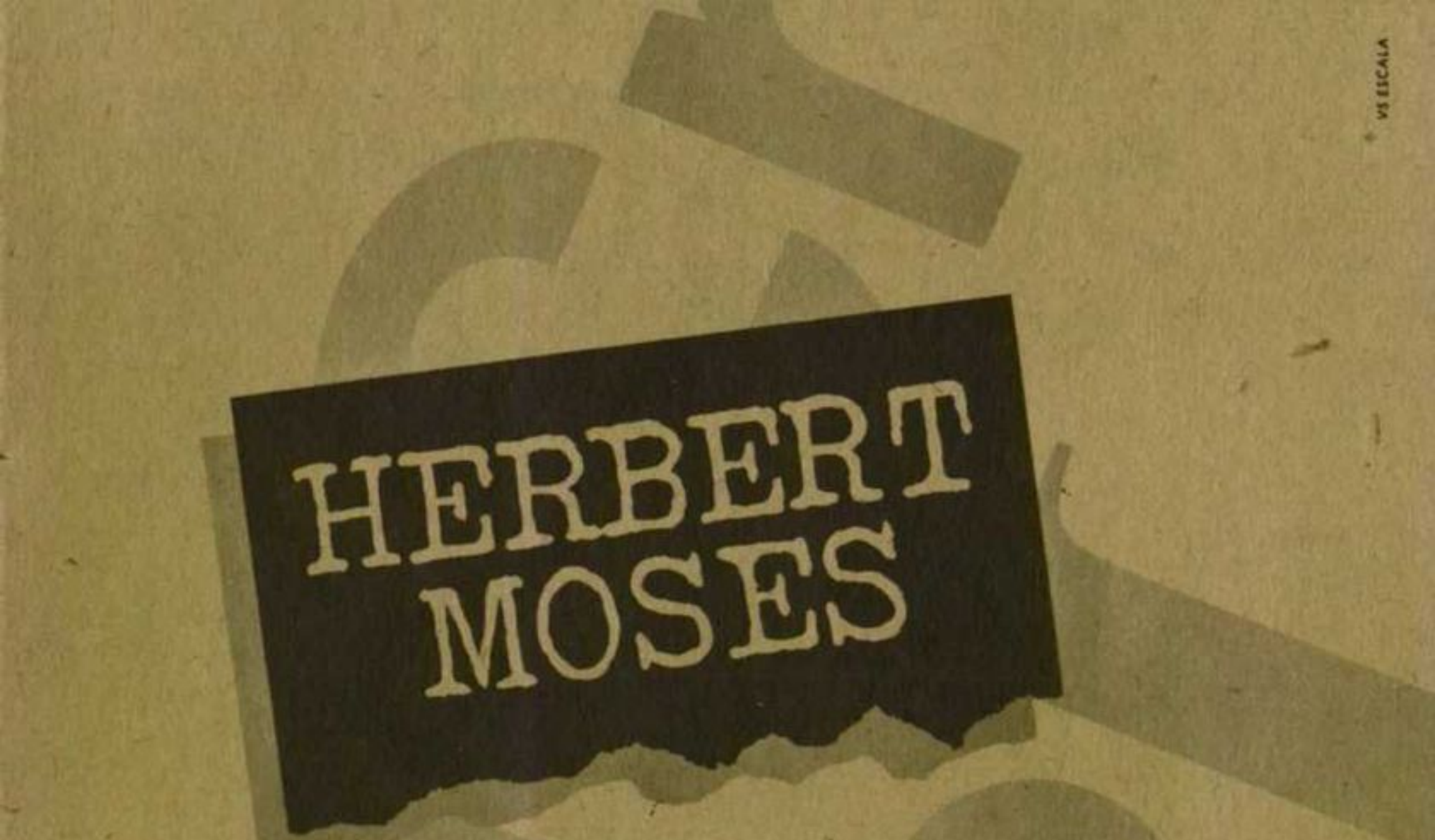
POR MARCELO PONTES

ENCARTE ESPECIAL DE
IMPRENSA N.º 6

Uma homenagem da Souza Cruz a todos os jornalistas, na pessoa de Herbert Moses.

Souza Cruz



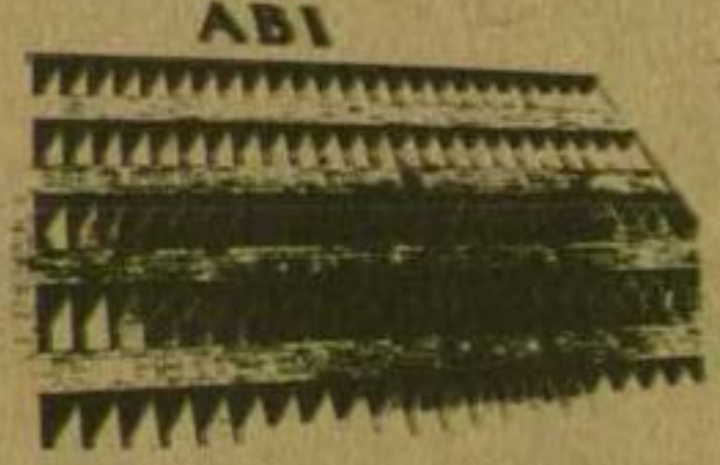


Herbert Moses, além de ter sido presidente da ABI durante 15 anos, foi o editor responsável pela Revista Souza Cruz.

Nossa publicação causou polêmica e levantou temas inéditos e muito mais! Mas isso agora não interessa.

São 80 anos da ABI! E nós da Souza Cruz nos orgulhamos do Moses, da sua luta pela liberdade de imprensa.

Souza Cruz



I

Aquele mulato nervoso e sempre mal vestido, de andar preguiçoso e bigode caído, tinha praticamente a unanimidade do pessoal de redação e dos donos de jornais. Quase ninguém aceitava sua idéia maluca de reunir os que trabalhavam na Imprensa, sem distinção de categorias, numa entidade que ao mesmo tempo tivesse caráter sindical e assistencialista e desse aos jornalistas a pretensiosa condição de "força orientadora da sociedade".

Aquele mulato nervoso, um socialista convicto que por volta de 1892, como militante dos primeiros movimentos operários do Rio de Janeiro e agitador do *Centro Operário Radical*, já defendia a reforma agrária (que até hoje nenhum governo tirou do papel) e combatia privilégios que todos os governos perpetuam, mal conseguiu reunir oito jornalistas na sala de sessões da Caixa Beneficente dos Empregados de *O País*, no terceiro andar de um prédio da Avenida Rio Branco com 7 de Setembro, onde depois foi erguida a sede do Clube de Engenharia.

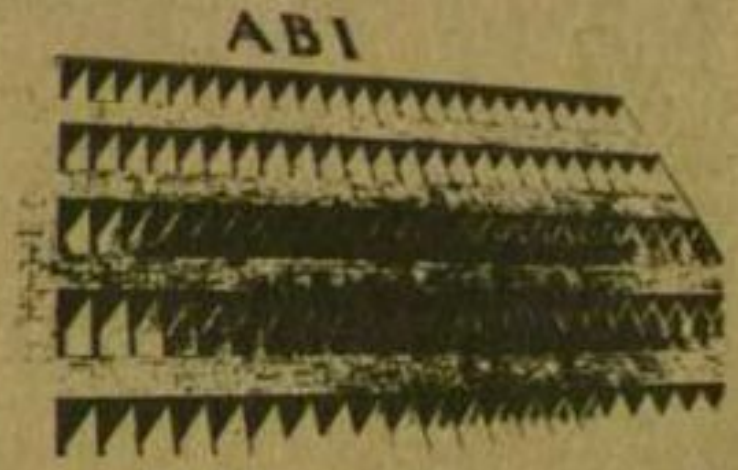
Foi a primeira assembléia oficial de jornalistas. A metade do auditório trabalhava ali mesmo no prédio, era do próprio *O País*: estavam lá aquele mulato nervoso e obstinado, Gustavo de Lacerda, um catarinense de 54 anos que nasceu de pais desconhecidos com o nome de Gustavo Adolfo Fraga, e ainda Alfredo Seabra, Belisário de Sousa e Amorim Júnior. Completavam a outra metade da assembléia Francisco Souto *(Correio da Manhã)*, Luís Honório e Noel Batista *(Jornal do Brasil)* e Mário Galvão *(Diário do Comércio)*.

Quem mandou limpar a sala onde se realizaria a reunião foi Manuel Lourenço de Magalhães, funcionário de *O País* e secretário da Caixa Beneficente



ARQUIVO ABI

A sede da ABI: marco da moderna arquitetura brasileira



dos Empregados do jornal. Num livrinho que escreveu anos depois, ele conta: "Tão poucos foram os repórteres e redatores que compareceram ao ato que não chegaram para preencher as comissões de economia e finanças, de auxílios e assistência, de festas, de propaganda e publicação do anuário".

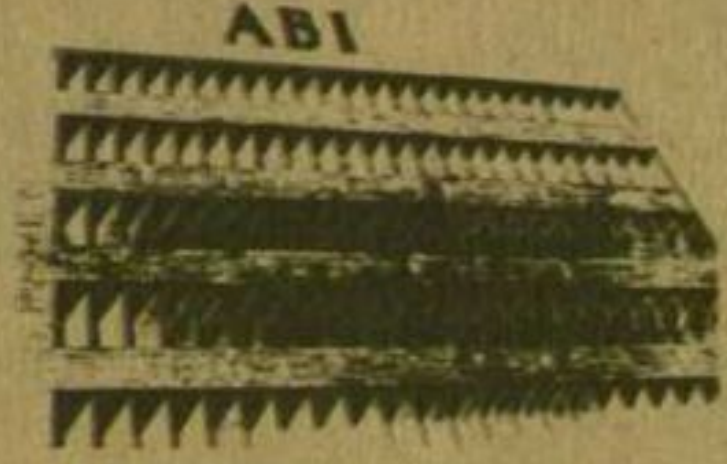
Naquele 7 de abril de 1908, o mulatinho mal vestido Gustavo de Lacerda, que era repórter setorista na prefeitura do Distrito Federal e morava numa cabeça de porco perto da Praça Tiradentes, anunciou solenemente a fundação de uma entidade que ao longo dos 80 anos seguintes construiria uma legenda de defesa da dignidade profissional e um dos capítulos mais comovedores da resistência contra os atentados à liberdade de imprensa e aos direitos democráticos - a Associação Brasileira de Imprensa, ABI.

Os donos de jornal, que na época resistiam mais do que os repórteres e redatores a idéia de Gustavo de Lacerda, diziam que a nova entidade reunia "um grupo de malandros chefiados por um anarquista perigoso". O que o tal "anarquista perigoso" queria era lutar "pela transformação do panorama econômico e moral dos proletários intelectuais", como ele denominava os jornalistas. "O jornalismo entre nós", dizia Gustavo de Lacerda, "ou é eito ou é escada para galgar posições".

Citado por Fernando Segismundo no livro *Imprensa brasileira, vultos e problemas* (1962, Editora Alba), e repetido por Nelson Werneck Sodré em *História da Imprensa*, Dunshee de Abranches descreve assim o que ia pela cabeça de Gustavo de Lacerda: "No seu original idealismo socialista, não concebia o jornal como empresa industrial ou mercantil ou sociedade anônima, dando lucro aos seus acionistas. O jornal, dada a sua alta e sagrada missão social, deveria ser uma cooperativa de cujos interesses participassem os seus membros, desde os diretores até o seus mais modestos colaboradores". Um sonho,



Barbosa Lima Sobrinho: aos 29 anos, o mais novo presidente



embora Edmar Morel, um dos mais dedicados pesquisadores da história da ABI, não goste que se apresente Gustavo de Lacerda como visionário.

A declaração de princípios da nova entidade, como registra Morel, criou uma caixa de pensões e auxílios para os sócios e suas famílias - o correspondente às pensões e aposentadorias da Previdência -, residência para velhos e enfermos, e salões de conferências. Também instituiu a carteira de jornalista, um documento de habilitação profissional substituído, meio século depois, pelo diploma dos cursos de comunicação.

Com o cuidado de evitar fracassos anteriores, como o do *Clube dos Repórteres*, fechado pela polícia como antro de jogatina, segundo conta o mesmo Morel, Gustavo de Lacerda inspirou-se na Associação Sindical Profissional dos Jornalistas Republicanos Franceses, fundada em 1881, e na Associação dos Jornalistas Parisienses, para redigir os estatutos da ABI.

O mulatinho nervoso, mal vestido, que era solteiro e morava numa cabeça de porco e passava fome com o salário mensal de 50 mil réis, já estava num leito de indigente da Santa Casa de Misericórdia quando traduziu os estatutos franceses, trazidos por seu amigo Dunshee de Abranches, um deputado federal maranhense muito ligado à situação, especialmente ao Barão do Rio Branco. Não viveu muito. Morreu no dia 4 de setembro de 1909, apenas um ano e meio depois de ter plantado uma árvore que desde os primeiros instantes aprenderia a crescer debaixo de tempestade.

2

A polícia ameaçava depredar a sede da *Associação de Imprensa*, depois que ela expulsou um associado que planejara

Na primeira assembléia, não havia motivo para entusiasmo: apenas oito jornalistas compareceram

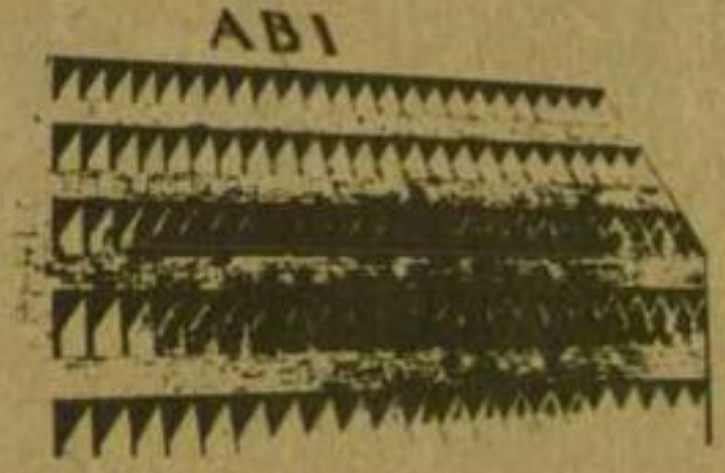
empastelar *O País e o Século*. A frente dos diretores da casa, Dunshee de Abranches - primeiro presidente eleito (1910-13) depois que Francisco Souto, redator do *Correio da Manhã*,completou o mandato de Gustavo de Lacerda - passou a noite em vigília. De revólver em punho, esperando o pior.

A história dos 80 anos da ABI, é a história das arbitrariedades policiais e da violência política num país que tem mais manchas de obscurantismo do que espasmos de felicidade democrática a registrar. Nas primeiras décadas do século, a prepotência policial era rotina na vida dos jornalistas. Dunshee de Abranches, por exemplo, pai da condessa Pereira Carneiro *(Jornal do Brasil)*, teve muitos atritos com os delegados de polícia, aos quais jamais se dirigiu. Encaminhava os protestos diretamente ao ministro da Justiça - altivez que só aumentava a animosidade.

O governo Artur Bernardes, todo ele sob estado de sítio, prendeu jornalistas e escritores. Dois anos depois da vitória da Revolução de 30, precisamente às 23h do dia 25 de fevereiro de 1932, cerca de 160 homens, dos quais 50 eram oficiais do Exército, partiram do 1º Regimento de Cavalaria Divisionária e destruíram a redação e oficina do *Diário Carioca*.Um gráfico foi assassinado, muitos feridos procuraram a sede da *ABI*, que lançou nota contundente contra o governo provisório de Getúlio Vargas e se declarou em sessão permanente. No dia seguinte, todos os jornais do país fizeram greve e não circularam.

Dominado o movimento constitucionalista de São Paulo, em outubro de 1932, o governo deportou para Lisboa os jornalistas Júlio de Mesquita, Austregésilo de Athaíde, Cásper Líbero, Paulo Duarte, Oswaldo Chateaubriand, entre outros. Presidente da ABI na época, Herbert Moses subiu a bordo dos navios *Raul Soares* e *Siqueira Campos* para prestar solidariedade aos deportados. E foi um dos signatários do manifesto que pedia a suspensão da "Lei Infame", como era conhecida a Lei de Imprensa.

Nessa época, a *ABI* recebia diariamente telegramas pedin-



do providências contra o fechamento de jornais e a prisão e espancamento de jornalistas em vários estados. Não escolhia cor ideológica para prestar solidariedade. Quando, em 1938, fracassou o assalto ao Palácio Guanabara e Plínio Salgado fugiu para Portugal, foi a *ABI* quem procurou asilo nas embaixadas para os repórteres e redatores dos jornais integralistas.

Desde 1935 até 1945, a liberdade de imprensa ficou reduzida a zero. Com a censura e o controle rigoroso do *DIP-Departamento de Imprensa e Propaganda*, as notas de protesto da *ABI* iam para as cestas de lixo das redações. O maior esforço da entidade era para conseguir, ao menos, prisão especial para os jornalistas.

No governo Dutra, repetiu-se a cena de destruição do *Diário Carioca*. Dessa vez, o alvo foi o jornal comunista *Tribuna Popular*. A redação, perto da Câmara dos Deputados, e a oficina, na Rua do Lavradio, foram reduzidas a escombros. Herbert Moses encaminhou os feridos ao hospital com garantias do ministro da Justiça, Benedito Costa Neto, e em seguida passou a exigir a liberdade de jornalistas e gráficos presos.

Nos registros da *ABI*, o momento de maior liberdade de imprensa que o país viveu foi durante o governo JK, que não prendeu nenhum jornalista. E o pior momento? Barbosa Lima Sobrinho, que foi presidente da ABI antes de Moses, em 1926, e se reelegeu em 1930 e de 1978 até hoje, conhece aos 91 anos, mais do que ninguém, a história da entidade e da imprensa para dizer sem hesitação: "O pior período foi durante a vigência do AI-5" (1968-1978).

Além das perseguições, torturas, assassinatos e bombas - como a que provocou danos em três andares da sede da *ABI* na Rua Araújo Porto Alegre, 71, centro do Rio, em 14 de agosto de 1976 (gestão de Prudente de Moraes,Neto) - não havia canais de comunicação com o governo. É um detalhe precioso nessa história em que frequentemente lances de namoro explícito entre a *ABI* e o governo se cruzam com cenas de con-

A polícia ameaça atacar a sede - e o presidente passa a noite em vigília, de revólver em punho



ARQUIVO ABI

Costa e Silva na ABI: com o AI-5, a pior fase da censura



LUIZ CARLOS DABID/F4

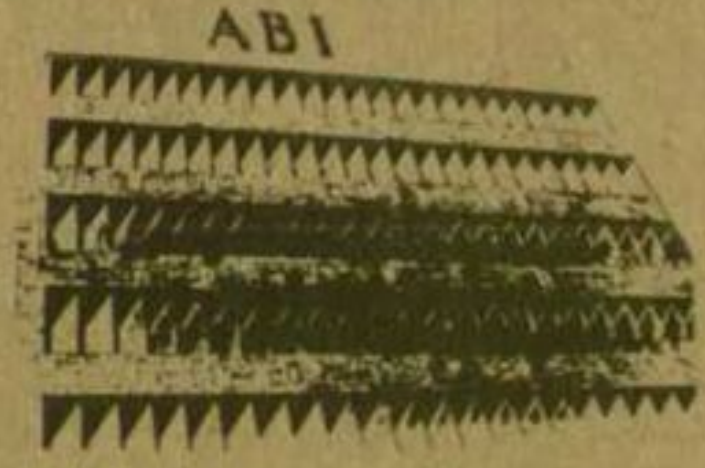
ARQUIVO ABI





ARQUIVO ABI

Moses, com Juscelino e com Oswaldo Aranha (à esq.): um mágico nas relações com o poder, que Barbosa Lima (acima, à esq.) procura manter mais distante da ABI



fronto aberto, sem que em nenhum momento se tenha deixado de lado o bem maior que a entidade persegue - a defesa da liberdade em geral e da liberdade de imprensa em particular.

Hoje, reconhece Barbosa Lima Sobrinho, a liberdade é ampla, mas pairam sobre ela os entulhos do regime autoritário que a Constituinte demora a mandar para o lixo da história.

3

Lembra-se do mulatinho nervoso e mal vestido do começo da história? Depois dele, Gustavo de Lacerda, apareceu um magricela feio, que em vez de nervoso e mal vestido tinha um olho torto e puxava por uma perna. E desse jeito ainda era um grande paquerador. Outro dia, remexendo no desorganiza-

do arquivo fotográfico da *ABI*, um diretor com 40 anos de jornalismo reconheceu numa foto uma portuguesa alta e bonita que se apaixonara pelo magricela feio.

Ele, Herbert Moses, era um mágico. Ninguém como ele conseguiu, em 33 turbulentos anos da vida republicana, o milagre de bater duro no governo, em defesa de jornalistas perse-

Moses, com Dutra e jornalistas...



ARQUIVO ABI

Sob a censura do Estado Novo, o maior esforço era conseguir prisão especial para os jornalistas

guidos e jornais empastelados, e ainda receber favores do mesmo governo. Ele era tão respeitado que nos 20 anos de glória social que a *ABI* viveu, entre 1944 e 1964, fazia parte obrigatoriamente do roteiro de chefes de estado em visita do Brasil. Aquelas recepções oferecidas a Truman, Frondizi, Sukarno e Fidel Castro, entre outros, pouca gente sabe, eram pagas pelo

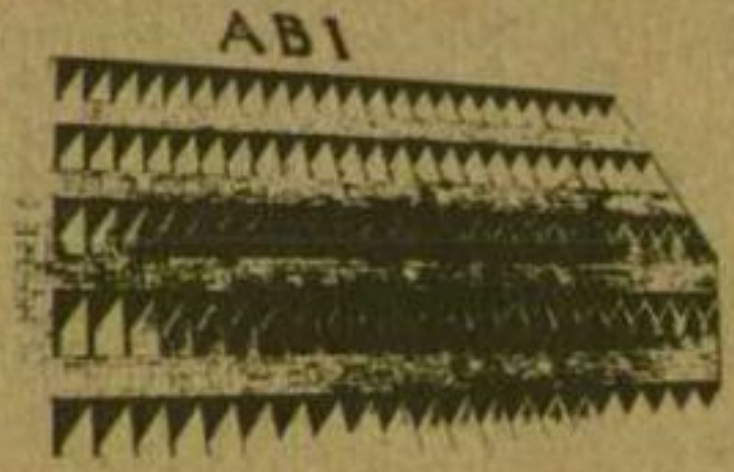
...americanos: prestígio político



Itamarati. Davam prestígio para o Brasil lá fora.

O magricela mágico nascido no Rio de pai austríaco e mãe norte-americana, estava metido em jornalismo desde os 14 anos de idade. Com essa idade, em 1898, fundou o jornal *O Estudante*. Aos 16 anos, em 1900, ingressou na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e, aos 21 anos, se bacharelou. Aos 27, participou com Irineu Marinho e outros jornalistas da fundação do jornal *A Noite,* de onde saiu com o mesmo Irineu Marinho, aos 41 anos, em 1925, para participar da fundação de *O Globo*. Era diretor-tesoureiro do jornal, cargo em que permaneceria até poucos anos antes de morrer.

A *ABI,* que após a morte de Gustavo de Lacerda fora despejada por falta de pagamento do prédio de *O País* e se instalara depois no primeiro andar de um sobrado da Avenida Rio Branco, e em seguida na sede do Liceu de Artes e Ofícios, ocupava em 1929 duas salas cedidas pelo advogado Ribas Carneiro, na Rua do Rosário. Em troca da



promessa de que arranjaria dinheiro para a construção da sede própria, foi eleito tesoureiro da entidade.

O presidente era Barbosa Lima Sobrinho, que substituíra no cargo, em 1926, um caricaturista respeitado, Raul Pederneiras. Reeleito em 1930, Barbosa praticou um gesto decisivo para a história da *ABI*: aceitou renunciar a um ano de mandato se se unissem numa só entidade as três que representavam a imprensa - a *ABI*; o *Clube de Imprensa,* de Manuel Cardoso Carvalho Neto ("Um repórter excelente de *A Noite,* mais de direita", segundo Fernando Segismundo); e a *Associação de Imprensa Brasileira,* a invertida, do médico Alvino Horcades.

E quem seria o presidente? Barbosa apresentou Moses, que foi aceito. Mas a base principal do acordo, a nomeação dos presidentes das três entidades como conselheiros da *ABI,* foi rompida: por politicagem interna, Horcades ficou de fora. Para provar que não tinha participado da manobra, Barbosa se ausentou por muitos anos da ABI. Moses estava iniciando precisamente no dia 23 de maio de 1931, seu reinado de 33 anos.

Um reinado que praticamente começou junto com o de Getúlio Vargas, que um ano antes chegara ao Rio de Janeiro como chefe do governo provisório instaurado pelos vitoriosos da Revolução de 30. As relações entre Moses e Getúlio, entre a ABI e o Governo, aliás, são o melhor atestado das mágicas daquele magricela feio e, a partir dali, poderoso.

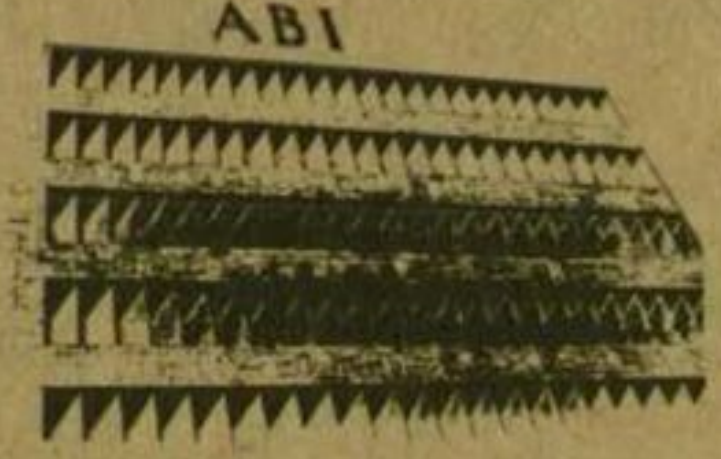
- Dr. Moses, o senhor almoçou hoje com o Getúlio e à noite ele vai nos jantar - dizia-lhe um auxiliar que conviveu 15 anos com ele, Fernando Segismundo, hoje com 72 anos e se preparando para lançar o livro "ABI - 80 anos".

Segismundo, na época um militante comunista, queria dizer que enquanto Moses confraternizava com Getúlio, a polícia saía prendendo jornalistas e destruindo jornais. Getúlio esteve a primeira vez na ABI em 1931, ano da eleição de Moses, e num almoço com jornalistas foi proclamado presidente de



ARQUIVO ABI

Herbert Moses pouco antes de morrer: 33 anos de reinado



honra da entidade. Em 1932, um mês e meio antes do empastelamento do *Diário Carioca,* o interventor Pedro Ernesto lavrou a escritura definitiva de um terreno no morro do Castelo, que leis municipais de 1921 e 1922, promulgadas mas não cumpridas, haviam cedido para a construção da sede da ABI.

A polícia de Getúlio prendia, batia e empastelava, mas ele, magnânimo, deu de uma vez 4 milhões de cruzeiros para construção da sede. E assim justificou no decreto: "Classe desprotegida, relegada e esquecida, era justo que recebesse dos dirigentes da República um prêmio aos seus esforços, um estímulo que facilitasse o seu labor. Que essa instituição se transforme num centro de estudo e de cultura, numa oficina de trabalho em proveito da comunhão nacional".

Getúlio, como registra Segismundo, fez outras cinco visitas à ABI: em 1936, recebeu do mais alto poder da casa, a assembléia geral, o título de sócio benemérito; em 1938, em pleno regime de censura do Estado Novo, quando sequer eram publicadas as notas de protesto assinadas por Moses, percorreu as instalações do prédio em obras; em 1942, com as obras quase no fim, participou de almoço em que elogiou a "direção capaz e inteligente" de Moses; em 1944, na inauguração do busto de Pedro Ernesto e do medalhão com a efígie de Oswaldo Aranha, que era o maior amigo de Moses no governo; e em 1952, numa visita em que, excepcionalmente, não discursou.

A admiração e o respeito que se devotavam mutuamente eram tantos que Moses não teve dificuldades em conseguir de Getúlio, no início de seu segundo governo, a criação do primeiro curso de jornalismo do país . Mas o decreto que o instituiu junto à Faculdade de Letras não indicou a rubrica orçamentária que o sustentaria. No fim do primeiro mês de funcionamento do curso, surgiu o problema: quem pagaria as despesas?

Quem pagou, e por quase um ano, até o orçamento seguinte foi a Companhia de Cigarros Souza Cruz, segundo Fernando

O reinado de Moses começa com uma grande tarefa: a construção da nova sede da entidade

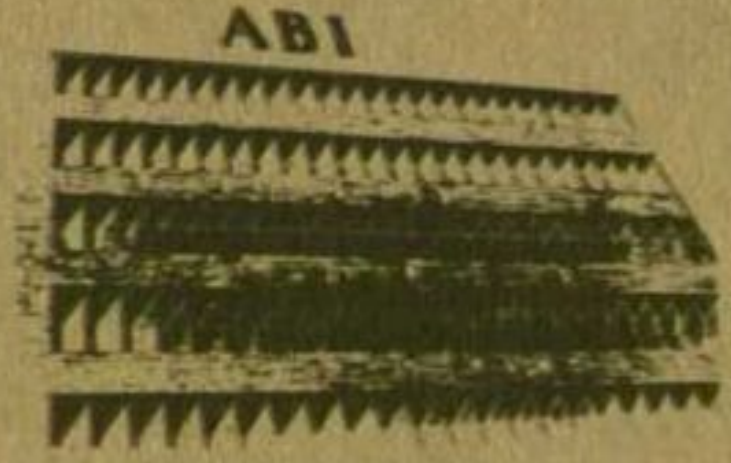
4

Segismundo. Moses era advogado da empresa e amigo de Albino Souza Cruz, um português que chegou com 15 anos de idade ao Rio, em 1885, trabalhou 13 anos na Fábrica de Fumos Veado, e em 1903 montou sua primeira fábrica de cigarros, num sobrado de três andares da Rua Gonçalves Dias, no Centro do Rio. Na mesma empresa, Moses dirigiu uma revista - a *Revista Souza Cruz* - que publicava colaborações de gente como Manoel Bandeira, Lima Barreto e Portinari e ajudou muito a campanha da semana de arte moderna.

Três dias antes de se suicidar, Getúlio recebeu Moses em audiência, no Palácio do Catete. Fernando Segismundo conta que estavam na ocasião Oswaldo Aranha e o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, que não identifica. Os dois foram anunciados ao presidente como diplomatas. Quando chegou a vez de Moses, Getúlio exclamou: "Como? O presidente da ABI ainda não é embaixador?" Não faltou convite. Moses sempre o recusou. Sua obsessão, como a de Gustavo de Lacerda, era a casa do jornalista.

O prédio da ABI teria dez andares a menos se não fosse a obstinação de Herbert Moses. A comissão encarregada de escolher o projeto, presidida por Celso Kelly, optou por um de três andares. Moses ficou uma fera. Escolheu ele próprio o dos irmãos M. M. Roberto, um edifício de 13 andares de linhas arquitetônicas audaciosas e inéditas, pioneiro da arquitetura moderna brasileira, por apresentar como solução para o excesso de luminosidade persianas de concreto.

Quando a obra chegou na terceira laje, Moses mudou a ABI para lá, encerrando penosa peregrinação em que a entidade chegou a se alojar até no quartel da Rua Evaristo da Veiga, no tempo de Raul Pederneiras,



amigo do comandante da PM, general Silva Pessoa. Com o governo Dutra, conseguiu 2 milhões de cruzeiros para acabar a obra. O mesmo governo que destruíra o jornal *Tribuna Popular*.

Em 1948, todos os serviços da ABI já funcionavam na sede nova, do 6° ao 13° andar. No 6°, a clínica Pedro Ernesto tinha dez médicos. No 7°, funcionava a administração. No 8°, a biblioteca, no 9° o auditório. No 10°, a discoteca, no 11° a sala de estar, com barbearia, salão de leitura, sinuca, outros jogos de salão e, mais tarde, também televisão. No 12°, restaurante, no 13°, bar no terraço.

A sinuquinha do Onze era o xodó, principalmente aos sábados, de um gênio que sempre aparecia por ali com charuto entre os dedos e soltava palavrão quando perdia. Era um bom taco, perdia pouco. Quando não aparecia, alguém podia ir à janela e gritar para o outro lado da rua, pois ele morava no número 70 e a ABI fica no número 71: "Ô Viiiilla". E Villa-Lobos ia jogar sinuca. Hoje, está imortalizado numa placa no Onze, onde também virou nome de campeonato mensal de três bolas. E seu taco está guardado lá, como troféu.

Se no Onze havia diversão, no 7.° Moses ficava à vista de todos, trabalhando no imenso salão da secretaria e não em seu gabinete, onde só amontoava papéis. Tinha a fama de trabalhar demais, algo em torno de 15 horas por dia. Frequentemente, sua agenda marcava dois ou três almoços no mesmo dia e ia a todos eles. "Está em todas", dizia o título de uma reportagem da maior revista de circulação da época, *O Cruzeiro*. Fernando Segismundo descobriu que ao morrer, Moses era diretor acionário de 52 empresas. De vez em quando, viajava para o exterior a negócios, e ninguém sabia, só o próprio Segismundo, a quem ele pedia que não contasse nada a ninguém.

Vida tão exposta só podia atrair mau olhado. Moses também fazia por onde. Revoltados com a presença do secretário de Estado norte-americano, Dean Acheson, na *ABI*, os comunistas picham o *go home* nas paredes da sede. Moses outra vez vi-

Das mágicas relações de Moses com Vargas sai a implantação do primeiro curso de jornalismo do país

rou fera. Sentiu-se desrespeitado e distribuiu nota repudiando a pixação.

Em agosto de 1952, ofereceu almoço ao ministro da Guerra, general Espírito Santo Cardoso, com a presença de 42 generais e do presidente Getúlio Vargas. O *Diário Carioca* estampou: "Triste homenagem comandada!" *A Imprensa Popular* destacou: "Afronta aos jornalistas banquete de Vargas na ABI". Carlos Lacerda desancou em violento artigo: "Se o sr. Moses está com fome e quer comer com Vargas, sirva-se, mas não em nosso nome. Não em nome da imprensa independente, que está sendo comida pela corrupção e pela intervenção descarada do Estado na liberdade de imprensa, primeiro passo para a subversão do regime democrático". Dos 45 conselheiros da ABI, 12 não participaram do almoço. Moses não respondeu aos ataques. Mandou publicar no *Boletim* da ABI, que tirou o primeiro número em 31 de maio de 1952 e hoje circula com 10 mil exemplares, os artigos a favor e contra o almoço.

Era assim a sua personalidade. Ele abriu as portas da *ABI* para que Fidel Castro concedesse entrevista coletiva em 1959, mas, no ano seguinte, mandou telegrama para ele, pedindo que reexaminasse o fechamento do jornal *Diário de la Marina*.

Confiava muito em Fernando Segismundo desde o dia em que estabeleceu com ele na diretoria, a seguinte regra de convivência: "Eu te conheço. Eu defendo os interesses do Rockfeller. Você não recebe ouro de Moscou, mas é ligado aos moscovitas. Vamos trabalhar juntos sem permitir que nossas diferenças ideológicas interfiram no trabalho em favor da ABI".

Uma vez, em 1957, essa confiança foi abalada. Segismundo estava de cuecas na sala da secretaria, redigindo as conclusões finais de um congresso de jornalistas com 600 convidados de vários estados e países. Bateram na porta, ele foi se vestir, e Pedro Mota Lima, que era do PC, entrou e pôs como contrabando nas conclusões do congresso quatro linhas de condenação à ocupação norte-americana de Fernando de Noronha.

Na sessão final do Congres-



so, Segismundo leu tudo. Moses, surpreendido, sussurou na mesa: "Vocês, comunistas, são filhos da puta". Depois da sessão, nem deixou Segismundo explicar: "Você me traiu". E passou três dias sem ir à *ABI*, até saber que Segismundo fora forçado pelo PC a ler as quatro linhas de contrabando. A partir dali, Segismundo desligou-se do PC. Preferiu ficar ao lado de Moses. As conclusões alteradas com a letra de Pedro Mota Lima foram depois parar no DOPS.

Outra história exemplar de Moses é a do jornalista Cândido Campos, que durante o Estado Novo não conseguira publicar um artigo que fizera contra o presidente da *ABI*. Foi ao chefe de polícia, Fillinto Müller, que manteve a proibição do censor. Sua única saída foi mandar o artigo ao próprio Fillinto, com um bilhete no qual criticava a falta de liberdade de imprensa. Moses foi correndo ao chefe de polícia e exigiu a publicação do artigo feito contra ele. Fillinto Muller, então, autorizou a publicação, com o seguinte despacho: "Publique-se a pedido do presidente da ABI".

Só o peso da idade dobraria tão incansável lutador das causas democráticas. Aos 78 anos, em 1962, quando integrava como convidado a comitiva do presidente João Goulart em visita aos Estados Unidos, Moses foi encontrado desmaiado num quarto de hotel. Recusou-se a embarcar de volta no avião presidencial oferecido. Havia tido um enfarte e, a partir dali, passou a locomover-se durante dez anos em cadeiras de rodas.

Aos 80 anos, no dia 21 de agosto de 1964, mal começara a escuridão de 21 anos que se abateria sobre as instituições democráticas, Moses renunciou à presidência da *ABI*. Em 1972, aos 88 anos, o magricela feio, manco e de olho torto morreu. Não era indigente como o mulato nervoso e sempre mal vestido, de andar preguiçoso e bigode caído do início do século. Mas ao seu velório compareceram apenas 150 amigos.

A obra que os dois, o mulato Gustavo de Lacerda e o magricela Herbert Moses, deixaram não se apagará jamais. Os oito gatos pingados da assembléia de 80 anos atrás são hoje cinco mil sócios.



LUIZ CARLOS DABIDIF4

Barbosa Lima hoje, aos 91 anos: o mais velho presidente

ABI 80 anos é parte integrante de **IMPRENSA** n.º 6. Não pode ser vendido separadamente. Edição Feeling Promoção e Comunicação Ltda., com o apoio da Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio.

Souza Cruz



Pedro, Eustáquio e Leandro: "Nós vamos continuar cutucando "

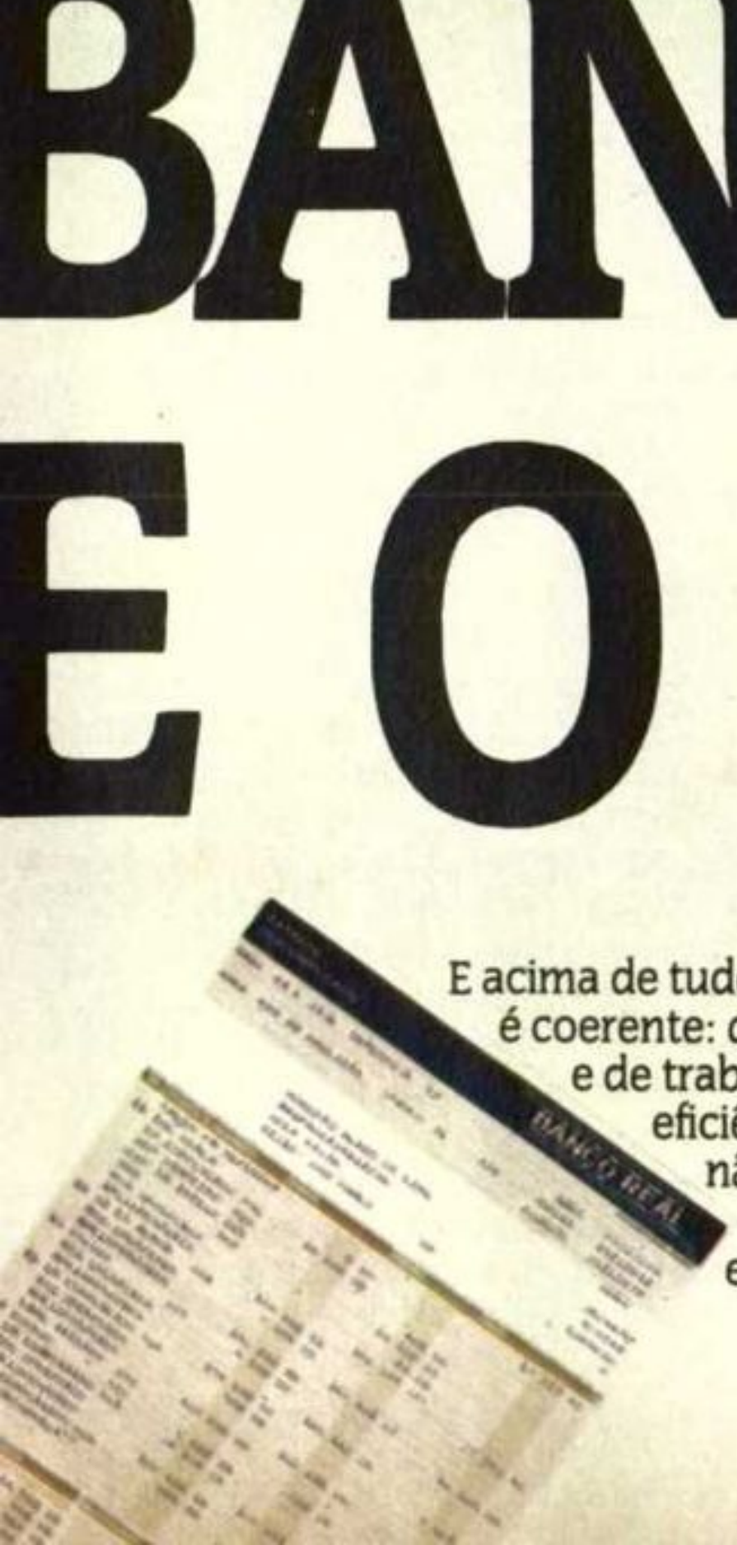
tradicionais colunas dos leitores, tanto do *Estadão* quanto da *Folha*. "Trata-se de um espaço determinado, limitado, com um público específico, sujeito a cortes e censuras, sobre o qual o leitor não tem nenhum controle", diz Leandro Esteves, 27 anos, 6 de profissão. "Não conheço espaço mais democrático que este", reage o editor da "Coluna dos Leitores" do *Estadão*, Antonio de Carvalho Mendes, 50 anos, 28 de profissão. "Mas não publicamos cartas que tendem para a esculhambação, que possam agredir os nossos leitores, a razão de ser do jornal. Recebemos cerca de 200 cartas por dia, e tenho que fazer uma seleção por questões de espaço e assunto."

Na *Folha*, o editor Marcelo Copola, 27 anos, 4 de jornalismo, diz que no caso de Serra Pelada o jornal recebeu diversas cartas acusando a Polícia Militar do Pará de ter sido a autora do massacre. "Como em todos os casos que podem resultar em queixa-crime contra os autores, recebi orientação da diretoria no sentido de informá-los sobre os riscos que estavam correndo. A maioria desistiu de ver suas cartas publicadas."

Custo proibitivo - No dia 20 de janeiro, os guerrilheiros sofreram o primeiro revés. O Departamento Comercial do *Estadão* recusou o anúncio "vende-se presunto fresquinho fabricado em Serra Pelada", sob o argumento de que o anúncio não se coadunava com a finalidade da seção "Negócios e Oportunidades". Ofereceram, em contrapartida, um espaço na parte editorial do jornal, "mas a um custo proibitivo para nós", diz Moreira.

Com a repercussão da iniciativa, os guerrilheiros já conseguiram reunir 19 pessoas para participar da pirâmide. Já têm algum dinheiro em caixa para investir em outros temas e, talvez, até comprar uma página editorial. "Vamos continuar cutucando as autoridades", diz Moreira. X

BANCO REAL
E O MELHOR



E acima de tudo, o cliente do Banco Real
é coerente: quem tem um estilo de vida
e de trabalho que exige exclusividade,
eficiência e dinamismo,
não abre mão do melhor
em matéria de produtos
e serviços bancários.

O melhor
está no Real

BANCO REAL
O Banco que faz mais por seus clientes.

Os combatentes da guerra do lead

Entrincheirada na redação de Binômio *e* Alterosa, *uma geração de mineiros metralhou o nariz-de-cera*

por Roberto Drummond

Venham comigo ao início dos anos 60. Nessa época, Belo Horizonte cheirava a jasmim, mas não ia demorar muito e o perfume de suas ruas agitadas seria o gás lacrimogêneo. No 7.° andar da rua Curitiba, centro da cidade, onde ficava a redação do semanário *Binômio,* havia uma conspiração: seu alvo era o velho jornalismo, rançoso, fiel ao chamado nariz-de-cera, que consistia numa longa e interminável digressão sobre um assunto antes de dizer que tresloucada seminua jogou-se do 8.° andar. Para que vocês tenham uma idéia do tipo de jornalismo que se fazia em Belo Horizonte, é bom lembrar o que um venerando jornalista da época, o célebre Monzeca, cujos editoriais ele escrevia a mão, com sua velha Parker 51, dizia a respeito do *lead:* "Isso é coisa de comunista!".

Na redação de *Binômio,* quase todos nós éramos adeptos de Fidel Castro e o que queríamos era levar o nariz-de-cera (e tudo mais do velho jornalismo) ao *paredón*. O líder de nossa Sierra Maestra jornalística era José Maria Rabelo, diretor de redação. Ele ia buscar no *Jornal do Brasil* os papas da época, para nos ensinar o bê-a-bá do novo jornalismo: Wilson Figueiredo (que é mineiro), Jânio de Freitas, Araújo Netto e Armando Nogueira eram nossos gurus. Ah!, como esquecer o ritual de Jânio de Freitas escrevendo a reportagem "O Crime da Flor Vermelha", diante de nossos olhos admirados na redação do *Binômio?*

Mas Zé Maria achou que era pouco apenas trazer os mestres. E, aconselhado por Wilson Figueiredo, foi buscar no *Jornal do Brasil* o meu personagem inesquecível. Chamava-se Pedro Paulo. Usava diariamente um terno cinza e uma gravata preta e dividia o mundo entre os que sabiam e os que não sabiam fazer o *lead*. Pedro Paulo era um ditador e trancava os jovens repórteres numa sala do *Binômio* e só nos libertava quando escrevíamos um *lead* perfeito.

Novo Eldorado - Entre os jovens repórteres do *Binômio* estavam o locutor que vos fala e o futuro guerrilheiro Fernando Gabeira. E foi lá que se formou a nova geração que iria tirar a poeira do jornalismo feito em Minas, na edição mineira da *Última Hora*, no *Jornal de Minas,* no *Diário de Minas* e na revista *Alterosa*. Nosso destino seria, mais tarde, o exílio, a participação na luta armada, como aconteceu a Gabeira, e a ida para o novo Eldorado da imprensa brasileira, São Paulo, após a criação do *Jornal da Tarde*.

Antes disso, no entanto, vivemos aquela que, depois do *Binômio*, foi a mais fascinante experiência do jornalismo mineiro do anos 60: a da revista *Alterosa*. Comprada pelo grupo Magalhães Pinto e tendo como diretor-presidente o então deputado (hoje governador de Brasília) José Aparecido de Oliveira, a *Alterosa* formou uma equipe altamente respeitável. Eu era o diretor de redação e, pela *Alterosa*, circulavam jornalistas como Fernando Gabeira, Ivan Ângelo, que era só cronista, e ótimo, Carmo Chagas, Flávio Márcio Salim e Carlos Wagner (excelentes e que se foram tão cedo), Ponce De Leon Antunes e um jovem cartunista que lancei e batizei com o nome de Henfil.

A *Alterosa* tinha Jorge Amado e Otto Lara Resende como colaboradores mensais, chegou a reunir em suas páginas toda a futura equipe do *Pasquim* e, depois de fazer grande sucesso, acabou fechada, em 64, no rastro de um episódio que vale a pena contar: nosso bravo diretor-presidente, José Aparecido de Oliveira, morava numa casa da rua Santa Catarina, em frente à casa do comandante da ID-4, o general Guedes, um dos chefes do golpe de 64. Uma das diversões de Aparecido, naqueles tumultuados dias que antecederam a 64, era levar para a sacada de sua casa alguns visitantes que, particulamente, irritavam o general Guedes: Leonel Brizola, Miguel Arraes, Francisco Julião etc. Do jardim de sua casa, o general Guedes a tudo via e podava suas roseiras, com lindas rosas vermelhas, com uma imensa tesoura.

Ninho de comunistas - Quando aconteceu o golpe de 1964, uma das primeiras medidas do general Guedes foi, ele próprio, subir numa escada e, com a tesoura de podar roseiras, cortar o telefone do deputado José Aparecido de Oliveira, um dos primeiros figurantes na lista de cassados. Pouco tempo depois, com a *Alterosa* ainda sobrevivendo, cometi a imprudência de mandar o repórter Carmo Chagas entrevistar o pai dos Atos Institucionais, Chico Campos, em sua fazenda em Minas. Ele não gostou da reportagem e declarou ao *Jornal do Brasil* que a *Alterosa* era "um ninho de comunistas e revanchistas".

O grupo Magalhães Pinto tinha colocado um interventor na *Alterosa* e, não demorou muito, ela foi fechada. De lá para cá, cada um de nós tomou um rumo, mas, quanto a mim, até hoje tenho a sensação de que o golpe de 64 cortou meu destino com a mesma precisão com que o general Guedes cortou o telefone de José Aparecido. X





Alterosa e Binômio: trincheiras da Imprensa moderna em Minas Gerais

O TELEFONE AO ALCANCE DE TODOS.



Fotógrafo: Geraldo Passos de Freitas - Funcionário da Telemig.
II Concurso Interno de Fotografia da Telemig - Menção Honrosa.

Em Minas, todos os municípios já estão interligados. 1.000 localidades já têm postos telefônicos instalados. E existem mais de 13.000 telefones públicos ao alcance da população. Em Minas, telefone deixou de ser privilégio.

TELEMIG

Empresa do Sistema TELEBRÁS

SONEGAR ICM É SONEGAR SEGURANÇA.

Sonegar ICM é deixar de recolher aos cofres do Governo o Imposto de Circulação de Mercadorias que você paga.
Por causa disso, o Governo do Estado deixa de arrecadar milhões de cruzados e deixa, portanto, de investir tudo o que deveria em segurança, estradas, habitação, saúde, água e esgoto e atendimento ao menor.
Só na área de segurança, 52 novos Distritos Policiais serão entregues na Grande São Paulo, além de construções e reformas de 118 Delegacias e Distritos Policiais e de 18 estabelecimentos penitenciários em todo o Estado, pelo Governo Quércia. Isso significa que um número maior de pessoas poderá desfrutar de mais segurança em seus lares e nas ruas.
Mas São Paulo precisa de mais.
Por isso, o Governo do Estado, através da Secretaria da Fazenda, está intensificando a fiscalização sobre o recolhimento do ICM e a sua colaboração é muito importante.
A nota fiscal é o comprovante que evita a sonegação do ICM e é também a sua garantia de compra.
O ICM já está embutido no preço de todas as mercadorias e a exigência da nota fiscal em nada alterará o seu valor.
Abra os olhos para esta situação.
Exija nota fiscal.
Só assim o Governo pode fazer mais por você.

EXIJA NOTA FISCAL. SÓ ASSIM O GOVERNO PODE FAZER MAIS POR VOCÊ.

GOVERNO QUÉRCIA

SECRETARIA DA FAZENDA



PAULA SIMAS/F4

Machado, Filippin, Rejane e Maria Luísa: as vozes do Brasil

O arauto das dezenove horas

No estilo de sempre, A Voz do Brasil *chega aos 52 anos com 45 milhões de ouvintes*

por Conceição Freitas

Aos 52 anos, ela permanece a mesma. Conserva velhos hábitos e pouco mudou com a Nova República. Sofreu alguns retoques, mas quase ninguém percebeu. É conhecida, sobretudo, por sua pontualidade - "Em Brasília, 19 horas...", costuma anunciar diariamente através de 2.166 emissoras de rádio de todo o país. *A Voz do Brasil,* uma espécie de diário oficial eletrônico, transmitida das 19 às 20 horas, forma a maior rede radiofônica do mundo. "Em 1980, uma pesquisa apurou que o programa possui 45 milhões de ouvintes", revela a editora Leila Santos.

Sua tradicional abertura foi modificada há dois anos. *O Guarani,* de Carlos Gomes, passou a ser executado com um arranjo especial do maestro Amílson Godoy. As vinhetas reproduzem os sons de viola, zabumba, triângulo e acordeão. Tais alterações, no entanto, não foram suficientes para transformar a *Voz* num programa essencialmente jornalístico.

Ele não abriga qualquer tipo de análise e nem emite opinião. Essa *Voz* não fala em *off*. "Na verdade, não podemos fugir da finalidade de divulgar os atos do governo", resigna-se a chefe de reportagem, Rosa Maria Wasem Magalhães. Não há censura prévia, mas as reclamações do Palácio do Planalto invariavelmente desabam sobre sua mesa. Há também pedidos que ecoam como ordem: recentemente, o presidente José Sarney determinou que seu programa *Conversa ao Pé do Rádio,* levado ao ar toda sexta-feira, às 7 horas da manhã, em cadeia nacional, fosse reprisado no mesmo dia pela *Voz do Brasil,* no horário noturno.

Futebol e AI-5 - O programa tem dado boas e más notícias ao longo de sua história. Seus microfones foram abertos, em épocas diferentes, para o último discurso de Getúlio Vargas e a leitura de artigo por artigo do Ato Institucional n.° 5, pelo locutor Jorge Cury, policiado de perto pelo então ministro da Justiça, Gama e Silva, em 1968. Dois anos depois, o programa saiu de suas características habituais para cobrir a conquista brasileira do tricampeonato mundial de futebol.

Hoje, a rigor, a *Voz do Brasil* não é apenas uma, mas quatro. Os locutores Sérgio Machado, Lademir Filippin, Maria Rejane Lima Verde e Maria Luísa Gatto apresentam a primeira meia hora do programa. Esta parte, destinada aos poderes Executivo e Judiciário, é produzida pela *EBN - Empresa Brasileira de Notícias.* São acionados repórteres de todo o país, com suas manchetes, e as notícias aparecem sempre intercaladas por reportagens gravadas. "Imprimimos um ritmo dinâmico e jornalístico", explica Leila.

Por ali, em outros tempos, já passaram locutores famosos, como César Ladeira, Luís Jatobá e o compositor Jair Amorim. Recentemente, um de seus nomes mais marcantes tomou posse no Senado Federal: o radialista Meira Filho, o primeiro locutor da *Voz* em Brasília, foi eleito senador pelo PMDB do Distrito Federal.

Tratamento cauteloso - Talvez ele, com sua privilegiada garganta, pudesse salvar os outros atuais 30 minutos do programa, destinados ao Legislativo. O noticiário, preparado pelo Congresso Nacional, mostra pouco ou nada de jornalismo. Sob forma sisuda e formal, acaba repetindo o que já foi dito antes. Há, porém, um extremo cuidado com o tamanho de cada notícia, que não pode ter mais ou menos do que dez linhas. Motivo: tratar eqüitativamente e evitar aborrecimentos com os 559 constituintes.

Os últimos dez minutos são dedicados aos 72 senadores, e conseguem ser mais monótonos que os 20 anteriores. Sem vinhetas, os três locutores lêem diariamente de 100 a 180 linhas sobre o que disseram ou votaram os senadores em plenário. Incluem-se, aí, registros de homenagens e necrológios. Ainda assim o programa tem uma *audiência envergonhada* considerável. "Parece o Sílvio Santos dos domingos", compara Leila. "Muita gente ouve, mas não tem coragem de confessar a preferência." X



SERGIO AMARAL

"Boninho": sócio da *Globo* na região mais rica do país

No ar, a nova conquista do Oeste

O rico interior paulista atrai as emissoras e inaugura mais um filão: o do jornalismo regional

por Gerson Sintoni

O interior de São Paulo é hoje uma das regiões mais ricas do país. Sua renda *per capita* é de 4,5 mil dólares por ano e, em algumas cidades, como Campinas e Ribeirão Preto, essa cifra ultrapassa os cinco mil dólares - a maior da América Latina. O interior de São Paulo tem de tudo. Grandes cidades, **shopping centers,** pólos industriais e um potencial de consumo considerado o segundo maior do país, superado apenas pela Grande São Paulo. O interior paulista tem até seu próprio telejornalismo. Trabalham hoje no interior do Estado cerca de 500 jornalistas, que produzem, em média, uma hora por dia de noticiário próprio - com pauta, personagens e temas do interior -, voltado, prioritariamente, para o público local.

Só a *Rede Globo* já possui quatro emissoras nesse rico território - a *TV Globo Noroeste Paulista,* em Bauru, a *TV Globo Oeste Paulista,* em São José do Rio Preto, e as TVs *Campinas* e *Ribeirão* - que empregam 97 jornalistas e atingem um público de mais de nove milhões de pessoas, cobrindo uma área de 679 municípios, com grandes anunciantes locais, como o setor varejista.



SERGIO AMARAL

Mara: "Ombro a ombro com a capital"

Essas emissoras exibem um faturamento de fazer inveja a algumas grandes da capital: juntas, abocanham mais de 200 milhões de cruzados por mês. O mercado do interior é tão promissor que a *Globo* espera, até o final do ano, ver em funcionamento mais uma emissora em São José dos Campos, no Vale do Paraíba, e uma outra no Sul de Minas Gerais.

Receita de sucesso - Duas dessas emissoras, as TVs *Campinas* e *Ribeirão,* surgiram de uma bem-sucedida sociedade entre João Roberto Marinho, filho do comandante das organizações *Globo,* Roberto Marinho, e José Bonifácio Coutinho Nogueira, ex-secretário de Estado de São Paulo e um grande empresário da região. A sociedade, sacramentada sob o nome de *Empresa Paulista de Televisão,* é dirigida por José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho, o "Boninho", 39 anos, que dá a receita do sucesso de uma emissora regional. "Para ter credibilidade, é necessário estar ligado a uma grande rede, e, ao mesmo tempo, ter muito jornalismo local", diz.

Em parte, é essa a receita da TV *Morada do Sol* de Araraquara, que está no ar desde 1979 e não e se limita apenas a fazer jornalismo regional. Toda a sua programação, do jornalismo aos programas infantis, de variedades e femininos, num total de 12 horas diárias, é produzida lá mesmo. Ainda que modesta - seus equipamentos de reportagem, por exemplo, são os do sistema Betamax, de caráter amador -, a *Morada do Sol* exibe boa qualidade de imagem e consegue sobreviver heroicamente aos concorrentes.

Maria Amália Montoro (nada a ver com o ex-governador Franco Montoro), 34 anos, 12 de profissão, uma das diretoras da emissora, acha que o segredo da *Morada* é seu vínculo estreito com a comunidade. "Enquanto as outras emissoras têm que dar conta de várias cidades, quem quer saber das coisas de Araraquara sintoniza aqui", afirma.

Sólida retaguarda - A TV Campinas foi o primeiro braço global no Interior, estreando em 1979. Ela e a *TV Ribeirão*, que surgiu em 1981, produzem três telejornais - os *Jornais Regionais*, que entram no lugar dos *SPTVs* -, dois blocos do *Globo Esporte*, que são gerados também para São Paulo, e o programa *A Palavra É*



PAULO BATAIOLA

A redação de Bauru: desmentindo a imagem de "come-e-dorme"

Sua, aos domingos. No comando do jornalismo está Mara Rúbia Vieira, 36 anos, 16 de profissão, que supervisiona os 27 minutos diários de jornalismo que cada emissora produz. "Nossa equipe é de primeira", diz Mara, "em qualidade profissional e técnica ficamos ombro a ombro com as capitais".

Além de uma equipe afiada, Mara conta com uma sólida retaguarda empresarial. Num ano de crise como 1987, a *Empresa Paulista de Televisão* alcançou um crescimento real de 25% em relação a 1986. A prova dessa saúde financeira são os recentes investimentos na ampliação dos sinais das duas emissoras, que consumiram cerca de 350 mil dólares. A *TV Campinas* também inaugurou, no final do ano passado, o mais moderno núcleo de produção comercial em atividade no País, que custou mais de um milhão de dólares. Nada a estranhar. "O novo estúdio é compatível com o porte dos nossos clientes", justifica Boninho, que também produz comerciais para agências do eixo Rio-São Paulo.

As Tvs *Campinas* e *Ribeirão* possuem uma infra-estrutura técnica e de equipamentos superior à da própria *Globo* no Interior. Bauru e Rio Preto ainda se vêem às voltas com equipamentos quebrados - que chegam recondionados depois de longos anos de serviço no Rio e em São Paulo - e improvisações. Em Bauru, por exemplo, o gerador de caracteres ainda não chegou e os créditos são feitos em *slides*, com letraset.

Festivais leiteiros - Se esses problemas ainda dão um pequeno sabor de aventura ao jornalismo no interior paulista, seus profissionais fazem questão de apagar a imagem, comum nos grandes centros, de que a vida na região é um eterno come-e-dorme. "Isso é pura fantasia", defende-se Nalu Lorençon, 31 anos, 7 de profissão, chefe de redação da *TV Globo Noroeste Paulista*. "Temos 140 cidades para cobrir com quatro equipes de reportagem. Cada equipe faz de duas a três matérias por dia. Geramos programação para São Paulo e obedecemos aos mesmos *deadlines* da Capital".



Edson Baffi

Margarise: sorte na primeira reportagem

Se é impossível escapar de pautas como feiras agrícolas, festivais leiteiros, recordes de safra, o prato forte da pauta regional, o trabalho no Interior tem desafios peculiares.

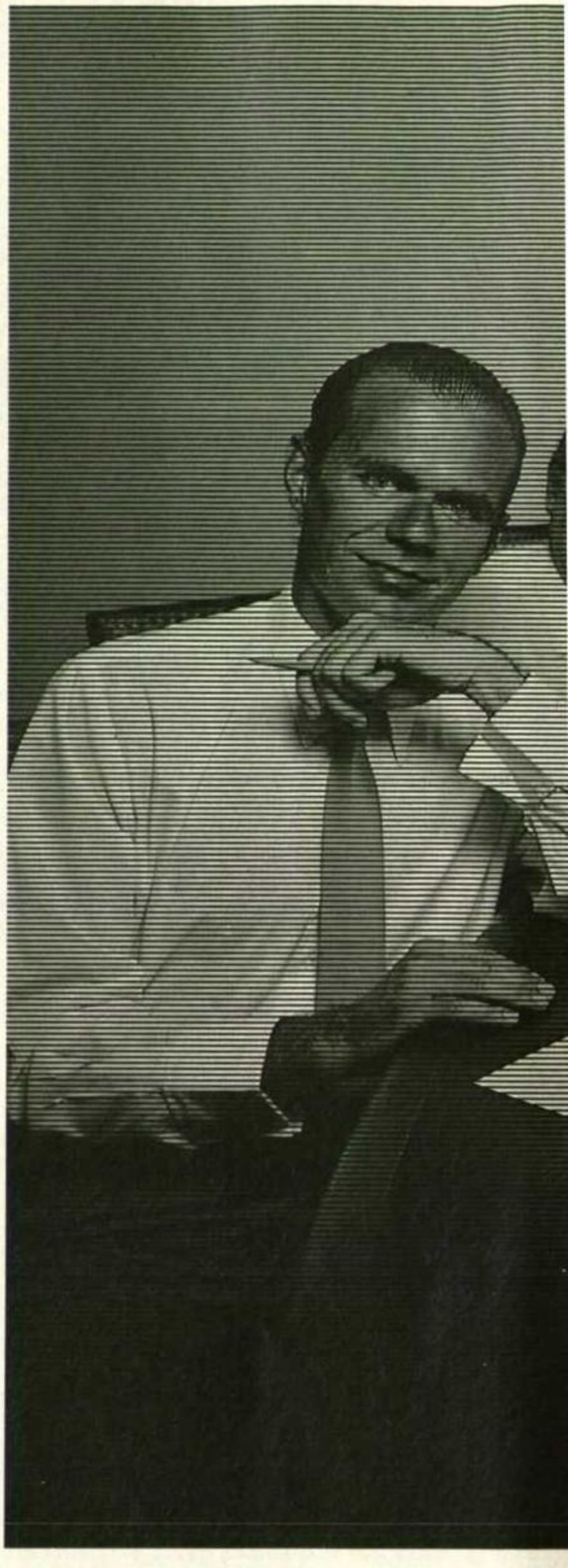
"Eu considero como uma vantagem o fato de não existir um volume tão grande de notícias factuais, porque temos que apostar na nossa criatividade em matérias produzidas", raciocina Nalu. Ricardo Celso Mendes Rosa, 29 anos, 6 de profissão, repórter da *TV Globo Oeste Paulista*, concorda. "Trabalhamos muito com imagens. Nisso, o visual do Interior é imbatível".

Fato esdrúxulo - A possibilidade de trabalhar mais livremente, aliada a um problema real - a falta de mão-de-obra especializada - está transformando as emissoras do interior em grandes escolas de jornalismo. "Da nossa primeira equipe, só três pessoas tinham experiência em TV. O resto formamos aqui mesmo, ensinando desde pegar no microfone até a fazer um texto", diz Ivan Renato Rodrigues, 40 anos, 25 de profissão, editor regional da *TV Globo Oeste Paulista*. *Campinas* e *Ribeirão* chegaram até a institucionalizar o estágio, onde os estudantes de jornalismo começam na rádio escuta. "Aqui pegamos o pessoal bem foca mesmo", diverte-se Mara.

Alguns desses focas permanecem pouco tempo nessa condição. É o caso de Margarise Correa, 23 anos, apenas 1 de profissão, repórter da *TV Globo Oeste Paulista*. Ela saiu da pequena Urupês, sua cidade natal, para estudar jornalismo em Londrina. Com o canudo debaixo do braço e com experiência em teatro, ela tentou a sorte na TV e acabou contratada para a sucursal da *Globo Oeste Paulista*, em Araçatuba.

Sua primeira matéria foi a cobertura de um jogo de futebol da segunda divisão. O Araçatuba jogava em casa contra o Tanabi e perdia por 2 a zero. No final do segundo tempo, quando o Tanabi ia fazendo seu terceiro gol, um gandula entrou em campo e tirou a bola de cabeça - um dos lances mais esdrúxulos ocorridos nos gramados de São Paulo. Atenta, Margarise não perdeu o lance. Microfone em punho, perguntou ao gandula o que ele sentira na hora. "Senti firmeza", respondeu, sorridente. Engraçada, a matéria da estreante Margarise foi parar em todos os jornais de rede da *Globo*, tornando-a popular na cidade. X

SE VOCÊ QUER O MAIOR PÚBLICO PARA SUAS RELAÇÕES PÚBLICAS, USE A NOSSA BOA IMAGEM.



A GLOBO ESTÁ ABRINDO UM ESPAÇO EXCLUSIVO NA SUA PROGRAMAÇÃO JORNALÍSTICA PARA A COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL DA SUA EMPRESA: ESPAÇO EMPRESARIAL.

É A FORÇA DE COMUNICAÇÃO DA TELEVISÃO, ALIADA À AUDIÊNCIA E COBERTURA DA GLOBO, LEVANDO SUA MENSAGEM ATÉ 85 MILHÕES DE PESSOAS EM TODO O BRASIL

5359/87

ESPAÇO EMPRESARIAL É VEI-
ILADO NACIONALMENTE, EM
ÓDULOS SEMANAIS DE TRÊS
NUTOS, PERSONALIZADOS
R VINHETAS DE ABERTURA
ENCERRAMENTO PRODUZI-
DAS PELA GLOBO.

É UM ESPAÇO ONDE CABEM
OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS,
AS INAUGURAÇÕES, A ABERTU-
RA DE CAPITAL, AS ATIVIDADES
CULTURAIS E COMUNITÁRIAS
PROMOVIDAS POR SUA EMPRE-
SA E OUTROS ASSUNTOS DE
INTERESSE DOS SEUS ACIO-
NISTAS, DISTRIBUIDORES E
CONSUMIDORES.

RESERVE O SEU LUGAR NO
ESPAÇO EMPRESARIAL. E GA-
RANTA UMA NOVA E MAIOR
DIMENSÃO PARA SUA MENSA-
GEM INSTITUCIONAL.

O MOMENTO EXIGE UM VEÍCULO ASSIM.

Promessa oficial

Toninho Drummond, o novo homem de comunicação do Governo, garante que Brasília não vai mais confundir notícia com propaganda



PAULA SIMAS/F4

Drummond: no comando do verbo e da verba do Governo Sarney

De todos os desafios profissionais que já enfrentou, o mineiro de Araxá Antônio Carlos Drummond, 51 anos e 28 de jornalismo, está agora diante do mais amplo: dirigir a comunicação de um governo cuja legitimidade é permanentemente posta em xeque e que se apóia num slogan *tão conhecido quanto contestado (''Tudo pelo Social''). Ex-editor do jornal* Estado de Minas *e ex-diretor da* Rede Globo *e da* Rede Bandeirantes *em Brasília, Toninho Drummond (ninguém o conhece por Antônio Carlos) tomou posse, no último dia 2, na subchefia do Gabinete Civil para Assuntos de Imprensa e Divulgação - com o que se transformou no coordenador de toda a comunicação do Governo, no manda-chuva da Empresa Brasileira de Notícias, da Radiobrás e da Funtevê, e no zelador das robustíssimas verbas de propaganda da administração federal. Dois dias depois da posse, em meio a intermináveis audiências, ele concedeu a* **IMPRENSA** *esta entrevista, por escrito.*

Imprensa: A impopularidade do Governo Sarney, na sua opinião, é decorrente da incompetência do Governo ou da incompetência da comunicação do Governo?

Drummond: Seria simplista acusar um ou outro destes fatores como causa única do problema que vocês colocam. É fundamental situarmos melhor o Governo Sarney, se quisermos entender o movimento da curva de seu índice de popularidade. O Governo Sarney tem um objetivo claro, foi instalado com um fim explícito: a transição democrática. Toda transição é tensa. É sempre um momento difícil. No caso do Brasil de hoje, há inúmeros fatores, até mesmo psicológicos, que influem diretamente no índice de popularidade do presidente. Há estudos que indicam que a popularidade de um governante é inversamente proporcional aos números da inflação. O Brasil vive um momento em que os graves problemas econômicos, políticos e sociais se entrelaçam.

Daí a ânsia nacional de se ver tudo resolvido ao mesmo tempo. É natural que desse quadro decorram frustrações. Como também é natural imaginar-se que o esforço pela consolidação democrática, que ora se desenvolve, será objeto de reconhecimento histórico inevitável. Admito que o presidente tenha razões de sobra para inquietar-se com a sua popularidade no dia de hoje. Mas tenho certeza que poucos governantes neste país terão tido tanta tranqüilidade quanto à compreensão de sua obra.

Imprensa: Quase todos os grandes veículos de comunicação do país mantêm hoje uma postura bastante crítica em relação ao Governo Federal, quase mesmo que de oposição sistemática. Você tem algum plano para mudar esse quadro?

Drummond: Eu não tenho plano para mudar esse quadro. Quem tem plano para mudar esse quadro é o presidente José Sarney, que tem dito que governará o resto de seu mandato sem as amarras políticas que tanto prejudicaram um melhor desempenho de seu Governo. Estou convencido de que uma nova e produtiva etapa se inaugura. A mim caberá, no desempenho das funções que assumi apenas há 48 horas, coordenar o esforço da equipe que levará ao conhecimento da opinião pública os atos e os fatos do Governo Sarney.

Imprensa: O Governo José Sarney, por sua própria circunstância, jamais passará à história como um governo de obras, cujo êxito é medido por metro cúbico de cimento empregado. A grande obra do Governo Sarney, se ele conseguir realizá-la, é fazer a transição para a democracia. Uma missão de conteúdo bastante subjetivo e pouco palpável. Como os homens de comunicação do Governo podem enfrentar esse desafio, o de divulgar os feitos de um Governo cuja maior realização - se a conseguir, repita-se - será no plano institucional?

Drummond: A formulação de sua pergunta já diz bastante. A grande obra do Governo Sarney é justamente a transição para assegurar a democracia. Veja bem: nós já estamos numa democracia. Democracia que começou a ser consolidada com o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República e a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, da qual participam, sem restrições, todas as correntes ideológicas. Não há hoje no Brasil nenhum partido na clandestinidade. Há um ano, sem interferência do Poder Executivo, eles preparam uma nova carta para o país. Ao contrário do que vocês afirmam, essa não é "uma missão de conteúdo bastante subjetivo e pouco palpável". Foi uma aspiração de todos os brasileiros por vinte anos e estará concluída no momento em que o Presidente Sarney passar a faixa presidencial ao sucessor eleito pelo povo.



PAULA SIMAS/F4

"Poucos governantes neste país terão tido tanta tranquilidade quanto à compreensão de sua obra como Sarney"

Imprensa: O *slogan* "Tudo pelo Social" já é motivo de anedotas e encontra-se mais do que desgastado. Qual a sua opinião sobre ele? Você tem planos de mudá-lo? Em caso positivo, qual seria o "mote" do novo *slogan?*

Drummond: Como já disse, estou apenas há 48 horas no cargo, evidentemente não tenho opinião formada sobre todos os aspectos que envolvem meu trabalho. O destino de "Tudo pelo Social" como assinatura das mensagens do governo dependerá da avaliação de uma equipe técnica que pretendo reunir. Duas coisas, no entanto, eu gostaria de observar. Primeiro, ele reflete uma realidade. A essência do Governo Sarney é voltada para o social. Segundo, convenhamos, que não é nem um pouco desinteressante que ele esteja na boca do povo.

Imprensa: Uma antiga polêmica dentro do setor de comunicação do Governo é sobre o papel que deve ser desempenhado por empresas como a EBN e a Radiobrás, por exemplo. Uns acham que essas empresas devem ser agências de notícias do Governo, assumindo mais um caráter propagandístico do que jornalístico. Outros acham que essas empresas devem ser agências de notícias no governo, no sentido de facilitar a comunicação do que se passa dentro do governo. De qual das duas correntes você participa?

Drummond: Uma agência de notícias do Governo não é necessariamente uma Agência de Propaganda. Propaganda é uma linguagem e notícia é outra. Elas não se confundem. Uma agência de notícias do Governo é exatamente uma agência de notícias do Governo. Isto é, agência que tem por objetivo divulgar fatos que se passam no Governo e que são do interesse direto da população. Aliás, igualzinho no resto do mundo.

Imprensa: Há um decreto-lei da Nova República que confere à EBN o direito de distribuir toda a publicida- →

SENHOR ESTEJA CONVOSCO.

PREVER, PLANEJAR, DECIDIR. ESTES SÃO OS VERBOS QUE EMPRESÁRIOS, EXECUTIVOS, INTELECTUAIS E ATÉ POLÍTICOS BRASILEIROS ESTÃO CONJUGANDO CADA VEZ MENOS.

NÃO QUE NÃO SAIBAM NEM QUE NÃO QUEIRAM. SIMPLESMENTE PORQUE A INSTABILIDADE É HOJE UMA QUASE INSTITUIÇÃO NACIONAL.

PARA DAR UM PASSO À FRENTE, HOJE O HOMEM DE NEGÓCIOS BRASILEIRO NÃO PODE SE PRENDER SOMENTE AO FATO.

ELE TEM QUE ANALISAR E INTERPRETAR O FATO DE FORMA EXTREMAMENTE CRÍTICA. EXATAMENTE COMO FAZ SENHOR, A ÚNICA REVISTA SEMANAL ESPECIALIZADA EM POLÍTICA, ECONOMIA, NEGÓCIOS E INVESTIMENTOS.

ESSA GENTE QUE DECIDE - OU QUE PRETENDE DECIDIR - ENCONTRA EM SENHOR UM ALIADO QUE INFORMA COM PROFUNDIDADE, ANALISA CRITICAMENTE E INTERPRETA COM PRECISÃO. UMA POSTURA DEFINITIVAMENTE ASSUMIDA PELA EDITORA TRÊS.

SENHOR É IMPLACÁVEL.

DOA A QUEM DOER, SENHOR RELATA O FATO COMO O FATO É.

SEM DEPENDÊNCIA, SEM COMPROMETIMENTOS.

SENHOR FAZ JUSTIÇA.

SEJA QUEM FOR, SENHOR DENUNCIA COM TODAS AS LETRAS E PINGOS NOS IS.

SENHOR FAZ GRAÇA.

HUMOR, CRÍTICO E OPORTUNO, FAZ O SORRISO DO JORNALISMO SÉRIO.

SENHOR

ESTA É A NOSSA PALAVRA

EDITORA 3 TRÊS

SENHOR TEM A BOA PALAVRA.

SENHOR REVELA TUDO, SEM ENTRELINHAS NEM ENTRETANTOS, COM APROFUNDAMENTO E COERÊNCIA, NA VOZ DE ARTICULISTAS DOS MAIS RECONHECIDOS.

SENHOR ESTÁ ATENTO ÀS BOAS E MÁS AÇÕES.

SENHOR ANALISA COM OLHO CLÍNICO O DESEMPENHO DE EMPRESAS E SETORES ECONÔMICOS, DETECTANDO TENDÊNCIAS DO MERCADO FINANCEIRO E SEU COMPLEXO UNIVERSO.

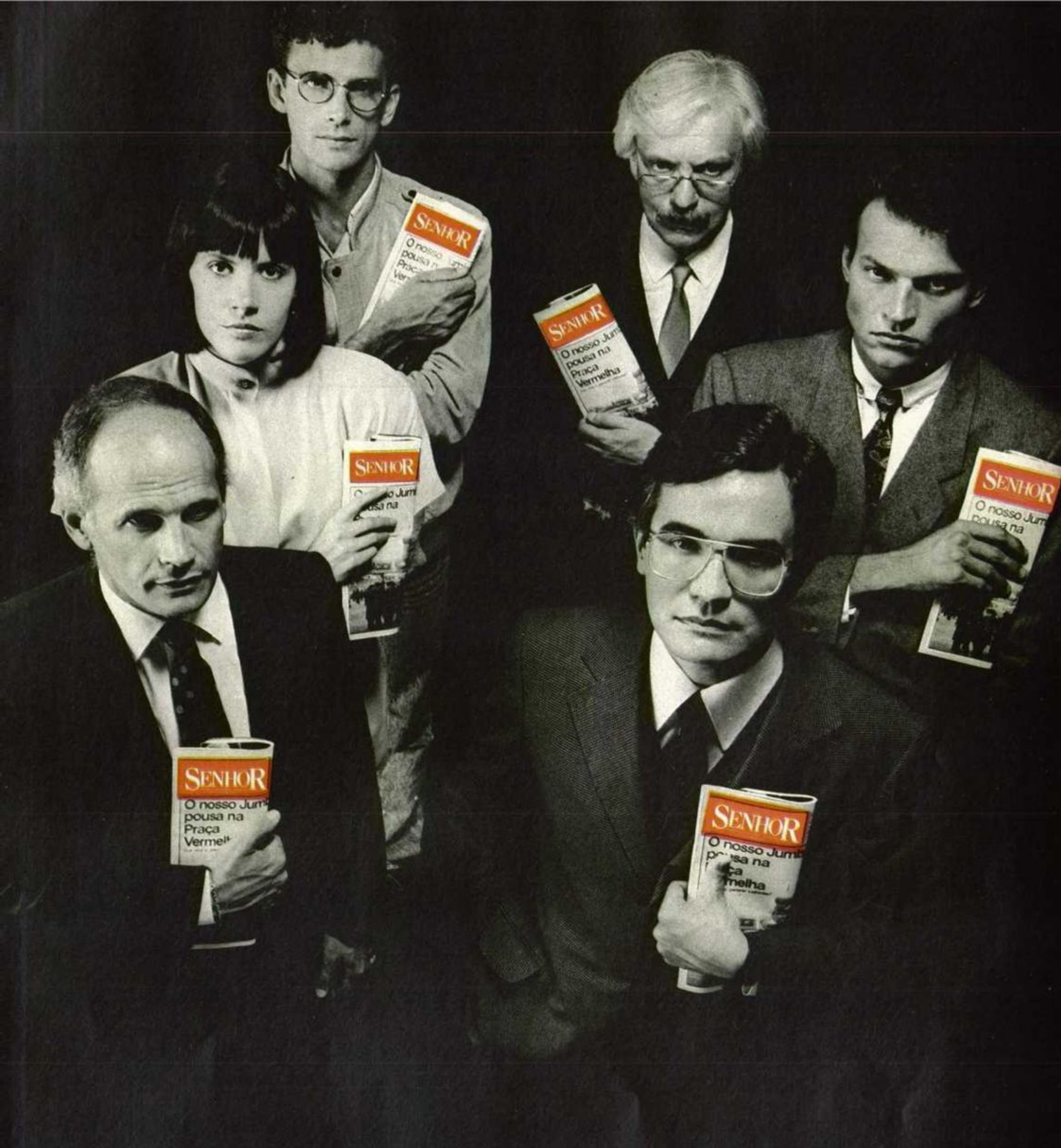
UM VERDADEIRO GUIA PARA A SUA BOA AÇÃO DA SEMANA.

SENHOR DIZ A VERDADE BEM DITA.

SENHOR DESENTORTA AS LINHAS PARA ESCREVER CERTO.

INFORMAÇÃO COMPLETA E PRECISA, SEM TORÇÕES NEM DISTORÇÕES.

SE VOCÊ É DESSAS PESSOAS QUE NÃO SE SATISFAZEM COM A NOTÍCIA SUPERFICIAL, MAIS DIA MENOS DIA VOCÊ SERÁ LEITOR DE SENHOR.


SENHOR
SENHOR
SENHOR
SENHOR
SENHOR
SENHOR

RECEBA SENHOR TODA SEMANA. ASSINE POR TELEFONE.

Não fique sem Senhor. Faça uma assinatura anual e receba Senhor toda semana, em casa ou no escritório. Telefone para o nosso representante na sua cidade e garanta preço e comodidade para o ano todo.

Senhor esteja convosco. Sempre.

Aracaju - SE (079) 222.7910
Araguari - MG (034) 241.6996
Belém - PA (091) 222.6145
Belo Horizonte - MG (031) 224.0311
Brasília - DF (061) 226.3798
Campinas - SP (0192) 32.5057
Campo Grande - MS (067) 382.5080
Cuiabá - MT (065) 322.9055
Curitiba - PR (041) 264.3032
Florianópolis - SC (0482) 22.4533
Fortaleza - CE (085) 221.2122
Goiânia - GO (062) 241.0224
Imperatriz - MA (098) 721.4248
João Pessoa - PB (083) 222.2599
Manaus - AM (092) 236.9023 236.5897
Natal - RN (084) 222.7393
Porto Alegre - RS (0512) 24.8750
Recife - PE (081) 222.0088
Rio de Janeiro - RJ (021) 228.1776
Rondônia - RO (069) 221.8444
Salvador - BA (071) 243.7196
Santos - SP (0132) 34.8391
São Luís - MA (098) 223.4189
São Paulo - SP (011) 831.4605
260.0533 - ramal 41
Teresina - PI (086) 223.8226
Vitória - ES (027) 223.4629

SENHOR

ESTA É A NOSSA PALAVRA

EDITORA 3 TRÊS



PAULA SIMAS/F4

"Na negociação com os veículos, a ordem é pechinchar"

de legal do Governo no país e há quem ache que isso configura uma concorrência à iniciativa privada, sobretudo às agências de propaganda. Qual a sua opinião sobre isso?

Drummond: Não há nenhum decreto-lei da Nova República sobre o assunto. O que há é uma Lei (n.º 6.650, de 1979) que, ao transformar a antiga *Agência Nacional* em *Empresa Brasileira de Notícias,* diz em seu artigo sexto, item terceiro, parágrafo primeiro, que "caberá também à EBN a distribuição da publicidade legal dos órgãos e entidades da Administração Federal". Envolve posições com maior ou menor grau de estatização. Tenho certeza que esse assunto vai merecer atenção do novo presidente da Empresa, nosso companheiro Getúlio Bittencourt, com quem certamente vou conversar sobre o assunto.

Imprensa: Circula hoje no Palácio do Planalto a idéia de que "a verba deve ser separada do verbo", ou seja, o poder de pressão do Governo, na qualidade de maior anunciante individual do país, não deve ser utilizado para dirigir ou suavizar o noticiário dos veículos de comunicação sobre a atuação oficial. Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

Drummond: Uma grande parte da Imprensa Brasileira tem hoje o seu departamento comercial desvinculado do departamento de Jornalismo.

Imprensa: Os gastos publicitários do Governo Federal são bastante descentralizados, o que permite a cada ministério ou empresa utilizar sua verba de propaganda, para, se quiser, promover não os interesses do Governo, mas o *lobby* pessoal de cada ministro. Você tem algum projeto para centralizar os gastos publicitários de todo o Governo Federal?

Drummond: O presidente Sarney optou por um Sistema Unificado de Comunicação e o subordinou diretamente à Casa Civil. O Ministro Ronaldo Costa Couto, com experiência em Planejamento e Administração Pública, está convencido da oportunidade do novo sistema e já me assegurou apoio na sua execução. Segundo ele, é preocupação básica do presidente alcançar a unidade na comunicação social dos órgãos da administração direta e indireta. Tenho certeza que vou contar com o apoio e colaboração do Governo como um todo. Ninguém consegue ser forte e popular isoladamente.

Imprensa: É sabido que boa parte dos veículos de comunicação confecciona suas tabelas de publicidade com preços mais altos do que os de mercado, visando exclusivamente abiscoitar fatias maiores da verba governamental. Quando a negociação pelo espaço é com a iniciativa privada, esses preços de tabela geralmente caem, e muito. Você tem alguma intenção de alterar esse panorama? Vai implementar alguma política própria de negociação de preços com os veículos?

Drummond: A palavra de ordem vai ser pechinchar.

Imprensa: O Governo Sarney recebe críticas de todos os lados. O que você acha de positivo no Governo?

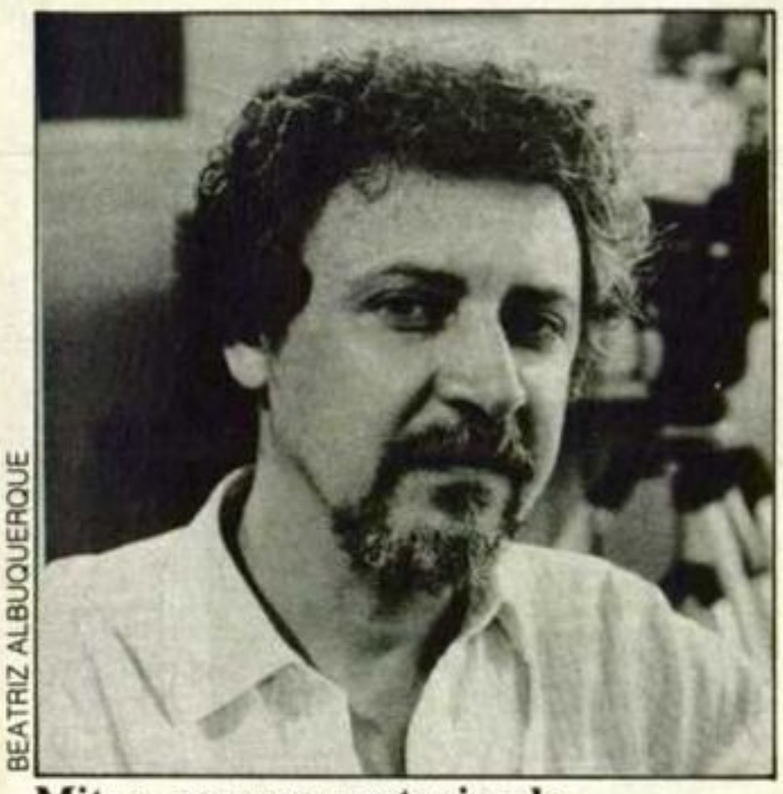
Drummond: Estou chegando no Governo e em breve espero conhecê-lo mais e melhor. Para citar um só fato altamente positivo, lembro o desprendimento do presidente Sarney. Não é sempre que um presidente da República abre mão, espontaneamente, de um ano de mandato.

Imprensa: Você é um jornalista tarimbado, com larga bagagem profissional. O que você ganha profissionalmente?

Drummond: Experiência. Será muito interessante enfrentar este desafio podendo ainda desfrutar do prazer intelectual de conviver, por algum tempo, ao lado do ex-repórter Ronaldo Costa Couto e ao lado, também, do escritor, poeta e jornalista maranhense José Sarney. X

Calandra

Como você virou jornalista?



BEATRIZ ALBUQUERQUE

Mitre: começou estagiando

Foi vender seu romance e acabou empregado

Fernando Mitre, 45 anos, 25 de profissão, diretor-geral de jornalismo da TV Bandeirantes: "Eu tinha acabado de entrar no curso de Direito e como tinha de ganhar a vida resolvi correr as redações de Belo Horizonte com um romance policial - *A Página do Crime* - que escrevi. No *Diário de Minas*, o Guy de Almeida, que era o editor, disse que o livro o jornal não publicava, mas me arrumava um estágio. Comecei assim, e um ano e meio depois o *Diário* publicava o romance em capítulos".

Sete meses dando duro de graça no primeiro emprego

Etevaldo Dias, 42 anos, 20 de jornalismo, diretor-geral do Jornal do Brasil, em Brasília. "Fui para o Rio, em 65, com meu primeiro atentado em jornalismo, que foi uma crônica chamada "O último apito", publicada num jornal de Jaú. Mas, só consegui realizar meu sonho quando um colega do escritório onde eu trabalhava me levou para "O Jornal". Fiquei lá sete meses trabalhando de graça". X

Faça este teste.

Se você fosse um anunciante que tivesse um produto de qualidade para vender e precisasse anunciá-lo para pessoas bem informadas e influentes, como você, em que revista colocaria esse anúncio?

Respostas:

a. Na revista de maior circulação;
b. Na revista com público leitor mais qualificado;
c. Na revista com o menor custo por leitor alcançado;
d. Em VEJA, porque ela tem mais leitores, melhor público e menor custo.

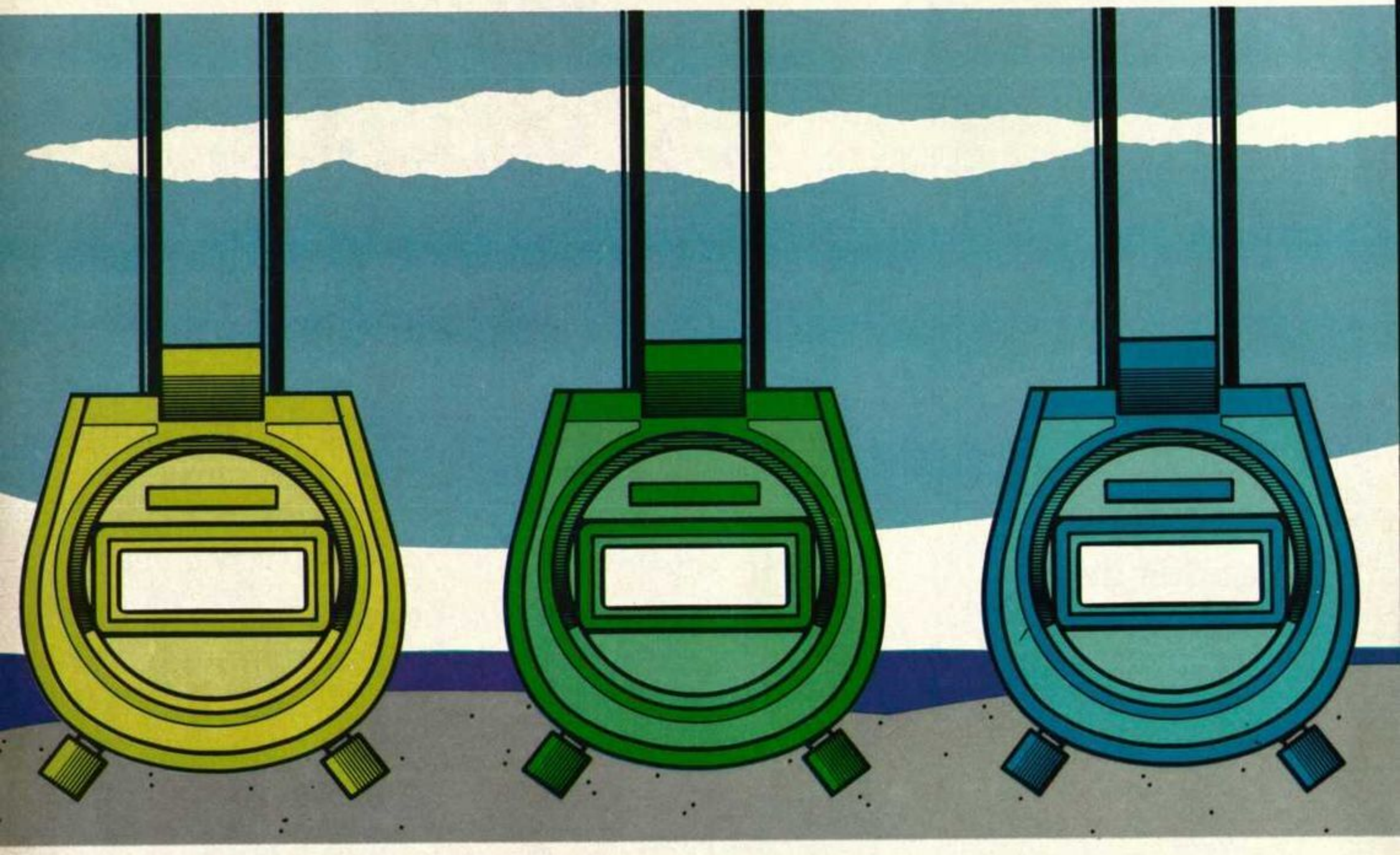
É por isso que, como você, os anunciantes preferem VEJA.

Você já tinha pensado nos anúncios de VEJA sob esse ponto de vista?

veja

W/GGK

Compre Segund



SBT. Liderança absoluta do segundo lugar. Mais do que nosso slogan, esse é o nosso orgulho. E não é pra menos.

Ser a segunda rede em audiência, num país que tem a TV Globo, uma das mais talentosas redes de televisão do mundo, é motivo suficiente pra se orgulhar a cada segundo.

Principalmente, quando a gente lembra que, até bem pouco tempo, a Rede Globo não era apenas a líder de audiência: ela era a própria audiência.

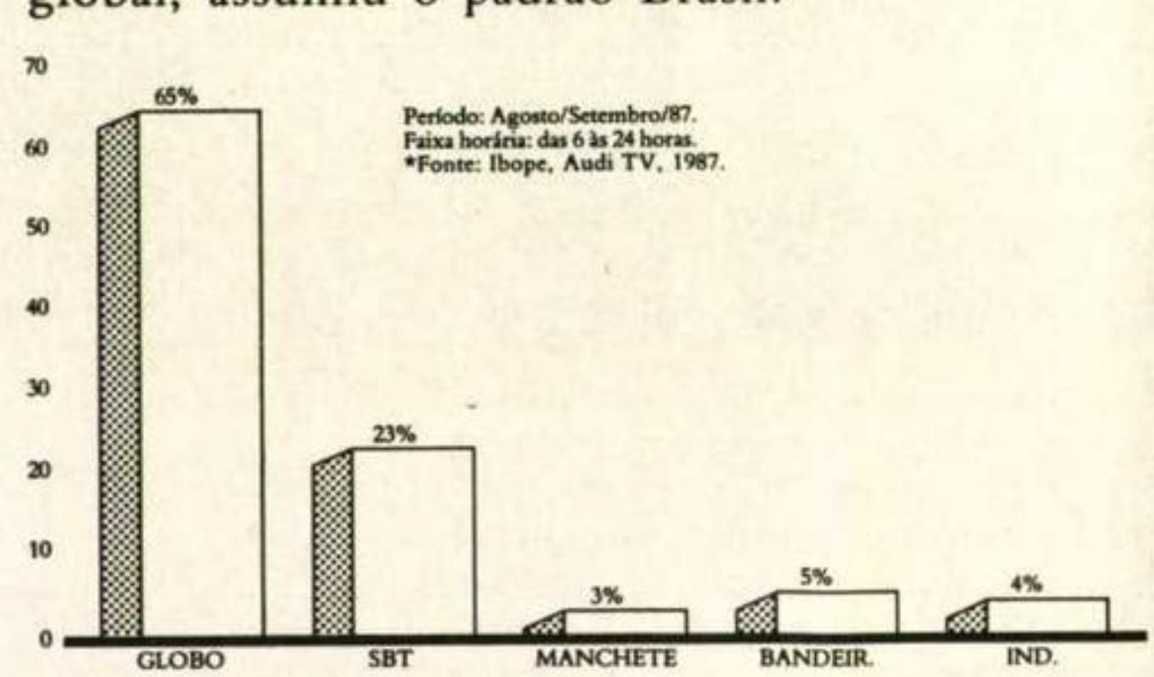
Mas as coisas estão mudando.

A cada minuto, a cada segundo.

Hoje, o SBT já atingiu 23% na audiência total do mercado nacional*.

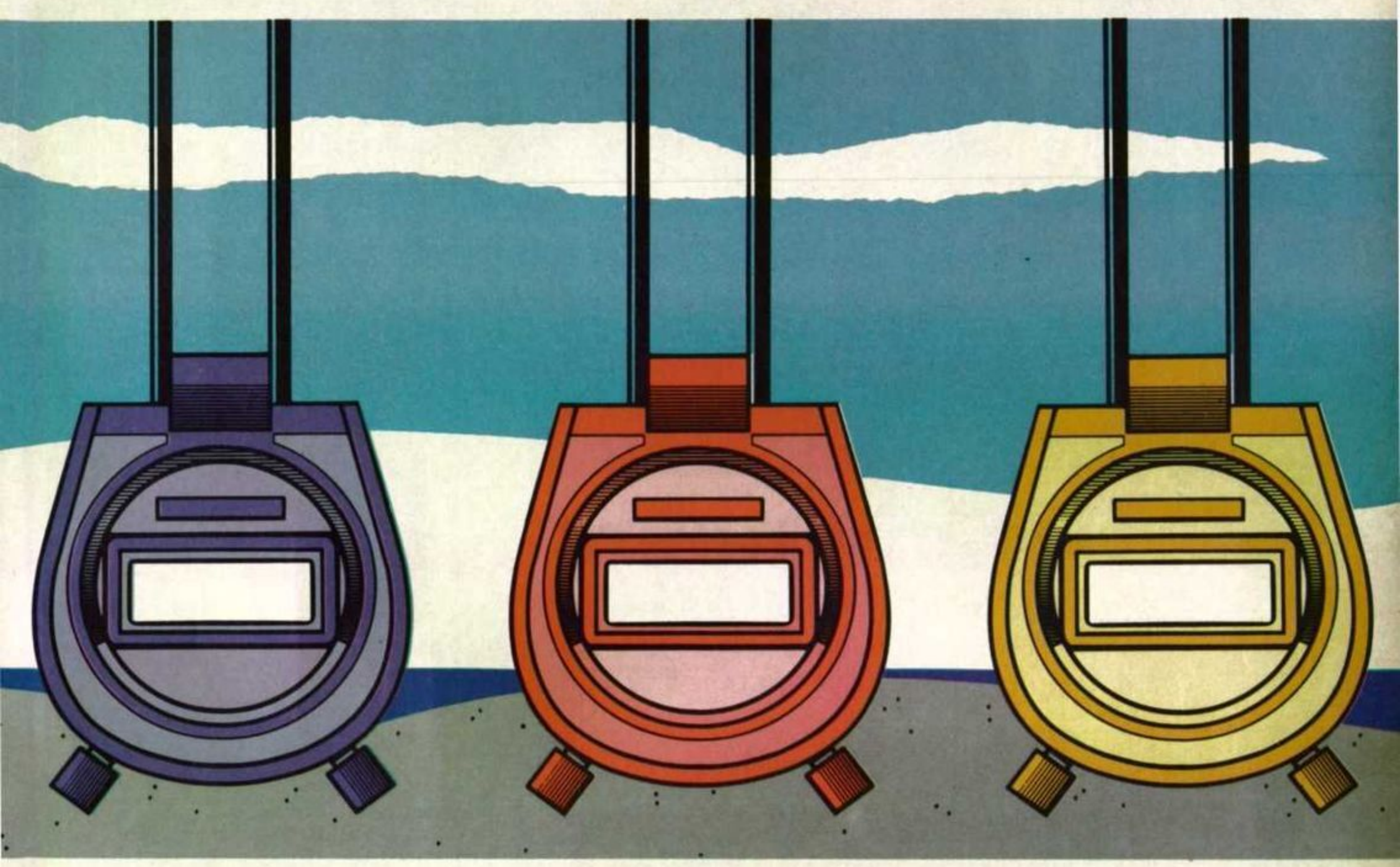
E, em alguns horários, já chegou a fazer o milagre e cometer o atrevimento de bater o líder.

Tudo graças a um marketing inteligente que, em vez de ficar copiando o padrão global, assumiu o padrão Brasil.



Nossos programas são parciais, emocionais, inflamados, despreocupados, exagerados e até açucarados.

os Do Segundo.



Você pode até não assistir o tempo todo, mas que, a cada segundo que passa, tem mais gente assistindo, isso tem.

Evidentemente, nem sempre o nosso público é classe A.

Mas, nem por isso, ele deixa de consumir sabonetes, biscoitos, geladeiras e máquinas de lavar.

E, às vezes, até a classe A assiste o SBT.

Para onde é que você acha que um empresário muda quando está a fim de esquecer os problemas da economia? Ou um intelectual, quando quer descansar a cabeça e rir um pouco? Ou ainda, um político, quando quer saber como anda o povo?

Para o SBT, é claro.

Esse é o motivo dos nossos segundos comerciais estarem valendo mais do que estão custando.

Lembre-se disso quando você for escolher onde vai exibir o seu próximo comercial.

Se é verdade que os últimos serão os primeiros, imagine os segundos onde vão chegar.

Nossos comerciais. Por favor.

sbt

LIDERANÇA ABSOLUTA DO SEGUNDO LUGAR.



Nova York

Briga de galos no horário nobre

Diante de 16 milhões de espectadores, o vice-presidente americano enfrenta um entrevistador implacável

por Lúcia Guimarães

Na noite de 25 de janeiro, o presidente Ronald Reagan estava pronto para fazer o último discurso anual do mandato dele sobre o estado da nação, no Congresso. Ia falar sobre as principais questões deste final da era Reagan: o déficit público, o possível acordo de armas estratégicas com os soviéticos, o impasse do apoio americano aos "contras". Pobre Reagan. Uma hora e meia antes, o número dois dele, sem nenhuma experiência anterior em Hollywood, roubou o *show* e garantiu o *filet-mignon* da atenção das mídias nos dias seguintes. O vice-presidente George Bush, que a imprensa americana acostumou-se a chamar de *whimp* (uma gíria para fracote, covarde), tentou, finalmente, virar a mesa, diante de 16 milhões de espectadores.

O *CBS Evening News*, o telejornal de maior audiência dos Estados Unidos, vinha, há meses, apresentando perfis dos candidatos a presidente. George Bush era o último cartucho, guardado para uma entrevista com o próprio Dan Rather, o *anchorman* do telejornal. Bush exigiu que a entrevista fosse ao vivo. A *CBS* avisou que ia rodar uma reportagem sobre o candidato e preveniu que o assunto central ia ser o escândalo Irã-contras. Ao assistir à matéria, sentado em seu escritório de Washington, o vice-presidente reclamou e avisou: "Se for assim, vocês vão ouvir falar do dia em que Rather saiu do ar".

Briga de galos - E foi assim mesmo. A entrevista começou e George Bush disse que estava ali para falar da candidatura e que não tinha sido prevenido sobre o tema central da conversa. Dan Rather revidou e, durante nove minutos, a América assistiu perplexa ao bate-boca entre o mais poderoso jornalista do país e o aspirante a mais poderoso chefe de estado ocidental.

Com a defasagem de áudio entre o estúdio de Nova Iorque e o escritório do vice-presidente em Washington, Rather e Bush falavam ao mesmo tempo e o confronto surpreendente foi reduzido a uma lamentável briga de galos. O conteúdo da entrevista se perdeu. Para o público, ficaram os arroubos de virilidade americana do vice-presidente e a ira do jornalista. O que ficou claro, pela enxurrada de telefonemas que inundou as estações de TV em todo país, é que os espectadores estavam perturbados pela quebra de etiqueta, em pleno horário nobre. No dia seguinte à entrevista, Dan Rather pediu licença aos espectadores para uma declaração pessoal. Disse que respeitava o vice-presidente e lamentou que, no calor da entrevista ao vivo, muita coisa se perca. Explicou ao público que nem sempre é possível ser cortês ao interromper um entrevistado e encerrar uma entrevista.

Crise de meia-idade - Os coleguinhas americanos de Rather saíram dando declarações a quem quisesse ouvir. Com exceção dos dois *anchormen* rivais, Tom Brokaw e Peter Jennings, que não comentaram, jornalistas da televisão disseram que Rather "tinha ido longe demais", tinha desrespeitado Bush e "parecia estar tendo uma crise de meia-idade, ao vivo". O mais celebrado entrevistador das três redes americanas, Ted Koppel, abriu o programa *Nightline*, da *ABC*, com um pequeno apelo ao bom-senso. Ele lembrou aos espectadores de que momentos como os do confronto Rather/Bush são rotina no *Nightline*. Na imprensa escrita acontecem o tempo todo e o público nem fica sabendo. A novidade era ter acontecido no *Evening News*.

Koppel tem razão. A agressividade não é característica dos telejornais americanos do horário nobre. Bush pode faturar a entrevista com Rather ou se tornar uma vítima dela, mas os três telejornais de rede devem continuar regidos pelos mesmos limites. O tempo é curto. O formato é, essencialmente, o de um serviço de manchetes. A artilharia celebrizada no estilo de programas de segmentos como *60 Minutes* (ainda hoje a maior audiência na área do jornalismo das redes) não cabe nos telejornais da hora do jantar. A ironia é que tanto Bush como Rather, segundo revelações posteriores, estavam ensaiando para o confronto.

O que os americanos viram no ar não foi uma peça histórica de jornalismo, mas uma ópera-bufa, que teria sido devidamente empacotada nas ilhas de edição, caso tivesse prevalecido a norma de que este tipo de entrevista é quase sempre pré-gravada. Quem assistiu ao confronto Bush/Rather pode testemunhar o que acontece quando a televisão erra na dose dos ingredientes de uma receita consagrada. →

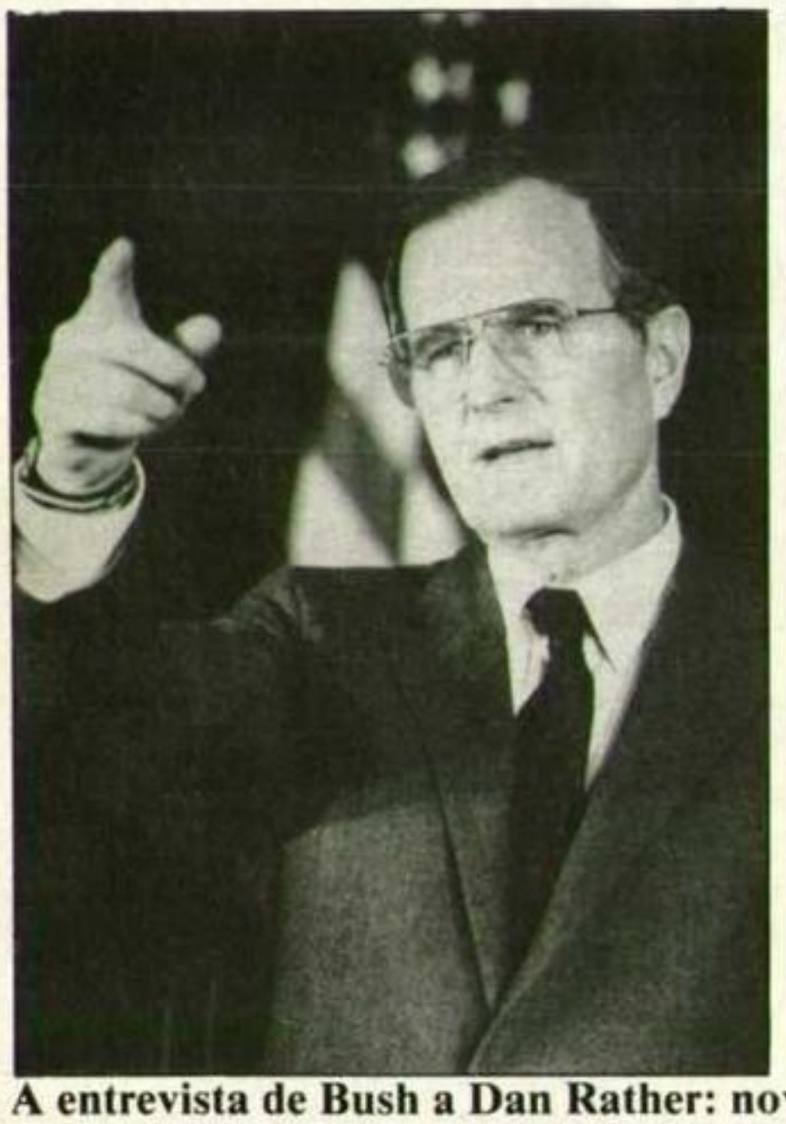
UM BANCO FORTE, POR DENTRO E POR FORA.

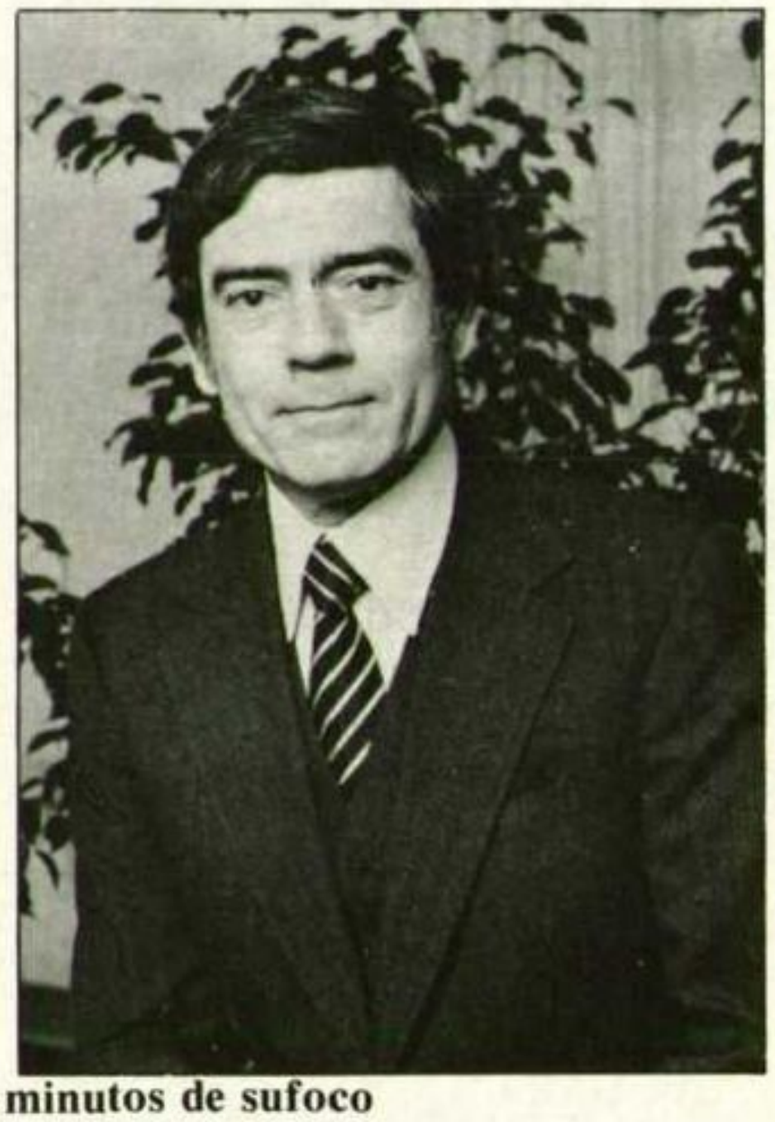


O Banespa participa dos momentos decisivos da economia há mais de 60 anos.
Financiando a agricultura, apoiando a indústria, ajudando a construir o desenvolvimento.
O Banespa é um dos maiores conglomerados financeiros da América Latina.
É o segundo banco brasileiro em volume de aplicações e um dos primeiros em número de clientes e volume de depósitos.
Mas o Banespa também é forte lá fora, apoiando o comércio exterior brasileiro através de suas 23 unidades nos principais centros financeiros do mundo.

Agora, você sabe onde o Banespa é o primeiro, o mais forte?
Na sua estrutura interna, com funcionários eficientes e dedicados que ajudam o Banco a fazer a história, crescendo com ele.
Garantindo a você um atendimento realmente personalizado.
É bom saber que o Banespa é forte.
Mas é melhor ainda ter você como cliente.

banespa





A entrevista de Bush a Dan Rather: nove minutos de sufoco

"Não respeito você esta noite"

A íntegra do combate George Bush X Dan Rather, um show *que a América não vai esquecer tão cedo*

Rather - Senhor Vice-Presidente, obrigado por estar conosco esta noite. Donald Gregg ainda é seu assessor de confiança, ele estava profundamente envolvido no envio de armas para os "contras" e não informou o senhor. Agora, quando o assessor de confiança do Presidente Reagan, Almirante Pointdexter, deixou de informá-lo, o presidente o despediu. Porque o Senhor Gregg ainda está na Casa Branca e ainda é assessor de confiança?

Bush - Porque eu tenho confiança nele e porque este assunto, Dan, como você e seus editores sabem, já foi examinado, no estudo dos dez milhões de dólares, pelo Senado e pela Câmara. Foi examinado pela Comissão Tower. O depoimento de Rodriguez, que você colocou aí, eu o considero simplesmente ultrajante, porque ele afirmou sob juramento que nunca falou comigo sobre os "contras". Ainda assim, esta reportagem que você está fazendo, que você me disse ou o seu pessoal disse - você tem um senhor Cohen que trabalha para você -, era para ser um perfil político. Agora, se isto é um perfil político para uma eleição, eu tenho uma opinião muito diferente do que deveria ser. Mas, Don Gregg trabalha para mim porque eu não acho que ele fez nada errado, e eu acho que se ele tivesse feito este exaustivo exame que passou pelo Senado e pela Câmara teria mostrado isto. E você impugnou a minha integridade, sugerindo num dos quadros aí que eu não disse a verdade sobre o Felix Rodriguez. Você não me acusou disso, mas você sugeriu. Outras pessoas estavam no encontro, inclusive o Senhor Nick Brady, e ele disse que a minha versão estava correta. Eu acho que isto é uma coisa refeita e um pouco - se você me permite - uma informação falsa da *CBS*, que disse que vocês estão fazendo perfis políticos de todos os candidatos a aí vocês aparecem com algo que já foi exaustivamente estudado.

R - Senhor Vice-Presidente, creio que o senhor concorda que, no momento, o assunto pode ser tratado de outra forma. Vamos falar sobre o registro. O senhor disse que nós apresentamos uma falsa versão sobre o senhor.

B - Sim.

R - Se nós distorcemos de alguma forma, aí está uma chance de deixar tudo claro.

B - Certo, vamos deixar tudo claro num ponto, porque você pressupôs, com aquela coisa pequena - eu tenho um monitor de TV aqui do lado -, que eu não disse a verdade. Agora, isto já foi examinado.

R - Quando nós afirmamos isto, Senhor Vice-Presidente?

B - Estava aqui neste quadro, onde você teve a idéia de que "Bush diz que ele não falou, não falou sobre os suprimentos para os "contras" com Felix Rodriguez". Felix Rodriguez testemunhou sob juramento. Ele fez isso em público e você podia ao menos ter mostrado um pequeno trecho dele dizendo "eu nunca contei ao vice-presidente sobre os 'contras'." Eu estou pedindo um tratamento justo e pensei que estivesse aqui para falar dos meus pontos de vista sobre educação e sobre como baixar o déficit.

R - Senhor Vice-Presidente, nós queremos falar com o senhor sobre este registro porque um terço dos republicanos nesta pesquisa, e um quarto das pessoas, o senhor sabe, acham que o senhor está escondendo alguma coisa.

B - Sabe o que eu estou escondendo? O que eu disse ao presidente. É a única coisa. E eu respondi a todas as perguntas que me foram colocadas. Agora, se você tem uma pergunta...

R - O senhor disse que, se tivesse sabido que isso era uma troca de armas por reféns, o senhor teria se oposto a isso. O senhor disse também que não sabia.

B - Posso responder?

R - Não foi uma pergunta, foi uma afirmação.

B - Foi uma afirmação e eu vou respondê-la.

R - Deixe-me fazer a pergunta primeiro, se eu puder.

B - O presidente criou este programa, como foi tornado público. E ele não pensou que eram armas por reféns.

R - Isto é o presidente, Senhor Vice-Presidente.

B - Eu vi o senhor Buckley, ouvi sobre o Senhor Buckley sendo torturado até a morte, depois reconhecido como membro da CIA. Então, se eu errei, eu errei tentando tirar aqueles reféns de lá e toda a história já foi contada ao Congresso.

R - Senhor Vice-Presidente, o senhor ditou as regras para esta declaração aqui. Eu não quis interrompê-lo, mas o senhor insistiu que isto fosse ao vivo e o senhor sabe que temos um tempo limitado.

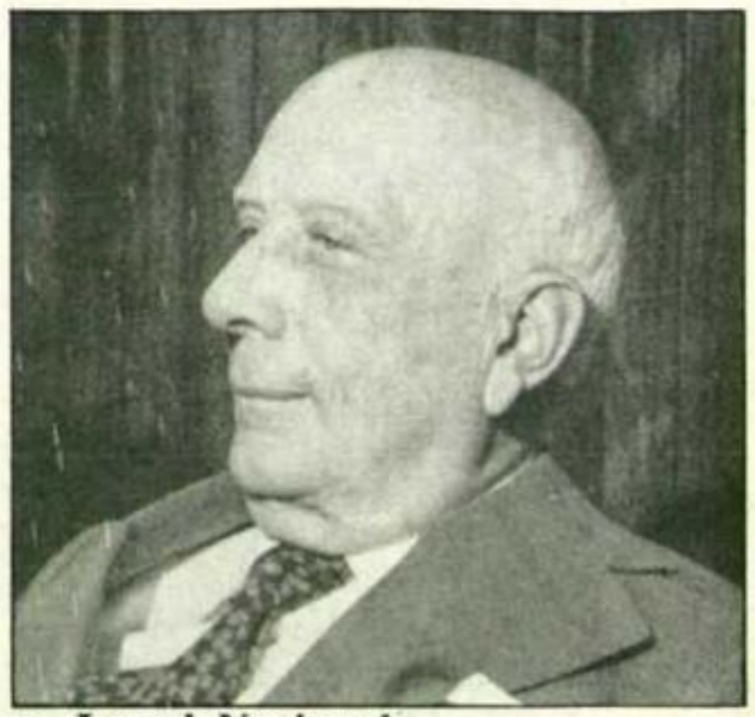
B - É por isso que eu quero garantir a minha parte aqui em algo diferente do que você quer falar.
R - O presidente falou por ele mesmo, eu estou pedindo ao senhor para falar por si mesmo, coisa que o senhor não tem querido fazer no passado. Se eu posso sugerir, isto é que tem levado as pessoas a dizer: "Ou George Bush foi irrelevante ou não foi efetivo. Ele disse que ficou fora da linha".
B - Posso explicar-lhe o fora da linha? Não foi nenhum papel operacional. Agora prossiga.
R - Agora o senhor disse que, se tivesse sabido que era troca de armas por reféns, teria se oposto. O senhor disse que só soube pela primeira vez em dezembro de 86...
B - Quando a coisa toda foi explicada a mim pelo senador Durrenberger. E a possibilidade da troca de armas por reféns era muito maior do que nós tinhamos imaginado.
R - Mas, Senhor Vice-Presidente, o senhor foi a Israel em julho de 86..
B - Sim.
R - E um membro da sua própria equipe, o Senhor Craig Fuller, verificou - e também o único outro homem lá, o Senhor Nir, Amiram Nir, que é o principal israelense no combate ao terrorismo... Os dois estavam numa reunião com o senhor e o Senhor Nir, não uma, mas três vezes, deixou implícito que isto era uma troca de armas por reféns.
B - O que eles estavam fazendo, leia o memorando.
R - Como o senhor pode conciliar o fato de que esteve lá, o Senhor Nir disse, em três ocasiões separadas, que era troca de armas por reféns e lhe disse que vocês estavam lidando com os elementos mais radicais do Irã, estavam lidando direto com Khomeini.
B - Eu fui informado sobre o que eles estavam fazendo e não sobre o que nós estávamos fazendo. Esta é a grande diferença e, Dan, eu expressei minha preocupação e minha reserva sobre aquilo, o que foi testemunhado sob juramento pelo Senhor Pointdexter. Foi confirmado que eu tinha reservas e disse a Don Regan.
R - O próprio presidente disse que quer todos os fatos relatados. Ele divulgou coisas como o próprio diário dele...
B - Ele não divulgou o diário...
R - Ele divulgou parte do diário.
B - Bem, Dan, vamos tomar cuidado aqui porque você está...
R - Sim senhor, eu quero ter cuidado, Senhor Vice-Presidente, porque o problema...
B - Eu vou ter cuidado, mas quero tirar meu lado fora disso.
R - O problema aqui é que o senhor repetidamente falou nas reuniões. O senhor falou numa reunião em que o secretário Shultz enfaticamente registrou as objeções dele. Então o senhor disse que nunca ouviu ninguém expressar objeções.
B - Eu já ouvi George Shultz ser enfático e eu estava lá. Se ele fosse enfático naquela reunião, eu teria me lembrado. Eu não me lembro.
R - Como o senhor pode explicar que não consegue se lembrar, e as outras pessoas que estiveram na reunião disseram que ele estava apoplético.
B - Talvez eu não estivesse lá naquele momento.
R - O senhor não estava? O senhor não estava na reunião?
B - Eu não estou sugerindo isto. Estou só dizendo que não me lembro.
R - Eu não quero estimular discussão, Senhor Vice-Presidente.
B - É o que você faz, Dan (riso). Esta não é uma grande noite, porque eu quero falar com você sobre por que eu quero ser presidente, porque aqueles 41% estão me apoiando e...
R - Senhor Vice-Presidente, estas perguntas...
B - Eu não acho que é justo julgar toda uma carreira por uma remontagem do Irã. Você gostaria que eu julgasse sua carreira por aqueles sete minutos em que você abandonou o estúdio em Nova Iorque? Você gostaria?
R - Senhor Vice-Presidente...
B - Eu respeito você, mas não respeito o que você está fazendo aqui esta noite.
R - Senhor Vice-Presidente, acho que o senhor concorda, as suas qualificações para presidente e o tipo de liderança que o senhor vai trazer para o país, que tipo de governo o senhor ia... o tipo de gente que o senhor ia ter por perto é muito mais importante do que o assunto ao qual o senhor se referiu.
B - Bem, eu só estou querendo ser julgado por tudo.
R - Bem, e eu estou tentando deixar tudo claro.
B - E você não está me dando a oportunidade. Você me convidou para vir aqui para falar, eu pensei, sobre tudo.
R - Eu quero falar com o senhor sobre tudo e o senhor se sentou numa reunião com George Shultz.
B - Sim.
R - Ele ficou apoplético quando descobriu que vocês...
B - Ele não ficou apoplético. Pergunte ao Don Regan.
R - ...e o presidente estavam envolvidos no envio de mísseis para o aiatolá do Irã. O senhor pode explicar agora. O senhor era, supostamente o senhor é, um especialista em antiterrorismo. O Irã era um estado oficialmente terrorista, o senhor foi adiante dizendo...
B - Eu já expliquei isso. Eu queria aqueles reféns, eu queria o Senhor Buckley fora de lá...
R - Senhor Vice-Presidente, o senhor nos fez parecer hipócritas diante do mundo. Como pode assinar embaixo de uma iniciativa dessas? E a pergunta é: o que isto representa no seu currículo?
B - ...antes que ele fosse assassinado e ele foi assassinado. O quê? Do mesmo modo que o presidente assinou. Pelo mesmo motivo que o presidente assinou embaixo. Quando um agente da CIA está sendo torturado até a morte, talvez você erre do lado da vida humana. Mas todo mundo admitiu erros, eu admiti erros e você quer insistir neles. Eu quero falar sobre os valores em que acredito, a experiência e a integridade que vem com tudo isso, e o que eu vou fazer com educação, e você está... Não há nada novo aqui. Eu pensei que isto fosse um programa de notícias.
R - Bem, eu esperava, Senhor Vice-Presidente, que o senhor nos contasse a quem expressou suas reservas.
B - Sim, eu fiz isso.
R - Quais eram as reservas?
B - Reservas sobre ter o controle das operações nas mãos de um poder estrangeiro. Don Reagan afirmou outro dia e eu não ouvi uma palavra sobre isso na *CBS*, que o vice-presidente, na presença do presidente, deixou clara a sua preocupação sobre a operação encoberta sendo destruída e sobre as pessoas com que você está lidando, pondo a vida delas em risco...
R - E o senhor não estava preocupado em mandar mísseis para o aiatolá Khomeini?
B - ... e eu senti isso em toda a operação encoberta. O presidente explicou isso. O comitê estudou isso e então não há nada de novo.
R - Senhor Vice-Presidente, agradeço o senhor estar conosco esta noite. Agradeço a determinação com que o senhor sustentou esta troca de palavras. Existem, claramente, perguntas sem resposta. O senhor se dispõe a dar uma coletiva antes das primárias de Iowa, responder a perguntas de todos?
B - Eu estive em 86 coletivas desde março, 86 delas desde março...
R - Entendo que a resposta é não. Muito obrigado por estar conosco, Senhor Vice-Presidente. Nós voltaremos com mais notícias daqui a pouco. →

Uma imagem que o Brasil nunca assistiu

Só uma Imprensa forte pode falar grosso com os donos do poder

por José Meirelles Passos





Imagine Cid Moreira apertando Ulysses no *Jornal Nacional*...

Alguém pode imaginar um bate-boca ao vivo entre Cid Moreira e, digamos, Ulysses Guimarães, em meio ao noticiário do *Jornal Nacional*? É difícil visualizar uma situação dessas. Primeiro, porque no Brasil raramente um *anchorman* - o apresentador de um jornal - tem a liberdade, o direito ou a capacidade de fazer perguntas. Com raras exceções, como, por exemplo, a de Carlos Monforte, que comanda o *Bom Dia Brasil* na *TV Globo*, esses profissionais são locutores e pouco entendem do ramo da notícia, a não ser a sua leitura.

E, em segundo lugar, não existe o saudável hábito na televisão brasileira de se fazer as perguntas devidas no momento certo. Parece haver quase um consenso de não bombardear o entrevistado com perguntas incômodas. Por tudo isso, talvez seja difícil para o telespectador brasileiro ter a exata medida do que aconteceu na entrevista de George Bush e Dan Rather.

Considere-se, em primeiro lugar, que a principal ferramenta exigida de um *anchorman* nos Estados Unidos não é o rosto bonito ou uma voz de locutor. Exige-se conhecimento de causa: é preciso ser de fato um jornalista. Além de apresentador do telejornal, Rather é seu editor-executivo. Ele não só escreve determinados segmentos do noticiário como reescreve partes do texto que os demais redatores preparam para que ele leia ao país todas as noites.

Dura discussão - Leve-se em conta, ainda, que Dan Rather tem uma longa ficha de serviços prestados ao jornalismo. Depois de passar pela redação de pequenos jornais e de uma rádio do interior do Texas, ele chegou à *CBS*, que o manteve alguns anos como correspondente em Londres, em Saigon (durante a Guerra do Vietnã) e em Washington, cobrindo a Casa Branca na época do presidente Richard Nixon. Antes da dura discussão com George Bush, Dan Rather já se tornara nacionalmente conhecido por um diálogo com Nixon, diante das câmeras, que se tornou célebre.

Durante a abertura da convenção anual da Associação Nacional das Emissoras de Televisão, em março de 1974, quando o caso *Watergate* já minava a administração Nixon, Rather levantou-se para fazer uma pergunta ao presidente - convidado de honra da solenidade. A platéia, formada basicamente por executivos de TV, dividiu-se, saudando Rather com aplausos e vaias ao mesmo tempo. Nixon, que sabidamente detestava o jornalista, que o fustigava seguidamente durante as entrevistas na Casa Branca, aproveitou a deixa para perguntar em meio ao alarido: "Você é candidato a alguma coisa, Rather?" E o jornalista rebateu: "Não, senhor presidente. E você?."

Consciência democrática - Na entrevista com Bush, Dan Rather fez as perguntas que devia fazer: qual fora o envolvimento do vice-presidente na venda ilegal de armas ao Irã e o desvio de parte do dinheiro dessa transação para os "contras" na Nicarágua? Até onde, pelo menos, o vice-presidente sabia dessa história? Alguém no Brasil perguntaria diretamente ao general João Batista Figueiredo, ao vivo, anos atrás, o que ele sabia sobre a bomba do Riocentro? A diferença é de estilo ou de brio profissional?

A resposta talvez seja uma terceira alternativa: a diferença parece ser de consciência democrática. Os políticos falam em democracia, mas nem todos gostam de vê-la em pleno exercício. Os jornalistas brasileiros muitas vezes têm o ímpeto de fazer as perguntas devidas, mas acabam ficando nisso, por temor à censura de seus superiores e, ao mesmo tempo, ao poder de retaliação de alguns entrevistados. Como se sabe, um político ou empresário com boas conexões sempre acaba pedindo a cabeça de um repórter que faça perguntas embaraçosas.

Os americanos estão acostumados com as perguntas secas e diretas dos repórteres de televisão. E qualquer entrevistado sabe que, ao se submeter a um diálogo desse tipo, deve estar preparado para o pior. Os jornalistas, no geral, colocam seu dedo diretamente sobre a ferida. "É isso o que público espera de nós", disse Ted Koppel a **IMPRENSA.** "Não estamos aqui para matar o tempo, ou para fazer média com quem quer que seja. Nosso trabalho é fazer perguntas, e há que afiá-las cada vez mais. O papel dos entrevistados, especialmente em se tratando de políticos, é o de respondê-las da melhor maneira possível. O nosso é colocá-los contra a parede para extrair a verdade".

Estilo tenso - A polêmica criada com o áspero debate entre Bush e Rather, no fundo, não girou em torno da intervenção do jornalista, e sim de suas maneiras. Ninguém duvidou, ou queixou-se, do fato de Dan Rather colocar a questão no ar: afinal, ele fez as perguntas que a maioria dos americanos gostaria de fazer a George Bush. O próprio Rather reconhece que seu estilo é mais tenso e emocional que o de seus colegas. Mas alega em sua defesa: "Fui treinado para fazer perguntas e para perguntar de novo até que elas sejam respondidas. Ou então para que pelo menos fique claramente demonstrado que elas não serão respondidas. Não cresci como repórter acreditando que minha meta fosse a de ser popular..."

Assentada a poeira do debate, sobrou algo que certamente continuará incomodando George Bush, ao longo de sua campanha eleitoral: a certeza de que ele não responde às perguntas. X

Nordeste na pauta dá prêmio!



REGULAMENTO

1 — DO CONCURSO

1.1 — O Prêmio BNB de Imprensa será atribuído pelo Banco do Nordeste do Brasil S.A. ao autor da melhor reportagem sobre tema de interesse do desenvolvimento nordestino, em seus aspectos econômicos, culturais, políticos, científicos e sociais;

1.2 — Dentro desse enfoque, podem concorrer trabalhos de jornalistas profissionais relacionados com saúde, educação, política agrícola e desenvolvimento rural, urbanismo, industrialização, quaisquer outros, desde que digam respeito ao Nordeste ou a parte dessa Região;

1.3 — A reportagem deverá apresentar, a critério dos responsáveis pelo julgamento, efetiva contribuição para o entendimento da problemática regional;

1.4 — A reportagem poderá ser publicada em periódicos de qualquer parte do País;

1.5 — Em cada ano será considerado o período de 1º de abril do exercício anterior a 31 de março do ano em curso, para a publicação da reportagem;

1.6 — Estão excluídos de participação os trabalhos divulgados exclusivamente em periódicos de órgãos governamentais e assemelhados, em jornais de empresas, de circulação interna, bem assim os trabalhos premiados em concursos anteriores.

2 — DO PRÊMIO

2.1 — Ao trabalho classificado em primeiro lugar será conferido prêmio líquido em dinheiro correspondente a 190 OTNs (Obrigações do Tesouro Nacional).

2.2 — Em caso de co-autoria, o Prêmio será rateado em partes iguais;

2.3 — O Banco conferirá ao autor (ou autores) diploma alusivo à premiação.

3 — DAS INSCRIÇÕES

3.1 — Os autores interessados podem inscrever, pessoalmente ou através do Correio, até 30 de abril, seus trabalhos no Gabinete da Presidência do BNB — Coordenadoria de Divulgação e Promoção (Praça Murillo Borges, 1 — 60.000 — Fortaleza-Ce.);

3.2 — As matérias jornalísticas publicadas sem assinaturas, para fins de inscrição, devem estar acompanhadas de declaração de autoria fornecida pelo editor ou pela direção do veículo;

3.3 — Os trabalhos devem ser entregues ou encaminhados em 5 (cinco) cópias das páginas do periódico em que a matéria foi publicada mencionando nome do veículo, data, local da publicação e nome do(s) autor(es).

4 — DA SELEÇÃO E JULGAMENTO

4.1 — A seleção da melhor reportagem será feita por Comissão Julgadora designada pela Diretoria do Banco do Nordeste do Brasil S.A., a qual se encarregará de apontar o vencedor dentre os trabalhos inscritos;

4.2 — Para efeito de indicação e julgamento serão considerados, dentre outros critérios:

a) a relevância do assunto abordado;
b) o nível de pesquisa demonstrado;
c) o caráter jornalístico da matéria; e
d) a circulação do órgão onde o trabalho foi publicado.

4.3 — Constituirão um único trabalho, para efeito deste Regulamento, as reportagens publicadas em série, numeradas ou não, mas divulgadas cronologicamente.

5 — DA ENTREGA DO PRÊMIO

5.1 — O Prêmio será entregue no dia 19 de julho de cada ano, em Fortaleza, durante solenidade comemorativa do aniversário do Banco do Nordeste;

5.2 — Caberá ao Banco do Nordeste custear as despesas com o deslocamento e hospedagem do(s) autor(es), no caso de residir(em) fora de Fortaleza.

6 — DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

6.1 — A aceitação do Prêmio BNB de Imprensa implica o acatamento pleno por parte do(s) autor(es) do trabalho selecionado de todas as condições estabelecidas neste Regulamento;

6.2 — O Banco se reserva o direito de publicar ou não o trabalho premiado, a seu critério, em forma de livro, monografia, coletânea ou em revistas, sem que isso acarrete o pagamento de direitos autorais;

6.3 — No caso de o veículo de comunicação deter direitos autorais sobre o trabalho publicado, e este venha a ser selecionado, seus autores deverão entregar ao Banco, logo após a divulgação do resultado do Prêmio, declaração da empresa jornalística que o divulgou, permitindo ao BNB a publicação da matéria, sem ônus adicionais, além dos custos normais de impressão e distribuição;

6.4 — Os funcionários do BNB, que exercem também função de jornalista, estão impossibilitados de concorrer ao Prêmio;

6.5 — Se os trabalhos concorrentes não apresentarem, a critério da Comissão Julgadora, nível de qualidade mínima aceitável, o Prêmio BNB de Imprensa deixará de ser atribuído;

6.6 — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora do Prêmio BNB de Imprensa.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

190 OTNs

Prêmio BNB de Imprensa/1988



Nova York / Paris

De barba raspada

Os porta-vozes da contracultura dão adeus aos velhos ideais, viram yuppies *e descobrem o lucro*

por Lúcia Guimarães e Milton Blay

Num dos programas de humor mais populares da TV americana, *Family Ties*, o pai é um democrata liberal barbudo e o filho recém-formado aparece sempre de terno e gravata, tentando convencer os outros membros da família a ganhar dinheiro. O programa satiriza a completa inversão de valores dos últimos 15 anos, que varreu do mapa o radicalismo contestatório dos *hippies* e trouxe o bom-mocismo conformista dos *yuppies*. Entre pai e filho, porém, há um denominador comum: a antiga imprensa *underground*, antes pobre e aguerrida, hoje milionária e acomodada.

A dimensão das mudanças nesse setor da Imprensa pode ser obtida com um pequeno teste. Em qual destas duas revistas os candidatos a emprego podem ser submetidos a um exame de urina para comprovar que não consomem drogas: a conservadora *New Republic*, bastião da direita pernóstica de Washington, ou *Rolling Stone*, que prometeu ser o termômetro das mudanças trazidas pela cultura do *rock and roll*? Acertou quem escolheu a última. *Rolling Stone* endossa a política de testar funcionários, ferramenta na cruzada antidroga. Essa espantosa guinada, entretanto, não é privilégio americano. Do outro lado do Atlântico, na França, o extablóide maoísta *Libération* converteu-se num convicto empreendimento capitalista. E a virulenta revista *Actuel*, se não desvestiu totalmente a camiseta que usava nas velhas passeatas estudantis, abandonou a provocação "gratuita" e "amadureceu".

Mudanças do rock - Dos três antigos porta-vozes da contracultura, *Rolling Stone* é a mais velha. Surgiu em novembro de 1967, em São Francisco, por idéia de um repórter de 21 anos, Jann Wenner, que tomou emprestado da sogra 7.500 dólares para as despesas iniciais. O primeiro número, que trazia uma foto de John Lennon em preto e branco na capa, saiu com 40 mil exemplares e vendeu apenas cinco mil. Na "Carta do Editor", Wenner prometia refletir não apenas as mudanças do *rock*, mas as mudanças relacionadas com o *rock*. Atacava a grande Imprensa e as revistas de fãs, do tipo *People*, que só fala de gente famosa.

Dezoito anos depois, em 1985, o mesmo Wenner pagou 28 milhões de dólares pela compra de metade da revista *Us*, principal concorrente de *People*. Ele continua à frente de *Rolling Stone*, convertida numa empresa poderosa com sede na Quinta Avenida, em Nova York, e avaliada em 100 milhões de dólares. Engana-se quem pensar que Wenner tenta ainda manter qualquer pose de "alternativo". Ele é assumidamente um *bigshot* do mercado editorial americano. "Eu nunca acreditei na contracultura, nunca usei essa palavra", disse com todas as letras no vigésimo aniversário da revista. Uma posição confirmada por Abe Peck, seu exredator, que diz que *Rolling Stone* sempre foi "gentilmente" *anti-establishment*. No máximo.

Pedras rolando - Mas não era assim que a via o público nos anos 60. A revista nasceu quando a música *pop* explodia junto com o resto da sociedade americana, os negros, as mulheres, as drogas, a Guerra do Vietnã. Era quase um estandarte da contracultura. Passaram por ela alguns expoentes do chamado "Novo Jornalismo", como Tom Wolfe, que publicou ali uma famosa série de reportagens sobre a vida dos astronautas, depois convertida em filme de sucesso: *The Right Stuff* ("Os Eleitos"). *Rolling Stone* também fez polêmica com grandes reportagens investigativas, como a série sobre Karen Silkwood, que morreu misteriosamente depois de denunciar irregularidades numa usina nuclear. Publicou bate-bocas famosos, como o de janeiro de 1975, entre Norman Mailer e Truman Capote. E mostrou trabalhos de grandes fotógrafos, como Richard Avedon e Annie Leibovitz.

Nesses 20 anos, muitas águas (ou pedras) rolaram. *Rolling Stone* começou como uma revista de *rock*, evoluiu para o jornalismo político livre das amarras de Washington e se volta, hoje, mais para a música, enfrentando a competição ferrenha da MTV e seus videoclipes. A revista tem atualmente cerca de 100 páginas, com mais da metade de anúncios. Circula com 1,1 milhão de exemplares e tem sete milhões de leitores. Sua estrela máxima continua sendo Jann Wenner, um incorrigível admirador de celebridades que em 1984 estreou no cinema fazendo o papel dele mesmo no filme *Perfect*, com John Travolta. Wenner é tido como um gênio da indústria, capaz de seguir com precisão o ritmo dos leitores americanos. Agora, está lançando a edição francesa (já fracassaram outras edições estrangeiras). →

O estilo Andrade Gutierrez

Nós estamos na selva, no meio do mar, debaixo da terra, nas ruas, no campo. Dentro e fora do país. Trabalhando, inovando, construindo.



Tem sido assim desde o primeiro dia: cada obra é vista como uma oportunidade para nossa empresa demonstrar eficiência, versatilidade, capacidade e inovação.

Por isso, pudemos conviver com todo tipo de desafios e vencê-los, nas mais diversas situações, seja nas regiões áridas, a beira-mar, na selva amazônica, nas montanhas ou nos centros urbanos.

Na verdade, aprendemos com o País e crescemos com ele, participando dos momentos mais importantes do desenvolvimento brasileiro.

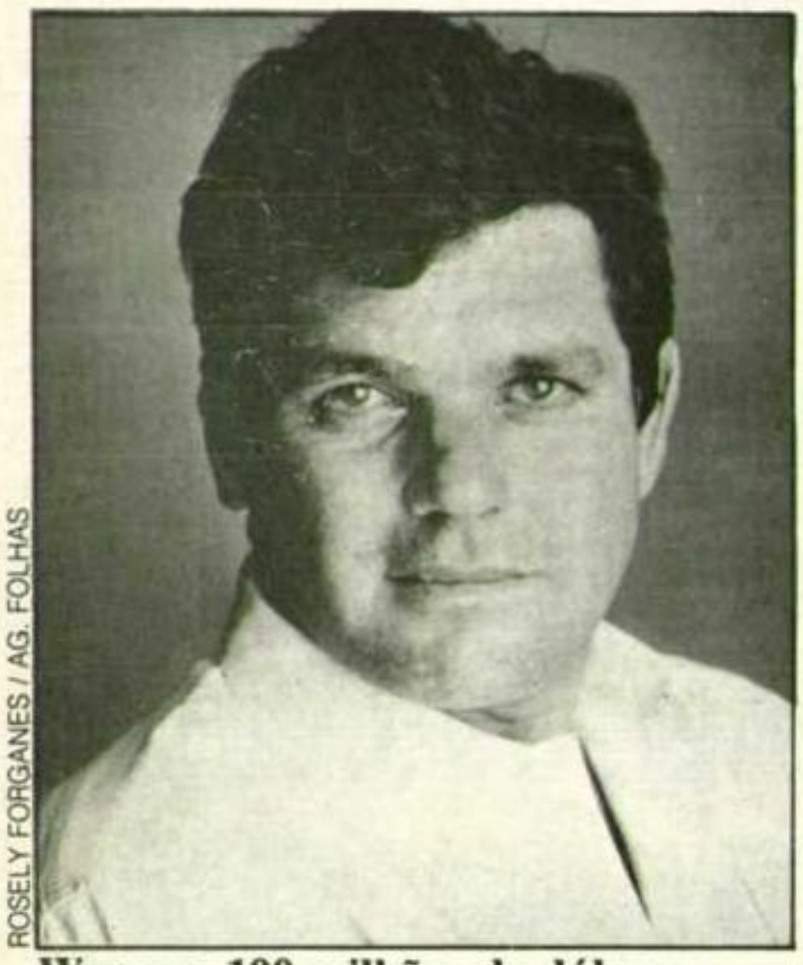
A experiência que adquirimos nos credenciou a atuar também no Exterior, revelando o talento dos técnicos e operários brasileiros, bem como a capacidade da engenharia nacional.

É com trabalho e técnica que construímos uma grande empresa brasileira. Este é o nosso estilo.

AG ANDRADE GUTIERREZ

Tecnologia e humanismo para a construção de um novo mundo.

Hoje



ROSELY FORGANES / AG. FOLHAS

Wenner: 100 milhões de dólares



DIVULGAÇÃO

July: a ordem é ser moderno

Underground gaulês - Por falta de companhia com a mesma trajetória, *Rolling Stone* não vai se sentir só em Paris. O criador e diretor de *Actuel*, Jean-François Bizot, estava nos Estados Unidos quando fervilhava a contracultura e certamente bebeu muito na fonte de *Rolling Stone*. De volta à França, criou, em outubro de 1970, com uma equipe de dez pessoas, a bíblia do *underground* gaulês. *Actuel* logo se destacou pelo estilo - fotos violentas, colagens, linguagem desabusada, quadrinhos de Robert Crumb - e pelos temas - a vida comunitária contra a família, a ecologia, a libertação do corpo e da moral, a droga, o *rock*.

A fórmula agradou e as vendas cresceram, atingindo 60 mil exemplares. Com pouquíssima publicidade, quem mantinha a revista era a banca, e, assim mesmo, o aperto era enorme. Os redatores, por exemplo, ganhavam 2 mil francos, o correspondente ao salário mínimo. Mas, em outubro de 1975, quando a revista estava no auge da popularidade, a redação decidiu parar para pensar. "A maior parte de nossos temas foram integrados, digeridos progressivamente pela sociedade", explicou Jean-François Bizot, reconhecendo que ele e sua equipe tinham envelhecido, abandonando certas utopias.

Congelamento do corpo - Em outubro de 1979, *Actuel* volta à cena. Agora, vê o mundo do alto do 7.° andar de um imóvel burguês da Rue Reaumur, no centro de Paris, a alguns passos do teatro municipal. A revista transforma-se num produto de luxo, fotocomposto em quatro cores sobre papel glacê. O tom também é outro: abandona a postura "ideológica", mas continua a investigar o insólito, o bizarro. Assim, por exemplo, o primeiro número da nova fase publica um longo artigo sobre a imortalidade por congelamento do corpo. E o centésimo, recém-lançado, traz como personagem de capa o pênis, com a iconografia correspondente. Mais uma revista de reflexão do que de contestação, *Actuel* é hoje um produto elegante, assemelhado à nossa finada *Realidade*. Continua uma publicação aberta, onde se fala de tudo. Até mesmo de dinheiro.

Ganhar dinheiro, aliás, era algo absolutamente fora dos planos dos *gauchistas*, filhos espirituais de maio de 1968, que no dia 23 de maio de 1973 distribuíram pela primeira vez um tablóide de oito páginas, de linguagem e moral livres de qualquer compromisso, a não ser o de construir a Revolução. Era o *Libération*, apadrinhado por Jean-Paul Sartre, que ajudava pessoalmente na distribuição nas portas de fábricas, sindicatos, escolas e universidades, envergando seus óculos escuros e a indefectível capa impermeável *à la* Humphrey Bogart.

Espetáculos marginais - O jornal nascia sem qualquer ajuda, nem publicidade, nem crédito bancário. Os jornalistas eram todos voluntários, a tiragem não atingia 10 mil exemplares e a periodicidade era aleatória. Dois anos depois, o *Libé* (o apelido surgiu logo) criava seu primeiro suplemento semanal, consagrado exclusivamente aos espetáculos marginais. Nessa época, a situação financeira era melhor, mas todos os jornalistas ganhavam o salário mínimo, sem exceção, como forma de manter a horizontalidade das relações internas.

O jornal ficava no número 27 da Rue de Lorraine, a trezentos metros do canal de Saint Martin, num espaço de duzentos metros quadrados. A redação era no andar térreo, e a administração, no primeiro. Acreditava-se que a exigüidade da sala de redação favorecia a democracia dentro do jornal e todos participavam de todas as decisões. Ao longo desses primeiros anos, o *Libé* consolidou-se como um defensor das minorias e das causas malditas, comprando briga até mesmo com o porta-voz do Partido Comunista Francês, *L'Humanité*. "O *Libération*", escreveu o adversário em novembro de 1979, "prossegue sua empresa de desmoralização da juventude, elogiando o comportamento de uma minoria que faz da droga, da delinqüência e da passividade face à crise as 'armas de combate' irrisórias e trágicas, pois não levam a nada, a não ser a autodestruição".

Liberal de esquerda - A virada editorial começa em fevereiro de 1981, quando o *Libération* propõe a seus leitores uma nova fórmula, abandonando o doutrinarismo, utilizando técnicas das revistas semanais e reforçando seu caráter informativo. Pela primeira vez, profissionaliza a redação, cria hierarquia e organograma definidos, paga os jornalistas segundo seu mérito e vai buscar profissionais nas agências de notícias. A palavra de ordem agora é "ser moderno", e o comandante-em-chefe é Serge July, ex-militante estudantil de 68 convertido em liberal de esquerda.

Hoje o *Libé* circula com 56 páginas, vende 168 mil exemplares e enfrenta problemas inconcebíveis para Sartre e seus rapazes, como um déficit da ordem de 15 bilhões de francos. O tigre de papel maoísta transforma-se no tubarão capitalista. Como seus congêneres dos dois lados do oceano, ele está muito mais interessado em abocanhar lucros do que morder consciências - bem ao estilo dos anos 80. Mas, afinal, haverá mesmo algo de errado nisso? Jay Walljasper, editor da *UTNE Reader*, uma das principais publicações alternativas americanas, faz uma defesa de sua conterrânea *Rolling Stone*.

"Eles ainda publicam reportagens originais, que não se vêem na maioria dos órgãos da grande imprensa", diz. "E, além disso, o que está acontecendo de excepcional, em matéria de jornalismo, nos anos 80? Nada." X

MEIA PALAVRA NÃO BASTA.



Nem palavras demais, nem palavras de menos. Assim é o **Novo Diário de Minas.** Feito pra gente que gosta de ler e de formar suas próprias opiniões. Pessoas que geralmente lêem mais que um ou dois bons jornais, diariamente. **O Novo DM** sabe que acrescentar é o mais difícil. E que na constante busca da informação, você sempre vai querer o melhor. Experimente ler o **Novo DM.** Simplicidade com profundidade. Objetividade na busca dos fatos. Realidade sem sensacionalismo. **O Novo DM** é denso, com conteúdo e personalidade. **Um jornal** onde vai ser impossível você apenas passar os olhos.

Nasce em Belo Horizonte um jornal de primeira linha.

DM
O NOVO DIÁRIO DE MINAS

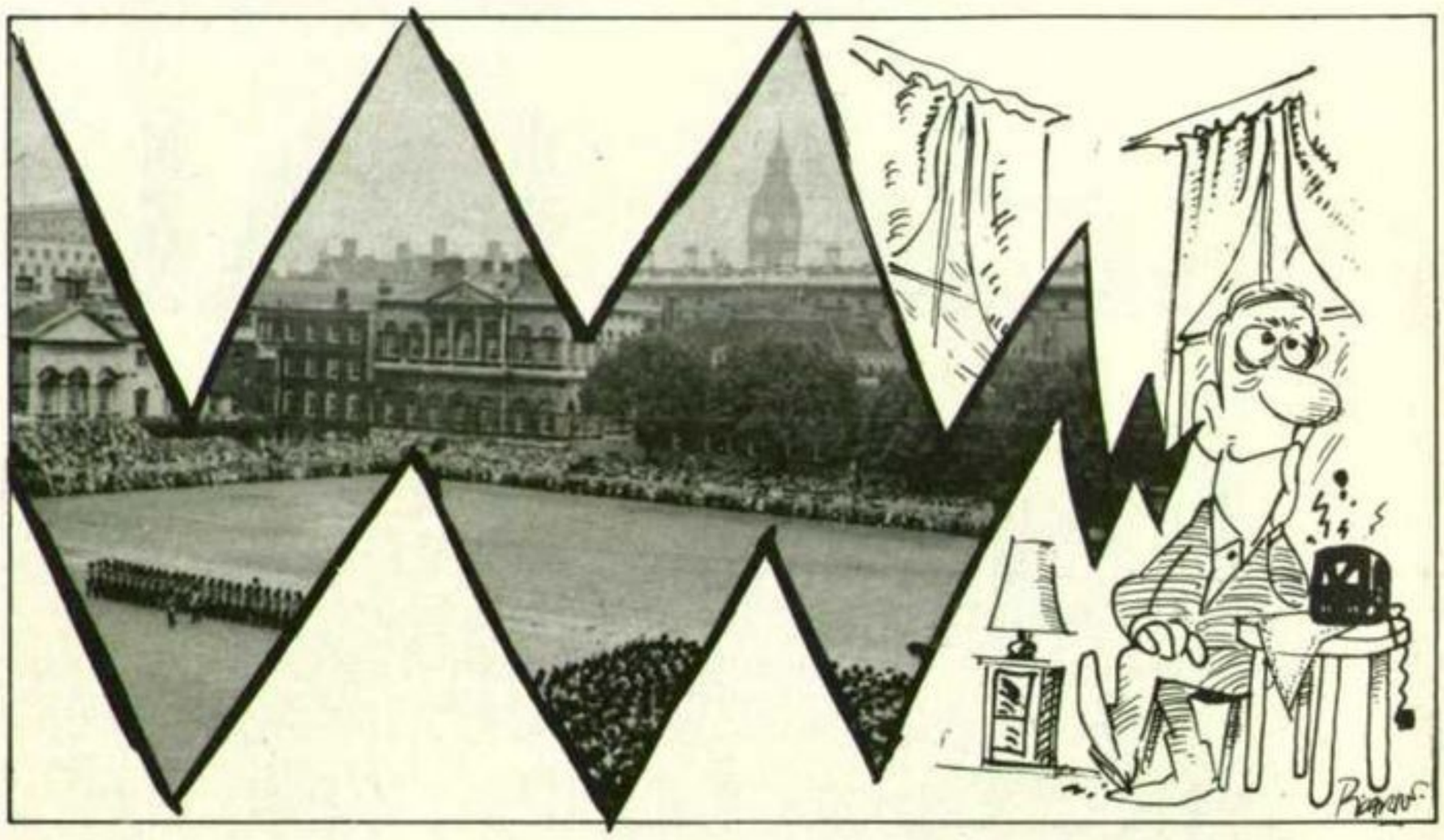
Rua Aimorés, 2182
Lourdes
Tel.: (031) 275-2988
Belo Horizonte - MG

Londres

De Vargas a Sarney, em ondas curtas

Ao completar 50 anos, o serviço brasileiro da BBC *ensaia mudanças*

por Oscar Pilagallo Filho



Em março de 1938, o Brasil vivia os primeiros momentos da ditadura Vargas. Os partidos políticos haviam sido fechados por decreto, em dezembro do ano anterior, e a censura à Imprensa começava a se intensificar, embora o *DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda)* só viesse a ser criado no ano seguinte. Foi nesse contexto que, no dia 14, algumas pessoas sintonizaram seus rádios na faixa de ondas curtas e ouviram a primeira transmissão do serviço brasileiro da *BBC (British Broadcasting Corporation)* de Londres. Durante o Estado Novo e, mais tarde, no auge da ditadura militar, a *BBC* se tornou uma das raras fontes de informação confiáveis no Brasil, por estar fora do alcance da censura.

Em março de 1988, ao completar 50 anos, a *BBC* não é mais imprescindível ao Brasil. É apenas mais uma fonte de informação que precisa disputar sua parcela da audiência nacional. Afinal, o Brasil mudou e a *BBC* se adaptou. O estilo grave e solene pontuado pelas badaladas do Big Ben cedeu lugar a uma programação mais ágil e informal. O Big Ben continua dando a hora, mas não o tom.

É difícil saber se essa estratégia está dando certo. "Um dos nossos maiores problemas é que estamos longe do nosso público e não temos os recursos para publicidade ou para pesquisas detalhadas de audiência", diz Mick Delap, responsável pela programação do serviço brasileiro da *BBC*. O termômetro possível é o contato com os ouvintes. Delap, que esteve no Brasil em novembro, acha que está no caminho certo. "Os ouvintes estão satisfeitos não apenas com a qualidade da informação mas com o tipo da informação, hoje concentrada no noticiário britânico e internacional", garante. A *BBC,* naturalmente, tem mais condições do que as rádios brasileiras para cobrir a Inglaterra e as mais importantes regiões do mundo, com o apoio de uma rede de dezenas de correspondentes e colaboradores e de uma central de notícias onde 120 jornalistas se revezam 24 horas por dia. "Muitos ouvintes preferem as análises mais aprofundadas que apresentamos ao noticiário ligeiro das rádios comerciais do Brasil", afirma Delap.

Programas baratos - Essa certeza define os limites das mudanças na *BBC*. "Seria um erro tentarmos imitar o estilo das rádios brasileiras, até porque não poderíamos competir com elas", diz. O novo estilo é uma das pontas-de-lança da estratégia da *BBC* para manter-se ouvida no Brasil. A outra é a diversificação. Os recursos estão sendo cada vez mais empregados na produção de programas que são colocados à disposição das rádios brasileiras, um esforço que será intensificado nos próximos dois anos.

Desde outubro do ano passado as rádios podem ter acesso, pelo custo de um simples telefonema, a boletins de cinco minutos enviados todas as manhãs de Londres. Além disso, os programas da *BBC*, depois de transmitidos, são enviados na forma de disco ou fita cassete a estações que podem retransmiti-los sem ônus. Mais de 300 emissoras usam regularmente os programas produzidos pela *BBC*. "O número é alto", diz Mick Delap, "mas o potencial é muito maior".

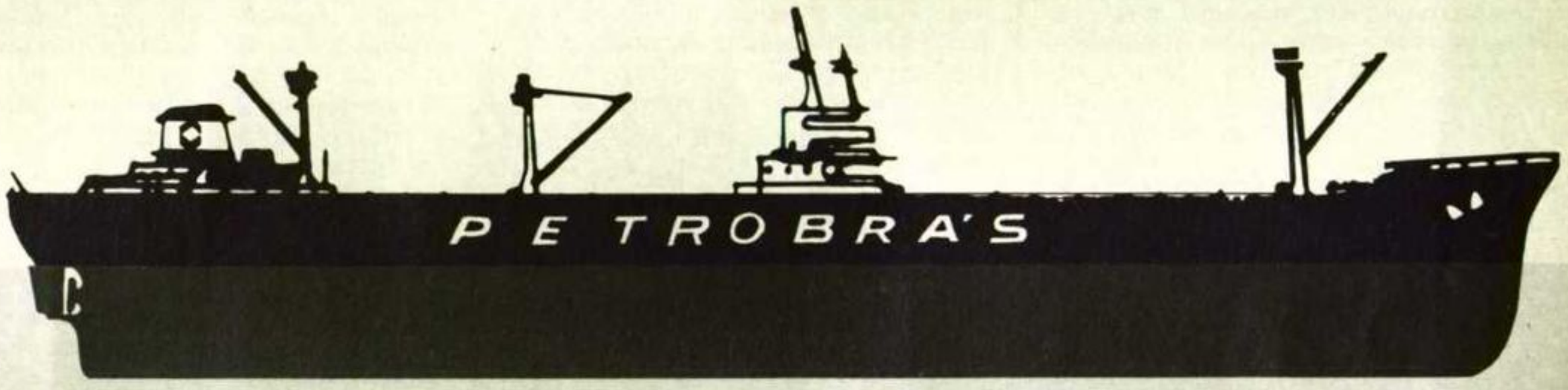
Em breve o Brasil deverá se tornar o país com o maior número de estações de rádio no mundo, ultrapassando a marca das três mil e tirando o primeiro lugar dos Estados Unidos. Delap reconhece que, quanto maior for a competição, mais difícil será a situação das emissoras de ondas curtas. Mas, no caso da *BBC*, mais concorrência significa também mais mercado para a distribuição de programas.

Essa relação peculiar com a concorrência diz muito sobre a natureza dos serviços externos da *BBC*, dos quais o serviço brasileiro faz parte. A *BBC* transmite em 37 línguas, orientada pelo conceito da "diplomacia cultural" e financiada pelo Ministério das Relações Exteriores, que este ano fixou sua verba em torno de 100 milhões de libras (das quais apenas 300 mil foram para a seção brasileira). Consta do estatuto da *BBC* que os serviços externos precisam se pautar a partir da prioridade do "interesse nacional". Apesar disso, não há propaganda política na programação da emissora, algo pouco comum nas faixas de ondas curtas. A independência editorial pode ser objeto de pressões, mas não é retórica vazia. Em 1982, por exemplo, durante a guerra entre Inglaterra e Argentina, a *BBC* foi criticada pelo governo por prestar um "desserviço" ao país, mas isso não a impediu de continuar registrando as duas versões e se referindo às ilhas como Falkland/Malvinas.

O poder do governo é o de determinar o número de horas e as línguas em que os serviços externos transmitem. Mesmo assim, esse poder não é absoluto. Em 1982, a primeira-ministra Margaret Thatcher tentou, sem sucesso, convencer o Parlamento a acabar com o serviço brasileiro - embora tenha conseguido reduzir a transmissão diária de duas horas e quinze minutos para uma hora e quinze minutos. Outras seções, como a italiana e a espanhola, foram cortadas. X

Acima da linha d'água, em todos os cantos do Brasil e em muitos pontos do mundo, a Petrobrás está presente. Isto você vê pelos grandes navios construídos no país, levando o nome e os produtos do Brasil moderno e industrializado. Você vê e sente a qualidade de atendimento dos milhares de postos Petrobrás, garantindo combustível às regiões mais distantes do país. Você vê, e a economia brasileira agradece, os campos de petróleo, no mar e na terra, aumentando nossa produção, de 187 mil, em 1980, para os atuais 600 mil barris por dia. Refinarias e conjuntos petroquímicos garantindo produtos para o mercado interno e para exportação. O que você vê são 34 anos de trabalho da Petrobrás, o que significa autonomia energética e avanço tecnológico.

A Petrobrás que você vê.



A Petrobrás que você não vê.

Para chegar ao nível que você possa ver, a Petrobrás vai ao fundo do mar e descobre petróleo em águas de mais de 1.000 metros de profundidade. Conquista que outras partes do mundo ainda não viram. Vai a outros países e também descobre petróleo. E do petróleo faz fertilizantes para ajudar nossa agricultura. Aumenta a produção de gás natural, para substituir o óleo combustível utilizado pela indústria. Mais do que isso: presente em vários continentes, a Petrobrás ajuda as empresas nacionais a exportar seus produtos. Foram 34 anos que passaram tão rápido que você nem viu que a sua Petrobrás é hoje uma das maiores empresas de petróleo do mundo. Com tecnologia brasileira.

PETROBRÁS

Do poço ao posto, o motivo é você.

Assunção

A nova arma contra Stroessner

Emudecidos pelo governo, o ABC Color *e a* Rádio Nanduti *não se entregam*

por Monica Yanakiew



Dono de imobiliárias, de lojas e de um jardim zoológico particular, construído no fundo do quintal de sua mansão, nos arredores de Assunção, Aldo Zucolillo jamais falta ao trabalho. Todas as tardes, depois de administrar seus rentáveis negócios, esse bem-sucedido empresário paraguaio de 58 anos ainda encontra tempo para ir até a redação de seu jornal, o *ABC Color*, como se tivesse que cuidar de cada detalhe da próxima edição. Só que o jornal, há quase quatro anos, não tem um só leitor. Foi fechado pelo general Alfredo Stroessner, líder do golpe militar de 1954 e presidente do Paraguai desde então.

Inaugurado no dia 8 de agosto de 1967 pelo próprio Zucolillo, o *ABC Color* já foi o jornal mais vendido do país, com uma tiragem de oito mil exemplares diários, para uma população de três milhões. Mas seus editoriais contra a corrupção e contra a construção da hidrelétrica de Itaipu, na fronteira com o Brasil, começaram a incomodar. Até que em março de 1984 Stroessner condenou seu ex-amigo Zucolillo ao silêncio.

Tour da corrupção - "Há quase quatro anos o jornal está fechado, mas eu mantive uma pequena equipe e continuo trabalhando como se o *ABC Color* fosse sair amanhã", diz Zucolillo. Dos 400 empregados da empresa, apenas 20 continuam freqüentando a redação vazia, com suas máquinas de escrever empilhadas num canto. Apuram matérias, seguem os assuntos do dia e informam aos repórteres de outros países que cobrem o Paraguai sobre tudo o que sabem mas não podem publicar. "Nada sai publicado aqui, mas precisamos manter um dedo acusador sobre o governo e, um dia, nosso trabalho servirá para reconstruir a verdadeira história do Paraguai, que não pode ser ignorada para satisfazer os caprichos de um ditador", diz Zucolillo.

O jornal obviamente perde dinheiro, mas Zucolillo é rico e consegue manter essa empresa funcionando graças a outras, que não foram fechadas. Seu chefe de redação, Adolfo Ruffo Medina, coordena uma das principais atividades do *ABC Color*, desde que o jornal deixou de ser impresso: mantém contatos com jornalistas estrangeiros e os leva, junto com um fotógrafo, por um chamado "tour da corrupção", que inclui visitas às principais áreas de contrabando e ao luxuoso bairro onde vivem os militares amigos de Stroessner.

Mas Zucolillo não é o único jornalista no Paraguai que se orgulha de trabalhar numa empresa de comunicações silenciosa. Humberto Rubim, dono da *Rádio Nanduti* (que em guarani quer dizer "teia de aranha"), se encontra na mesma situação desde o dia 14 de janeiro de 1987. Sua rádio AM-FM, que atingia um raio de 150 quilômetros, foi fechada e ele foi processado por violar a Lei n.º 209 de Paz Pública, que proíbe que se estimule o ódio entre paraguaios.

Pastas de arquivo - Sem poder sair do país, Humberto continua trabalhando na rádio. A equipe foi reduzida de 67 pessoas para 30. "Acompanhamos os assuntos do dia, promovemos debates sobre a liberdade que nunca vão ao ar e ganhamos um dinheirinho juntando recortes de jornais para preparar pastas de arquivos para embaixadas, organizações de direitos humanos, clubes de futebol e empresas" diz Rubim, de 52 anos. A rádio hoje fatura 20% do que faturava. "Para agüentar, tivemos que vender nossa casa em Buenos Aires, uma casa de campo e um carro", diz Glória, mulher de Rubim. "Também recebemos a ajuda de artistas que são contra o regime e que leiloam algumas de suas pinturas."

Sem os editoriais do *ABC Color* e sem a voz da *Rádio Nanduti,* Stroessner ficou livre da oposição nos meios de comunicação. Somente o Movimento de Mulheres para a Democracia, criado em maio de 1986, consegue fazer-se ouvir. Todos os dias, na *Rádio Caritas* (da Igreja), esse grupo lê um capítulo da Constituição para ver se consegue despertar nos jovens paraguaios, nascidos nesses 34 anos de ditadura, a necessidade de fazer valer seus direitos. A Constituição paraguaia, reformada pelo próprio Stroessner, permite reuniões públicas e proíbe a ditadura. X

Serviço ao assinante

MUDANÇA DE ENDEREÇO?

Se você é assinante da revista IMPRENSA e mudou de endereço, comunique seu novo domicílio através de carta, para REVISTA IMPRENSA - Depto. de Assinaturas - Rua Padre Chico, 85, cj. 61, Perdizes, CEP 05008 - São Paulo - SP.

Ou telefone para (011) 263-4677

A Souza Cruz está cada vez mais afinada com a cultura brasileira.

VS ESCALA

A Souza Cruz tem prestigiado sempre projetos culturais, que vão desde a música até o balé, as artes visuais, o teatro e a ecologia.

O Free Jazz e o Carlton Dance são exemplos de incentivo à vanguarda musical e coreográfica.

Nos espetáculos, a Souza Cruz colabora na realização de dois grandes eventos ao ar livre: A Paixão de Cristo, em Nova Jerusalém, e O Calvário de Frei Caneca, no Recife.

Ela também promove a divulgação do Círio de Nazaré, o maior ato religioso do país.

Em Campos do Jordão, co-patrocina o famoso Festival de Inverno.

E preserva nosso patrimônio histórico, tendo criado o Museu de Arte Sacra, em São João Del Rei.

A Souza Cruz também leva o seu apoio à ecologia através do Centro de Primatologia, no Estado do Rio, além das Hortas Escolares e do Clube da Árvore, no Sul do Brasil.

É a Souza Cruz fazendo a mensagem, o som e o significado da cultura chegarem a mais e mais brasileiros.

Souza Cruz



Meus brasis

Quem começou tudo foi a grande imprensa

por Luiz Henrique Romagnoli

Juro que não fui eu a começar. Foi a Imprensa grande. A *Veja* começou com um pernambucano pedindo a independência do Nordeste. Logo depois veio um gaúcho defendendo suas razões para separar o Rio Grande do Sul do resto do Brasil. Daí virou uma espécie de mania. Todo mundo quer dividir o Brasil. E se der certo? Poderia ser assim:

Uefa - Primeiro os que já estavam na fila. Os gaúchos, separatistas históricos, foram os primeiros a ganhar o direito de sair do Brasil sem o incômodo de empacotar os cristais. Levaram junto Santa Catarina e Paraná, formando a UEFA, como aquela entidade européia de futebol que promove campeonatos cujos vencedores são sempre alemães, poloneses e vizinhos próximos - daí a comparação. Os então governadores são candidatos naturais à presidência do novo país, que deverá ser o primeiro a conhecer a campanha de reunião nacional capitaneada por Leonel Brizola. Que, enquanto isso, vai tratando de sua sêxtupla cidadania.

Sudênia - Enfim, um verdadeiro país nordestino. Sem as interferências do Sul, pronto para seguir sua vocação de potência industrial e turística. Um grupo de deputados e entidades de esquerda discordou do nome, achando mais adequado assumir logo "Nova Índia", o que garantiria um lugar destacado nas conferências do Terceiro Mundo. A moeda corrente é o "padim". Na primeira eleição, disputam o poder Miguel Arraes, Marco Maciel e, correndo por fora, o repatriado Lula. Por falar em repatriamento, os estados do Sul, como prova de amizade entre as novas nações, devolveram à Sudênia alguns de seus melhores talentos, como Fagner, Pepeu Gomes e Amelinha.

Manhattan do Sul - Como é moda na Europa, nós também temos países muito pequenos mas altamente charmosos, como Mônaco. Este novo país abrange a Zona Sul de São Paulo e tem apenas moradores ricos e chiques. O Guarujá é uma espécie de estado-anexo, o que já traz os primeiros problemas internacionais de fronteira na Via Anchieta-Imigrantes. Mas nada que o presidente José Victor Oliva não saiba contornar numa noitada de negociações no palácio do governo.

Principado de Recarey - Tão charmoso quanto Manhattan do Sul, com a vantagem de que o mar está logo ali. Compreende a Zona Sul do Rio de Janeiro, mais Angra e Cabo Frio. A principal fonte de renda dos seus habitantes são bicos na Petrobrás e uma ou outra pontinha na *Globo*. Muito místico, este pequeno país tem o Flamengo como religião oficial e Ricardo Amaral como primeiro-ministro, seja qual for o príncipe — mas qualquer decisão só pega depois de rubricada por Roberto Marinho. Nas relações exteriores, o chanceler Ibrahim Sued tem dois problemas: manter as boas relações com Aniz Abrahão e Castor de Andrade, respectivamente, marajá e grão-vizir do país vizinho (que ocupa toda a Zona Norte do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense), Rocinha Sur Mer, ou Rocinha de Dentro, como é mais conhecido pela população local. O outro problema é que a região litorânea entre o principado, Rocinha e Manhattan do Sul, conhecida como Baía de Todas as Latas, é objeto de constantes invasões.

Cardoso do Norte e Cardoso do Sul - Antigos Estados de São Paulo e Minas Gerais, mais um pedacinho de Mato Grosso e Espírito Santo. Foi a divisão mais complicada, pois uma parte dos interessados queria que a região fosse implodida e dividida em pelo menos 30 países, para atender a todos os interesses. Outros, como Ulysses Guimarães, queriam manter tudo junto, sob o nome de PMDB. Mas, enfim, a região rachou e ficou dividida em dois. Cardoso do Norte é governado por Newton Cardoso e reúne, espalhada por vários condados, o que se chamava de "Nova República", incluindo Prisco Vianna e Roberto Cardoso Alves (que ainda não desistiu de juntar seus seguidores e fundar "Cardoso do Centro"). Já Cardoso do Sul tem sua capital em São Vicente, mais antigo município do extinto Brasil. É governado por Fernando Henrique Cardoso, e quem nasce naquele país é chamado "histórico".

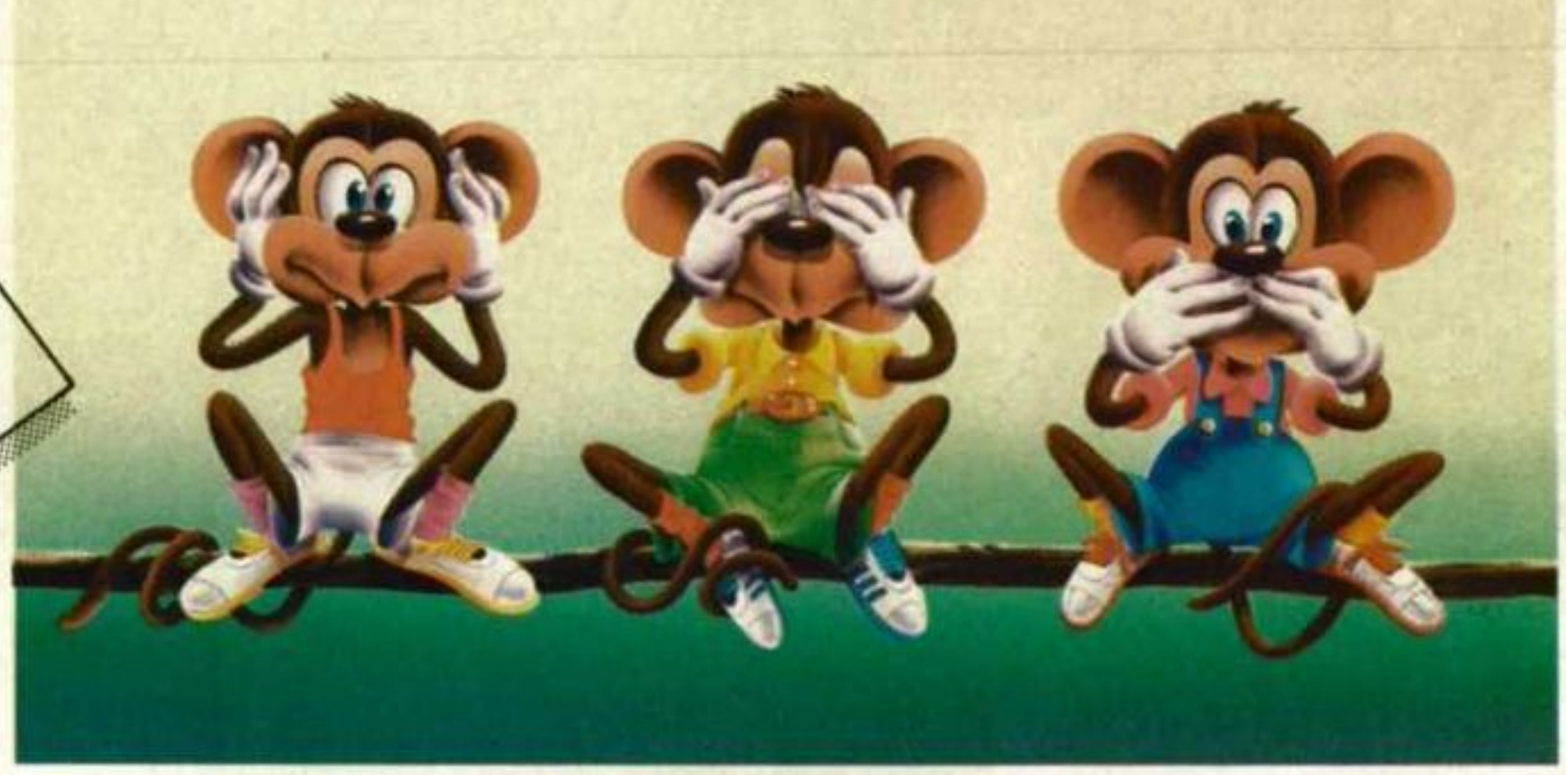
Jurunia - Uma das grandes vantagens da divisão do Brasil foi devolver o país aos índios. Pelo menos a parte que ainda não tinha McDonald's e Casas Pernambucanas. Toda esta região, antes conhecida como Amazônia, foi agora restituída aos índios, que mais do que depressa passaram tudo à ONU, em troca de duas refeições por dia, jornada de trabalho de 40 horas anuais e cachê em dobro nos documentários de Costeau.

Paris-Dakar-Cuiabá - Antigos Matos Grossos. Ocupado por empresas promotoras de eventos esportivos, para a realização de provas de **cross**, enduro, **rallies** e pólo aquático. Governado em regime de condomínio por Luciano do Valle.

Ferrovia Norte e Sul - O mais estreito país do mundo, tirando o título do Chile. Foi doado por unanimidade à família Sarney, e suas fronteiras, fechadas. Se descer do trem, toma tiro.

Brasil - Por incrível que pareça, sobrou um pedaço de terra que ainda se chama Brasil. Ocupa a área da antiga capital, Brasília, e está praticamente abandonado. Mas isso não intimida seu presidente, Paulo Maluf, candidato à segunda reeleição. X

O que o seu leitor sabe sobre a contribuição social da indústria?



Inscrições até 30 de Abril.

Participe do Prêmio Fiesp/Ciesp de Jornalismo.



Colucci

Você sabia que o Sesi é a maior rede de escolas privadas do Brasil?
Você sabia que o Senai já formou mais de 6 milhões de trabalhadores especializados?
Você sabia que o Sesi é a maior rede particular de saúde do Brasil?
A indústria faz isso e muito mais para melhorar o nível dos trabalhadores brasileiros e quase ninguém sabe. Por isso, o IRS - Instituto Roberto Simonsen está lançando o Prêmio Fiesp / Ciesp de Jornalismo, no valor de 1.000 OTNs, para a melhor reportagem sobre o assunto.
Participe. Você e a sociedade vão sair ganhando.
Solicite o seu Regulamento à Assessoria de Comunicação Social da Fiesp / Ciesp, Av. Paulista, 1313 - 10.º andar - Tel.: (011) 251-3522 - Ramal 284.
O prazo de inscrição se encerra em 30 de abril de 1988.

FIESP CIESP Instituto Roberto Simonsen

Jornal de Alagoas

Uma nova experiência para o jornalismo

Em busca de uma nova estratégia de mercado o Jornal de Alagoas lançou cadernos dirigidos a seis regiões do estado com uma página diária de noticiário local, cujo cabeçalho é identificado como sendo o jornal da região, composto e impresso em corpo igual ao Jornal de Alagoas que é vendido como suplemento nessas localidades. Com isso o Jornal de Alagoas passou a ocupar os espaços, até então, carentes de um meio de comunicação que registrasse seu dia-a-dia e quase dobrou a circulação sem muito investimento.

O jornalista Alberto Dines, da Editora Abril, manifestou que, na experiência do Jornal de Alagoas, "senti, de novo, renascer o espírito e a imaginação do jornalista brasileiro". Já o professor José Marques de Melo classificou a iniciativa como uma boa maneira de fazer jornalismo e que implica em alto grau de criatividade.

A idéia de interiorizar o Jornal de Alagoas é do diretor do veículo, Aécio Diniz, que por entender que o jornalismo não pode ter circuito exclusivamente dirigido à capital decidiu fazer uma pesquisa a partir da setorização geográfica do estado a fim de captar o potencial das regiões em termos de informação, circulação e publicidade. Visto que as condições eram favoráveis ao projeto, há cerca de um ano, o Jornal de Alagoas deu início a sua concretização, implantando, em primeiro lugar, o Jornal de Arapiraca que abrange a região do Agreste alagoana.

A seguir, foram criados o Jornal do Sertão, Jornal da Mata, Jornal do Vale, Jornal do Norte e o Jornal da Integração, além da primeira página do suplemento que recebeu a chamada de "Jornais do Interior".

Importância real

Ao todo o Jornal de Alagoas tem 24 páginas diárias, das quais 12 são dedicadas às notícias da capital (Maceió), estaduais, nacionais e internacionais e 12 voltam-se a divulgação e repercussão exclusiva das regiões que têm cobertura diária e local, o que encerra sete páginas; quatro outras são de classificados e uma página é destinada a anúncios e matérias pagas.

Essa sistemática somada ao que Aécio Diniz chama "alma e sensibilidade da página", uma vez que as páginas são elaboradas, redigidas e diagramadas nas respectivas localidades, o que dá importância equivalente ao que tem importância real para cada região, fez com que a tiragem do Jornal de Alagoas, em pouco tempo, passasse de quatro mil para sete mil exemplares, chegando a nove mil aos domingos.

Aécio Diniz frisa que as despesas operacionais de implantação e sustentação desse projeto não têm sido caras, pois a arrecadação do faturamento da publicidade e da circulação é suficiente para que os cadernos se paguem, apesar de os municípios serem pobres. Diniz revela, no entanto, que a maior mídia é proveniente das prefeituras e do governo do estado.

De acordo com o idealizador do projeto, "não abrimos sucursais nessas regiões alagoanas, na verdade, fizemos mais, abrimos micro-jornais". Os "micro-jornais", portanto, são estruturados com um repórter, um fotógrafo, um diagramador e um gerente comercial, o que custa, atualmente, cerca de CZ$ 50 mil. Computando os gastos totais, Diniz acredita que o Jornal de Alagoas aplica mensalmente nesse investimento o equivalente a CZ$ 300 mil.

Antes dos jornais do interior, a empresa jornalística tinha 120 funcionários, hoje, tem 150, com isso, conta o diretor, o Jornal de Alagoas soma mais um trunfo, "abrimos o mercado de trabalho em cidades que jamais imaginaram ter, um dia na vida, um jornal".

Satisfeito com os resultados dos trabalhos - mesmo sem dispor, nos quadros dos jornais do interior, de jornalistas profissionais, o que o diretor atribui ao fato de que os jornalistas não querem ir para o interior - Diniz espera que de alguma forma haja incentivo e declara que "há lugar para jornalistas profissionais que quiserem ir para o interior".

Integrando estados

Os jornais do interior porém, não se restringem unicamente ao interior do estado de Alagoas. No intuito de atender também ao interior dos estados que fazem fronteira com Alagoas, Aécio Diniz incluiu em seu projeto o Jornal da Integração que tem justamente esse objetivo.

Delmiro Gouveia é um município alagoano que faz divisa com os estados da Bahia, Sergipe, e Pernambuco. É a partir desta cidade que o Jornal da integração é distribuído. Conta Diniz que tanto Delmiro Gouveia quanto os outros municípios fronteiriços formavam uma "região virgem que não tinha nenhum veículo de comunicação impressa, onde nós conseguimos conquistar o espaço vazio".

Outro detalhe interessante da confecção do "Jornal de Alagoas e seus jornais do interior" e que também atravessa fronteiras é a peculiaridade de o jornal não ser impresso em Maceió, mas a aproximadamente 300 quilômetros da capital alagoana, em Recife (PE). Dessa forma, diariamente às 16 horas, sai o malote para Recife com as notícias do dia. A primeira página, porém, fecha, via telex, às 19 horas. Mas mesmo com a distância, ampliada ainda mais pelas estradas, às vezes em estado precário, o jornal chega pronto em Maceió, segundo Diniz, entre 4:30/ 5 horas da manhã. Em Arapiraca, por exemplo, o último jornal é entregue às 6 horas da manhã.

Diante de toda essa maratona diária que tem surtido efeitos positivos apesar das dificuldades e das críticas ouvidas no início do processo, quando, poucos acreditavam que a idéia poderia vingar e ter futuro, Aécio Diniz constata: "Existe um ditado que diz a dor ensina a gemer. É verdade!"

Jornalismo é talento

Talento e criatividade no preenchimento das necessidades. Em síntese essa é a definição que três jornalistas atribuíram ao projeto do Jornal de Alagoas que vem, inclusive, servir de alternativa para muitos jornais brasileiros.

O professor José Marques de Melo, chefe do departamento de Comunicação da Universidade de São Paulo, entende que a idéia de editar páginas correspondentes às diferentes regiões do Estado, implica em um alto grau de criatividade".

Marques de Melo valoriza ainda mais a idéia comparando sua originalidade à tendência acentuada "para copiar os modelos do grande jornalismo feito no Rio de Janeiro e São Paulo" que tem apresentado a imprensa regional e estadual no Brasil.

Para o professor, "fazer páginas correspondentes aos interesses das regiões é efetivamente buscar uma sintonização com os interesses dos leitores". O resultado concreto de que a experiência está sendo válida, na opinião de Marques de Melo é o aumento da circulação e do faturamento, o que quer dizer que a idéia tem o respaldo dos leitores e também dos anunciantes. Portanto, conclui Marques de Melo, "é uma boa maneira de fazer jornalismo".

Vinculando o trabalho do Jornal de Alagoas à Universidade, o professor Marques de Melo acredita que a participação de estudantes de jornalismo no desenvolvimento desse projeto seria válido, uma vez que os introduziria em um "processo vivo de produzir notícias".

"Um preenchimento de necessidades". Assim o professor de comunicação da Universidade Gama Filho e produtor do sistema Globo de rádio, Luiz Alberto Alves define a segmentação do Jornal de Alagoas. Alberto Alves defende e luta pela comunicação com tendências a se voltar para as peculiaridades regionais e alerta "quanto mais um país é empobrecido, mais precisa de vozes, de veículos de comunicação que divulguem as necessidades locais. Portanto, o jornal de Alagoas preenche exatamente isso", assinala comparando a importância dessa experiência ao rádio de âmbito nacional. Para o produtor, esse tipo de rádio, hoje, começa a perder sua força em função do fortalecimento das emissoras locais, porque elas cuidam dos problemas do seu público embuídas de um sentimento comunitário e da necessidade de atender a comunidade.

A partir desse comparativo, Alberto Alves afirma "o Jornal de Alagoas, em síntese, está fazendo o que o rádio deveria fazer. A idéia é muito boa".

Sair da retórica

Surpreendido com a originalidade e a disposição de sair da retórica que viu na idéia de Aécio Diniz, o jornalista Alberto Dines, da Editora Abril, disse que "essa foi uma das coisas mais emocionantes que vivi nos últimos meses em matéria de jornalismo. Fiquei arrepiado com a experiência porque senti, de novo, renascer o espírito, a imaginação do jornalista brasileiro".

Tendo em vista as condições que o sertão do nordeste do Brasil oferece em termos de operacionalização do projeto, Dines compara que a imaginação do idealizador é tão grande quanto a do pessoal do "USA Today", apenas com uma diferença: "eles fazem isso em lombo de burro e os outros em satélite. Achei espetacular. Aí está o talento do jornalista para vencer as dificuldades e acabar com o debate estéril".

Preocupado com o futuro jornalístico do país, uma vez que é jornalista e também professor, Alberto Dines se apega a experiência do Jornal de Alagoas, assim como a iniciativa do jornalista Aécio Diniz e ressalta a necessidade do jornalismo sair da retórica e ir para o trabalho. E finaliza "nós, jornalistas, somos pessoas de trabalho e viramos discursadores. Isso está atrapalhando um pouquinho".

(Transcrito do jornal da Associação Nacional dos Jornais)

O mais novo tabu

Os jornais não publicam a imagem real da Aids

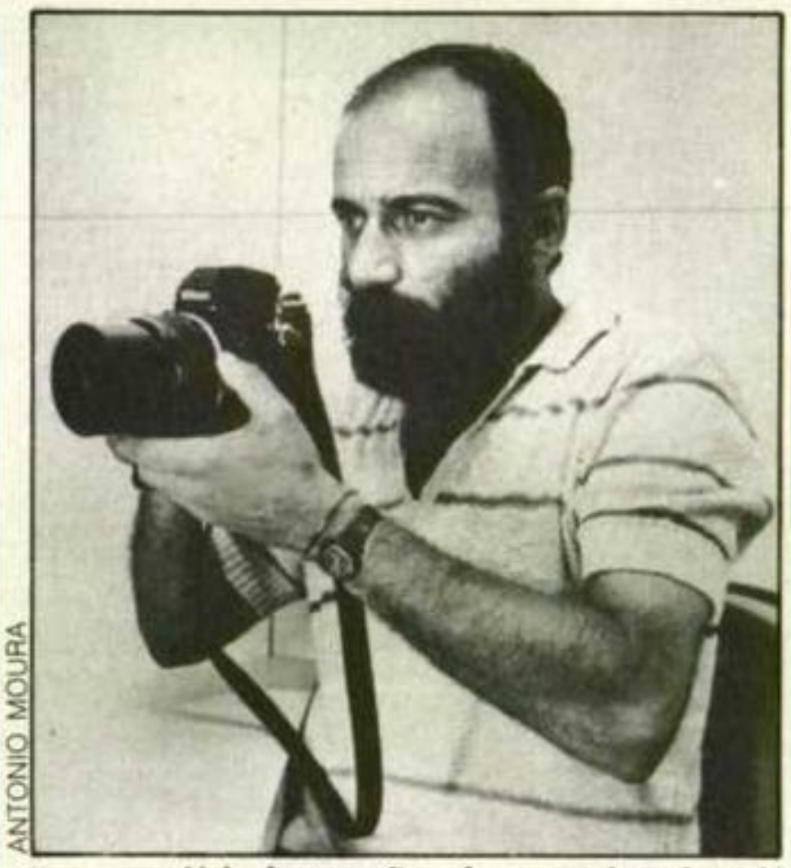
por Olívio Lamas

Sou fotógrafo profissional há 20 anos, sempre trabalhando em jornal. Nesses 20 anos, fiz e vi muita coisa, viajei por boa parte do mundo, tive oportunidade de fazer fotos de todos os tipos: de incêndios a corridas de Fórmula-1, de atropelamentos a desfiles de Carnaval, de rebeliões em presídios a praias lotadas de mulheres bonitas e gente saudável. Sempre tive a certeza de que o trabalho de um repórter fotográfico, seja qual for o assunto ou a circunstância, é trazer para a redação a melhor foto possível daquilo que estiver acontecendo.

Assim, aprendi a conter meus sentimentos na hora de fotografar. Se estou cobrindo um grande incêndio, por exemplo, daqueles em que as vítimas, desesperadas, se atiram dos andares mais altos, não me passa pela cabeça parar de fotografar para socorrer alguém. Esse é o trabalho dos bombeiros. O meu é levar para o jornal as fotos do incêndio e de suas vítimas. Graças a esse raciocínio, acho que consegui sobreviver inteiro a tantas atrocidades e tragédias que, por força do meu ofício, tive de presenciar.

A maneira de superar qualquer trauma ou choque causados por assistir a episódios violentos sempre foi ver, no dia seguinte, minha foto publicada. Além da realização profissional que isso traz, aquela certeza de ter cumprido com o meu trabalho, a publicação da foto compensa tudo: o desgaste emocional, o risco de vida, o conflito interior que eventualmente pode surgir na hora de fazer uma determinada foto. Sempre acreditei, ao ter publicada uma foto desse gênero, que estava dando minha contribuição para que as pessoas tomassem conhecimento de uma realidade, trocassem idéias sobre o assunto - enfim, se tornassem mais conscientes do mundo que as cerca. Por todas essas razões, jamais me recusei a fazer qualquer tipo de fotografia, por mais difícil, arriscada ou penosa que fosse.

Há um ano, porém, comecei a viver uma situação que nunca vivera antes - e, hoje, se depender de minha vontade pessoal, me recuso a fazer matérias nas quais tenha que fotografar pessoas contaminadas pela Aids. Explico por quê: só no ano passado, em cumprimento a pautas de meu jornal, fui seis vezes ao Hospital Emílio Ribas, o único de São Paulo destinado exclusivamente a aidéticos, onde fotografei crianças e adultos em várias fases da doença. Para fazer essas fotos, obviamente, tive de entrar nas enfermarias, me aproximar das pessoas, pedir a permissão de médicos, enfermeiros e pacientes, participando, ainda que por alguns minutos, de um mundo desolador, onde os doentes sabem que não têm cura e que a morte é apenas uma questão de tempo. Vi aidéticos revoltados, violentos até, vi os que são simplesmente abandonados pela família e pelos amigos, vi crianças que não riem, não fazem perguntas e não se movem das camas.



ANTONIO MOURA

Lamas: "A intenção é conscientizar"

Nas primeiras vezes, atendendo a pedidos dos médicos e pacientes, fiz apenas fotos em plano geral, com os doentes de costas ou contra a luz, sem mostrar rostos ou detalhes. Com o passar do tempo e sucessivas voltas ao hospital, me dei conta de que esse tipo de foto em nada contribui para o esclarecimento das pessoas - missão básica de qualquer jornalista. Fotos em plano geral ou contra a luz servem apenas para resguardar a identidade dos pacientes - mais nada. Não ajudam na compreensão da doença ou na descrição do abandono a que são relegados os aidéticos, não denunciam a precariedade de nossos hospitais, não alertam para a gravidade real da doença.

Foi com essa certeza na cabeça e uma pequena teleobjetiva de 105 mm na mão que resolvi fotografar um aidético de perto. A foto foi tirada pouco antes do Natal, no Emílio Ribas. Tive poucos segundos para obtê-la, porque as enfermeiras desconfiaram da lente, diferente das outras que sempre usei, e pediram para que eu me retirasse. Mas tive sorte: o único fotograma que pude fazer saiu perfeito, no foco, contrastado.

Pertenço a uma geração de fotógrafos que aprendeu seu ofício a duras penas, nos tempos em que trazer a foto pedida pelo editor, mesmo à revelia da pessoa que se ia fotografar - a chamada foto "roubada" - era mais do que uma demonstração de talento, coragem ou esperteza. Era uma obrigação. Dá para imaginar, então, o orgulho e a alegria com que copiei a foto e a entreguei aos meus editores. Mas, aí, comecei a me defrontar com o mais novo tabu do jornalismo brasileiro: não publicar fotos que mostrem detalhes dos efeitos devastadores da Aids sobre as pessoas. Apesar de elogiada por todos os que a viram, minha foto não foi publicada, sob a alegação de que era "muito chocante".

Depois disso, decidi: se depender de mim, não farei mais fotos de aidéticos. De nada valeram o risco que corri no hospital ao burlar as regras, e o desgaste emocional que sofri ao ver as pessoas morrendo brutal e anonimamente. Sobraram apenas a angústia e a sensação de impotência por ver de perto a realidade da Aids e não poder mostrá-la a ninguém. Duvido, por exemplo, que o presidente da República ou o ministro da Saúde já tenham visto, pessoalmente ou através de fotografias, um aidético em fase terminal, como este que fotografei. Quando "roubei" esta foto, a intenção era, entre outras, a de cumprir minha tarefa como jornalista: tentar despertar a consciência das pessoas, desde o presidente da República ao mais humilde dos leitores. Mas não tive sucesso.

Agora que tenho a oportunidade de publicar a foto *(veja na página seguinte)*, gostaria de encerrar este depoimento com uma pergunta muito simples: o que é chocante, a foto ou a Aids? →



AGÊNCIA GLOBO/OLÍVIO LAMAS

Esta é a foto que ''roubei'' no Emílio Ribas e que não foi publicada sob a alegação de que é ''muito chocante'': o que choca mais, a foto ou a Aids?

A SABEDORIA POPULAR MANDA POUPAR NA NOSSA CAIXA.

O POVO NÃO SE ENGANA. SABE QUE POUPAR NA NOSSA CAIXA SIGNIFICA SEGURANÇA E RENTABILIDADE COM TOTAL GARANTIA.

E ISSO NÃO É DE HOJE. HÁ 70 ANOS A NOSSA CAIXA PRESTA OS MELHORES SERVIÇOS AOS SEUS CLIENTES. A NOSSA CAIXA É O SEU BANCO, UM BANCO QUE CUIDA DA SUA POUPANÇA PARA VOCÊ VIVER MAIS TRANQÜILO. NÃO É À TOA QUE A SABEDORIA POPULAR MANDA POUPAR NA NOSSA CAIXA.

POR QUE DEIXAR PARA DEPOIS SE VOCÊ PODE COMEÇAR A GANHAR AGORA? POUPE NA NOSSA CAIXA.

nossa caixa

CAIXA ECONÔMICA DO ESTADO DE SÃO PAULO SA

O NOSSO BANCO

CADERNETA DE POUPANÇA

nossa caixa

O NOSSO BANCO



2 fábricas. 22.000 funcionários. 9 restaurantes: 400.000 refeições por mês. 5 ambulatórios, 2 enfermarias: 14 médicos, 25 enfermeiros e auxiliares de enfermagem. 2 linhas de ônibus circulares. 26 ''carteiros'': 400 quilos de correspondência por dia. 2 gráficas. 1 revista mensal: 25.000 exemplares. 1 ''corpo de bombeiros'': 54 bombeiros, 458 auxiliares. 2 padarias: 20 mil pãezinhos por dia. Essa verdadeira cidade, que recolhe mais impostos que a maioria dos municípios brasileiros, chama-se General Motors do Brasil. A capital do automóvel.

GENERAL MOTORS, BRASIL. UMA CIDADE COM MAIS HABITANTES QUE GENERAL CÂMARA (RS), MAIS MÉDICOS QUE GENERAL CARNEIRO (PR), MAIS BOMBEIROS QUE GENERAL MAYNARD (SE), MAIS RESTAURANTES QUE GENERAL SALGADO (SP), E MAIS FÁBRICAS QUE GENERAL SAMPAIO (CE).

GM BRASIL Chevrolet

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO HOMEM